

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/ SP**

CÍNTIA GEMMO VILANI

**SEM FRONTEIRAS:
UMA COMPREENSÃO PSICOLÓGICA DE MISSIONÁRIOS
BRASILEIROS PROTESTANTES EM CONTEXTOS TRANSCULTURAIS**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**SÃO PAULO
2014**

CÍNTIA GEMMO VILANI

**Sem Fronteiras:
Uma compreensão psicológica de missionários brasileiros protestantes
em contextos transculturais**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de doutor em Psicologia Clínica sob a orientação da Profª Drª Rosane Mantilla de Souza.

**São Paulo
2014**

BANCA EXAMINADORA

In memoriam

minha eterna amiga Cibeles

AGRADECIMENTOS

Esta tese teve uma longa gestação ao longo dos quatro anos em que estive trabalhando nela e sou muito agradecida a todos que colaboraram para o êxito deste trabalho.

Em primeiro lugar a Deus, criador de todo o Universo, por estar sempre comigo nesta caminhada tanto nos momentos bons quanto nos difíceis. Poder vivenciar que Ele cuida de nós e que tem o melhor para aqueles que O amam é uma grande alegria!

À minha querida orientadora, Rosane, a quem agradeço com todo o coração por estar comigo há sete anos, incentivando minha carreira de pesquisadora deste o Mestrado, reconheço todos os seus esforços não só enquanto professora, mas como uma excelente profissional da psicologia clínica da qual tenho muito agradecer e pela mega paciência de ensinar a ‘petit’ a dar passos de ‘gente grande’ sempre!

Aos meus pais Cérgio e Ângela pelo amor, pela formação enquanto pessoa, incentivo, compreensão e ter o apoio deles em todos os momentos da minha vida acadêmica, aos meus avós paternos Gilda e Pedro (*in memoriam*) e aos meus avós maternos Teresinha e Rubens por terem me incentivado a buscar sempre o cuidado pelo outro!

Às minhas primas Isabele e Lilibete que tiveram sempre a paciência de não ter as antigas férias como de anos atrás e pela ausência no *facebook*!

Aos meus amigos Matheus, Selmira, Denise, Tamires e Flávio pela enorme paciência que tiveram comigo, minhas neuras e minha falta de tempo!

Ao meu amigo Wagner que me ajudou nas traduções e revisões das escalas em língua inglesa, à minha amiga Sumico e ao Daniel que me ajudaram na conclusão deste trabalho, meu muito obrigada!

Ao Pastor Samuel que se tornou um grande amigo, obrigada pela infinita paciência, instrução, oração e apoio em todos os momentos da minha vida (até mesmo estando na Coréia do Sul) e pelas ‘discussões santas’ que me fizeram conhecer o outro lado da vida religiosa!

A família da Igreja Água Viva da qual sou grata por todo o apoio e compreensão que tenho tido nesses anos de trabalho no Doutorado, à minha Fonte Sarça que esteve comigo nos momentos mais difíceis da minha vida,

principalmente, a minha líder e amiga Andreza e aos meus amigos do Living Water que sem vocês não teria toda essa força, mas especialmente a Mariana e ao Juliano pela amizade sem comparação que ganhei nos últimos meses!

Agradeço ao apoio do CNPq e da CAPES que disponibilizaram a bolsa pela qual não seria possível realizar mais esse sonho em minha vida.

VILANI, Cíntia Gemmo. Sem Fronteiras: Uma compreensão psicológica de missionários brasileiros protestantes em contextos transculturais. 2014. 132p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

RESUMO

Os missionários cristãos das igrejas protestantes históricas - batista, presbiteriana, metodista e luterana – têm realizado um trabalho importante para a expansão do Cristianismo em diversos países. Apesar da vocação e relevância do trabalho tem sido identificado tanto pela literatura religiosa quanto a científica, a presença de dificuldades emocionais freqüentes, principalmente quadros de ansiedade e depressão. O objetivo desta tese foi identificar as variáveis associadas às condições de saúde mental de missionários brasileiros protestantes em contexto transcultural. Foi realizada uma pesquisa quantitativa, utilizando-se um questionário com questões demográficas, acerca de significado do trabalho e apoio social; a Escala de Adaptação Sociocultural Revisada (SCAS-R) de Wilson (2013); Escala de Flexibilidade Cognitiva de Martin & Rubin (1995); e os inventários de sintomas ansiosos (BAI) e depressivos (BDI) de Beck (2001) que foi disponibilizada e respondida online por uma amostra em bola-de-neve. Tratou-se de uma amostra de 49 adultos, equilibrada em relação ao sexo (20 homens e 29 mulheres); a maioria com idade entre 31 e 40 anos, casados e com filhos crianças atuando em 22 países, um dos quais não identificado. A maioria deles agenciados pela Junta Mundial de Missões 25; apresentavam alta escolaridade com 23 dos participantes com graduação completa; 36 já estava atuando como missionários transculturais sendo que 18 dos participantes estavam há 6 e 10 anos atuando no exterior. Dentre os missionários, 24 desenvolveram essa atividade como carreira; 43 não exerciam atividades extra-religiosas; possuindo em média, 45,8 horas/semanais em campo missionário. Observou-se que 35 participantes apresentaram nível de ansiedade superior ao esperado para a população brasileira e mundial e sete apresentaram nível de depressão acima do esperado para a população brasileira e mundial. Adaptação cultural, bem como com o tipo de apoio oferecido pela família conjugal (esposa/marido/filhos); não trabalhar em atividades remuneradas além do serviço missionário; nível de escolaridade, condição econômica e física, foram as variáveis correlacionadas com o nível de ansiedade dos missionários. No que se refere à depressão estava correlacionada ao tempo de serviço missionário executado fora do Brasil; se a primeira experiência de atuação como missionário transcultural e a carga de horário semanal de trabalho. Identificamos ainda a tendência dos participantes em utilizar recursos de *coping* religioso como forma de enfrentamento das dificuldades, muitas das quais de cotidiano e não relativas à fé. Aponta-se a necessidade de futuras pesquisas para compreender melhor os fenômenos relacionados, com a finalidade de proporcionar suporte e cuidado psicológico aos missionários que atuam em contexto transcultural.

Palavras-chaves: missionários, adaptação cultural, ansiedade, depressão

VILANI, C.G. Unbounded: A psychological comprehension on Brazilian protestant missionaries under transcultural contexts. 2014. 132p. Doctorate in Clinical Psychology - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC- SP, São Paulo, 2014

ABSTRACT

Christian missionaries from historic Protestant churches—Baptist, Presbyterian, Methodist and Lutheran—have performed important work to spread their faith across a variety of countries. Given that their activities overseas involve a number of variables, including issues such as bureaucracy and corruption in the workplace; that they may have to work within a different social or political context than that of their homeland, having to adapt to the local culture—mastering the language, coping with the different lifestyle (cognitive flexibility and acculturation)—; and that emotional problems occasionally emerge in the process, this Thesis set out to study the mental health of Brazilian Protestant missionaries in cross-cultural settings. We conducted quantitative and qualitative research, using a set of assessment instruments consisting of a demographic questionnaire; Wilson's Revised Sociocultural Adaptation Scale (SCAS-R) (2013); Martin & Rubin's Cognitive Flexibility Scale (1995); and Beck's inventories of anxiety (BAI) and depression symptoms (BDI) (2001). For statistical analysis, we used non-parametric tests such as Pearson's chi-square, Spearman's correlation, the Kruskal-Wallis, and Multiple Linear Regression, in order to understand how the variables related to the symptoms of anxiety and depression. The continuous variables were entered using a simple average, and the information obtained in the essay questions, categorized into themes for assimilation. We found an adult, gender-balanced sample of 20 men (41%) and 29 women (59%), many (20, or 41%) of whom were 31-40 year-olds, mostly (30, or 61%) married. The cross section included missionaries working in 21 identified countries and in one country that remained unnamed for safety reasons. Most respondents were with the Brazilian Baptist Convention's World Missions Committee (*Junta de Missões Mundiais*); 25 (or 51% of) participants had completed high school and 23 (48%) of them had an undergraduate degree; 36 (74%) were already acting as cross-cultural missionaries and 18 (37%) had been working abroad for 6 or 10 years. Of those interviewed, 49% developed the missionary activity as a career; 43 (88%) were engaged exclusively in religious activities; and their work time in the mission field averaged 45.8 hours a week.. It was observed that 35 participants had higher than expected level of anxiety for the Brazilian and global population and seven had levels of depression than expected for the world Brazilian population and global population. Cultural adaptation, as well as the type of support offered by the conjugal family (wife / husband / children); not work in gainful activities beyond the missionary service; education level, economic status and physical variables were correlated with the level of anxiety of the missionaries. With regard to depression was correlated with time missionary service performed outside Brazil; if the first experience of acting as a cross-cultural missionary and the burden of weekly working hours. Yet identified the tendency of participants to use religious coping resources as a way of coping with difficulties, many of which are not related to everyday life and faith. Pointed out the need for future research to better understand the phenomena related with the purpose of providing support and psychological care to missionaries working in cross-cultural context.

Keywords: missionaries, cultural adjustment, anxiety, depression

VILANI, C.G. Pas de frontières: Une compréhension psychologique des missionnaires protestants brésiliens dans des contextes transculturels. 2014. 132p. Thèse (Doctorat en psychologie clinique). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC- SP, São Paulo, 2014

RÉSUMÉ

Missionnaires chrétiens des Eglises protestantes - baptistes, presbytériens, méthodistes et luthériennes - ont fait un travail important pour la diffusion du christianisme dans divers pays. Malgré la vocation et la pertinence des travaux de la présence fréquente de détresse émotionnelle, en particulier les conditions de l'anxiété et de la dépression a été identifiée à la fois par la littérature religieuse que scientifique. L'objectif de cette thèse était d'identifier les variables associées à des problèmes de santé mentale des missionnaires protestants brésiliens en contexte interculturel. La recherche quantitative et qualitative a été menée à l'aide d'un questionnaire avec des questions démographiques sur le sens du travail et le soutien social; Socioculturel Échelle de L'adaptation Révisée (SCAS-R) Wilson (2013); Échelle Cognitive de Flexibilité (Martin & Rubin; 1995); et les stocks de symptômes d'anxiété (BAI) et la dépression (BDI) Beck (2001) qui a été mis en ligne et répond par une neige échantillon-ball. Il s'agissait d'un échantillon de 49 adultes, pondérées en fonction du sexe (20 hommes et 29 femmes); la majorité âgés entre 31 et 40 ans, marié avec des enfants des enfants qui travaillent dans 22 pays, dont non identifié. La plupart d'entre eux négocié par le "Junta Mundial de Missões" (25); eu lycée avec 23 participants avec l'obtention du diplôme complet; 36 agissait déjà comme missionnaires interculturels avec 18 participants, il y avait 6 et 10 ans travaillant à l'étranger. Entre les missionnaires, 24 ont développé cette activité comme une carrière; 43 n'ont pas exécuté les activités extra-religieux; ayant en moyenne 45,8 heures / semaine dans le domaine de la mission. Il a été observé que 35 participants ont eu niveau plus élevé que prévu d'inquiétude pour la population brésilienne et mondiale, et sept avaient des niveaux de dépression que prévu pour la population brésilienne et mondiale. L'adaptation culturelle, ainsi que le type de soutien offert par la famille conjugale (femme / époux / enfants); fonctionne pas dans des activités lucratives au-delà du service missionnaire; niveau d'éducation, la situation économique et les variables physiques ont été corrélés avec le niveau d'anxiété des missionnaires. En ce qui concerne la dépression a été corrélée avec le service missionnaire à l'heure exécutée hors du Brésil; si la première expérience d'agir en tant que missionnaire interculturelle et le fardeau de la durée hebdomadaire du travail. Encore identifié la tendance des participants à utiliser les ressources d'adaptation religieux comme un moyen de faire face aux difficultés, dont beaucoup ne sont pas liés à la vie quotidienne et de la foi. Indiqué la nécessité pour les recherches futures de mieux comprendre les phénomènes liés à l'objectif de fournir un soutien et des soins psychologiques aux missionnaires qui travaillent dans un contexte interculturel.

Mots-clés: missionnaires; adaptation culturelle; anxiété; dépression

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Desenvolvimento do Protestantismo (versão traduzida)	8
Gráfico 2. Estrutura e tamanho de redes sociais desenvolvido por Sluzki (2006)	28
Gráfico 3. Curva de Choque Cultural	30
Gráfico 4. Idade dos participantes	51
Gráfico 5. Nível de escolaridade dos participantes	52
Gráfico 6. Condição financeira e física dos missionários	52
Gráfico 7. Sobre atuação e tempo em missão transcultural	53
Gráfico 8. Sobre as agências de envio de missionários transculturais	54
Gráfico 9. Sobre a condição missionária dos participantes	55
Gráfico 10. Sobre o significado de ser missionário	59
Gráfico 11. Família de origem do missionário	62
Gráfico 12. Importância de ser missionário transcultural	65
Gráfico 13. Flexibilidade cognitiva	70
Gráfico 14. Níveis de ansiedade	72
Gráfico 15. Níveis de ansiedade e SCAS-R	76
Gráfico 16. Níveis de depressão	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 5. Correlação de <i>Spearman</i> entre o nível de ansiedade e variáveis do Questionário geral (Q1)	75
Tabela 6. Correlação de <i>Spearman</i> entre ansiedade e adaptação cultural	76
Tabela 7. Regressão linear de Ansiedade	77
Tabela 9. Retrato qualitativo dos participantes quanto à ansiedade	78
Tabela 10. Correlação de <i>Spearman</i> entre depressão e adaptação cultural	83
Tabela 13. Retrato qualitativo dos participantes quanto à depressão	83

LISTA DE BOXPLOT

Boxplot 1. Ansiedade e adaptação cultural	76
Boxplot 2. Depressão e adaptação cultural	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. O MISSIONÁRIO BRASILEIRO PROTESTANTE TRANSCULTURAL	5
1.1 Preparação, envio e suporte financeiro aos missionários	9
1.2 A importância da preparação teológica e pessoal	15
1.3 Dificuldades de ser missionário protestante brasileiro	18
2. AJUSTAMENTO CULTURAL E MISSÕES RELIGIOSAS	24
2.1 Recursos de enfrentamento e flexibilidade cognitiva	32
2.2 As dificuldades e mudanças culturais.....	35
2.3 Saúde mental dos missionários	38
3. OBJETIVO	42
4. MÉTODO	44
4.1 Participantes	44
4.2 Procedimento	45
4.3 Instrumentos e análise de dados	46
4.4 Considerações éticas	49
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	50
5.1 Retrato dos participantes	50
5.2 Ser missionário e suas significações	57
5.3 Adaptação cultural e flexibilidade cognitiva.....	67
5.4 Saúde mental do missionário transcultural.....	72
5.4.1 Ansiedade	72
5.4.2 Depressão.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

ANEXO 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	102
ANEXO 2 - Instrumento da Pesquisa	104

INTRODUÇÃO

Desde meados da década de 1980, cresce a cada ano o número de missionários brasileiros pregando ao redor do mundo. O levantamento realizado em 2010, pelo *Centro para o Estudo do Cristianismo Global*, associado ao *Seminário Teológico Gordon - Conwell (EUA)* constatou a existência de 34 mil brasileiros espalhados em missão, sejam eles católicos, ortodoxos ou protestantes.

O substantivo missionário, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Novo Aurélio¹, significa “padre, pastor, religioso enviado para pregar uma missão, para evangelizar”. Todas as igrejas protestantes históricas - batista, presbiteriana, metodista e luterana- têm agências missionárias com função de selecionar e preparar indivíduos que desejam ser missionários, os quais podem atuar em seu próprio país de origem ou no exterior, quando são denominados missionários transculturais (HESSELGRAVE, 1994).

Os missionários cristãos protestantes têm realizado um trabalho importante para a expansão do Cristianismo em diversos países. Segundo Meer (2009), no entanto, muitos missionários brasileiros nessa situação enfrentam dificuldades que não se referem à crença em Deus, mas sim, a problemas relacionados com o desígnio vocacional, aos dissabores vivenciados com colegas de trabalho, aos desentendimentos com o parceiro amoroso, questões de burocracia e corrupção no local de trabalho e transtornos emocionais considerados por eles como grande incômodo.

Outros autores (CHENG, 2001; BERNAL& RODRIGUEZ, 2012; STAHL & CALIGIURI, 2005) ainda se referem à existência de adversidades na área financeira e dificuldades relativas ao nível de pobreza, ao racismo e outras formas de discriminação que podem afetar o bem estar desses indivíduos em trânsito. Ser estrangeiro, em um país com cultura diferente da própria, e sem convivência social com conterrâneos, pode ocasionar adoecimento tanto físico quanto mental.

Como terapeuta, atendi a casos de missionários de igrejas protestantes os quais retornavam ao Brasil por problemas familiares ou atualização profissional e assim, identifiquei que as principais queixas apresentadas eram:

¹Disponível em <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Missionario.html>>, 2014

o descontentamento com a direção eclesiástica no Brasil, dificuldades em lidar com a burocracia no campo missionário e problemas de corrupção com missionários de outras agências. Todos apresentavam sintomas depressivos ou de ansiedade, não tratados, seja pela falta de recursos na área de saúde, seja pelo receio de se mostrarem doentes e terem que abandonar a missão.

Pesquisas internacionais (FERNANDO, 2002; HICKS, 2002; KOTESKEY, 2011; IRVANE, 2006; PASCOE, 2006; WICKSTROM, 1998) tem apontado para problemas de saúde mental de missionários que atuam em contextos transculturais, tais como quadros depressivos (PATTERSON, 2003; SCHUBERT, 2002), de ansiedade (BACON, 2011; KIMBER, 2012) bem como quadros de comportamentos agressivos (HICKS, 1999), problemas emocionais envolvendo sentimentos de amargura, solidão e desânimo (DIASO, 2010; SCHUBERT, 2001).

Pesquisadores na área da Religião consideram que a saúde mental, a visão de mundo, a posição social, o estilo de vida, as condições de saúde física e o relacionamento familiar são fatores que podem influenciar a qualidade do trabalho desenvolvido por missionários cristãos (CHENG, 2001; STAHL & CALIGIURI, 2005).

Em relação a estudos realizados em Psicologia em nível mundial, o banco de dados da *American Psychological Association* (APA) permitiu identificar que em 1973 o termo 'missionário' foi incluído no seu indexador de palavras, provavelmente devido ao *boom* de deslocamento de missionários principalmente aos países africanos ainda colonizados durante a década de 1960. Algumas pesquisas relataram de que forma os missionários foram recrutados, treinados e sustentados (DREGER, 1967; HANFMANN, 1966; JONES, 1967).

Chamou-nos a atenção o fato de não verificarmos no levantamento bibliográfico das bases de dados BVS-ULAPSI², APA PsycNet³ e Portal da Capes⁴ trabalhos que investigassem temas específicos sobre adaptação cultural de missionários, à medida que os missionários transculturais precisam adaptar seu modo de viver para realizar o trabalho de missão em contextos

²Disponível em <www.bvs-psi.org.br/>, 2013

³ Disponível em <psycnet.apa.org/>, 2013

⁴ Disponível em <www.periodicos.capes.gov.br/>, 2013

diversos aos seus. Nesse sentido, consideramos que vivenciam demandas semelhantes ora às dos imigrantes ora às dos expatriados, mesmo que não possam ser enquadrados estritamente em nenhuma dessas categorias: vivem o processo de ajustamento cultural que é a adaptação eficiente em um ambiente distinto ao seu local de origem, em que o domínio do idioma local falado, o uso de vestes típicas, hábitos e costumes locais devem ser por eles incorporados (CARDOSO, 2008; MAGALHÃES, 2008, TUNG, 1998).

Embora enfrentem os conflitos de adaptação cultural, os missionários vivenciam outros desafios específicos relativos às particularidades de sua atividade, problemas com perseguição político-religiosa, viver sob baixas condições de vida relacionadas ao contexto do país para onde se dirige, sejam elas decorrentes de guerra civil, militar ou religiosa e/ou situações pós-desastres naturais (HESSELGRAVE, 1994; MEER, 2009).

Alguns pesquisadores da década de 1960, diante dos milhões de dólares gastos no processo de envio de missionários cristãos, em geral, (CLEVELAND, MANGONE & ADAMS, 1960), sugeriram o uso de testes psicológicos com a finalidade de recrutar os indivíduos que estivessem com boa saúde mental para o desenvolvimento desse serviço (GUNDERSON & KAPLFER, 1966; HANFMANN, 1966; MISCHER, 1965), visto que as pesquisas realizadas pelos centros religiosos identificavam pessoas não aptas para o serviço missionário; mostrando transtornos emocionais e que tinham dificuldade para lidar com a rejeição dos habitantes locais (MALBRY, 1969).

A revisão bibliográfica realizada (BVS-ULAPSI, APA PsycNet, Portal da Capes) também permitiu verificar que os estudos publicados no Brasil e em países de Língua Portuguesa acerca de missionários cristãos referem-se majoritariamente a questões da evangelização realizada pela Igreja Católica (POMPA, 2001; NASCIMENTO, 2005).

No caso dos missionários protestantes, são descritos como indivíduos desprendidos de sua pátria, que se dispõem a viver pela fé, preocupados com a relação indivíduo-Deus. Para isso, tentam construir a conexão entre os membros das comunidades locais e Deus por meio do oferecimento de educação com qualidade, redução do nível de pobreza e crescimento sustentável em projetos filantrópicos (GONZÁLES & ORLANDI, 2010; ORTA, 2002; MEER, 2009; MISCHER, 1965). No entanto, parece-nos que os objetivos

e a fé não são suficientes para garantir a qualidade de vida ou resolver os conflitos internos ou interpessoais vivenciados.

Ao tomar como base a conceituação de qualidade de vida definida pela divisão da Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde (OMS), como a “percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e, em relação aos seus objetivos, expectativa, padrões e preocupações” e diante da escassez de pesquisas e programas de atendimento a essa população, resolvemos produzir esta pesquisa de doutorado com a proposta de investigar as condições de saúde mental de missionários brasileiros protestantes em contexto transcultural.

Esperamos, com isso, obter subsídios para o desenvolvimento de estratégias e programas de apoio e ajuda psicológica com base nas demandas identificadas na amostra voluntária de participantes.

Para realizar a pesquisa, foram organizados dois capítulos teóricos e de revisão de pesquisas que darão suporte ao trabalho. No primeiro, “O missionário brasileiro protestante transcultural” apresentamos um breve relato sobre os missionários cristãos brasileiros e seu trabalho fora do Brasil, caracterizando o universo de atuação transcultural. O segundo capítulo “Ajustamento Cultural e Missões Religiosas” descreve as demandas de ajustamento cultural bem como os aspectos sociais e psicológicos particulares, vivenciados e sofridos pelo missionário independentemente do contexto cultural e político em que esteja inserido.

As demais seções - Objetivos, Métodos, Resultados e Discussão - apresentam o modo pelo qual a pesquisa foi realizada, bem como o tratamento e a análise dos dados. Em “Considerações Finais”, apontamos as conclusões gerais que foram possíveis de serem afirmadas, revelando a possibilidade de futuras investigações para análises mais aprofundadas a respeito da vida missionária em contextos transculturais.

1. O MISSIONÁRIO BRASILEIRO PROTESTANTE TRANSCULTURAL

Este capítulo tem como objetivo discorrer sobre a figura do missionário protestante brasileiro, situando como ocorre a escolha e o desenvolvimento desse trabalho missionário, bem como, exemplificar a maneira pela qual este ocorre. O texto se baseia nas informações públicas disponibilizadas por algumas agências, responsáveis pelo envio de missionários, tanto em contexto local quanto transcultural e pela experiência pessoal da pesquisadora. Será descrito a importância da capacitação missionária na área teológica e psicológica, bem como, as dificuldades que podem ser enfrentadas pelos missionários brasileiros.

É importante observar que o missionário protestante é um indivíduo que renuncia a seus planos e anseios pessoais em benefício de um chamado religioso de proclamar os ensinamentos da religião cristã a outros povos. De acordo com os ensinamentos bíblicos, qualquer cristão deveria ir a todos os lugares do mundo a fim de anunciar o evangelho (Livro de Marcos, capítulo 16, verso 15, Bíblia Sagrada na Nova Versão Internacional), não importando se perto ou longe de sua cidade natal (Livro de Atos, capítulo 1, verso 8, Bíblia Sagrada na Nova Versão Internacional).

O cristão que escolhe ser missionário admite ter recebido uma vocação especial para realizar essa atividade, pois não acredita tratar-se de uma profissão e sim a realização de um ministério divino. Para isso utiliza a Bíblia - o único livro sagrado do Cristianismo - uma obra considerada pelos seus seguidores como inspirada pelo próprio Deus. Nela, há relatos de como Ele escolheu diversos homens para retratar a Sua presença, demonstrando as consequências da obediência ou desobediência aos desígnios divinos, ao longo da história do homem e em diversos locais, costumes e culturas (BRUCE, 2011; HORTON, 2013; SPROUL, 1998).

A Bíblia também é considerada como único livro sagrado utilizado pelos cristãos católicos e ortodoxos, independente das polêmicas acadêmicas ou religiosas, que envolvem as diferenças relativas à ausência de alguns cânones na versão protestante. Ela figura como objeto central de todos os modelos utilizados em campo missionário (GONZÁLES & ORLANDI, 2008).

O Cristianismo é uma religião com inclinação universal, a qual consiste na ordenança de serem anunciados os ensinamentos dados por Jesus Cristo a todas as tribos, línguas e nações (HESSELGRAVE, 1994). Essa caracterização é conhecida na tradição religiosa como a ‘Grande Comissão’, tendo o seguinte versículo como referência:

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: ‘Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos’. (Mateus 28:18-20, Bíblia Sagrada na Nova Versão Internacional)

Por meio de tal ordenança, os missionários têm como objetivo proclamar o “Plano da Redenção”, que é a remissão dos pecados pela morte salvífica na cruz pelo salvador Jesus Cristo, para os povos em geral. Estes se apóiam no texto do apóstolo Paulo à igreja de Éfesos em que afirma a diferença de vocações entre os seguidores (GONZÁLES & ORLANDI, 2010):

Aquele que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus, a fim de encher todas as coisas. E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado. (Efésios 4: 10-12, Bíblia Sagrada na Nova Versão Internacional)

A leitura do texto bíblico acima permite observar que não é usado o termo ‘missionário’, somente as expressões ‘apóstolo’, ‘profeta’, ‘evangelista’, ‘pastor’ e ‘mestre’ estão retratadas. Os termos mais aproximados de missionários seriam evangelistas e apóstolos que se diferem biblicamente, visto que o termo evangelista, do grego “εὐαγγελιστής”, significa “*mensageiro do bem*” e é distinto do termo apóstolo, do grego “Αποστόλου” cujo significado é “*enviado*”. Desta forma, o apóstolo seria um indivíduo específico, escolhido para ensinar os princípios cristãos e propagá-los pelo mundo, enquanto o

evangelista seria ensinado pelo apóstolo a divulgar essas informações (DICIONÁRIO INTERNACIONAL DO NOVO TESTAMENTO, 2000).

O emprego do termo missionário iniciou-se com os primeiros cristãos católicos, associado à ideia de realizar a missão de Deus. Etimologicamente⁵, missionário, do latim “*missionarius*” é aquele “*mandado a realizar uma tarefa*” e, por muitos séculos houve uma associação de similaridade de significado entre ‘missionário’ e ‘apóstolo’. Embora também contestada por alguns pesquisadores (CARRIKER, 1992), segundo Blauw (1966, p.77-78), os termos passaram a ser considerados sinônimos:

Antes de mais nada deve ficar entendido que a palavra ‘apóstolo’ na sua origem e significação, não é sinônimo de “missionário”, no sentido comumente atribuído a este último termo [...] Só depois da ressurreição (de Cristo) o título ‘apóstolo’ toma a conotação especial de ‘missionário’, de enviado às partes extremas da terra.

Desta forma, temos como missionário protestante aquele indivíduo que reconheceu o seu chamado vocacional por parte de Deus tendo resolvido trabalhar em diversos cenários, tanto em seu próprio país, quanto fora dele, quando então é denominado missionário transcultural. Esta última expressão refere-se a estar cruzando uma fronteira qualquer que separe um ouvinte e seu locutor, seja ela linguística, geográfica, étnica, idiomática, social, moral, familiar ou religiosa (HESSELGRAVE, 1994).

Saber da existência de muitas culturas ainda não cristianizadas e da realidade de milhares de pessoas morrendo em diversas localidades pelo mundo sem ter ouvido o “Plano da Redenção”, são catalisadores do anseio de muitos cristãos para atuar no campo missionário transcultural. Relatório apresentado pela agência brasileira Servindo Pastores e Líderes (SEPAL) em 2010, afirmou que dentre a existência de 24 mil culturas no mundo, oito mil delas ainda não foram cristianizadas, assim como dos 7.158 idiomas falados no mundo, falta a tradução da Bíblia para 4.215 desses.

O Seminário Teológico Gordon-Conwell, em pesquisa publicada em 2010, informou que o Brasil era o segundo país no mundo, tendo 34 mil

⁵ Disponível em <<http://origemdapalavra.com.br>>, 2014

brasileiros em campo missionário, dentre a existência de 400 mil missionários enviados de 230 países. Sobre este dado o pesquisador Johnson responsável pela pesquisa “explica que o estudo inclui todos os grupos cristãos, de católicos romanos a protestantes, pentecostais e igrejas independentes [...] ressalta que o número é uma ‘estimativa aproximada’, já que muitos dos missionários não estão ligados a grandes congregações, e sim a pequenos grupos autônomos difusos” (entrevista online⁶).

No Brasil existe uma pluralidade de doutrinas cristãs no que se refere à Igreja Católica e as igrejas procedentes do movimento da Reforma Protestante. Para o pesquisador Mariano (2005), o Protestantismo brasileiro se subdivide em três correntes, a saber: protestantismo histórico (Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista e Congregacional), pentecostalismo (Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, “Deus é Amor” e outras) e, neo-pentecostalismo (Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus e outras), bem como as próprias ramificações de cada uma dessas instituições religiosas supracitadas. O Gráfico 1 ilustra o desenvolvimento do Protestantismo, em nível mundial:

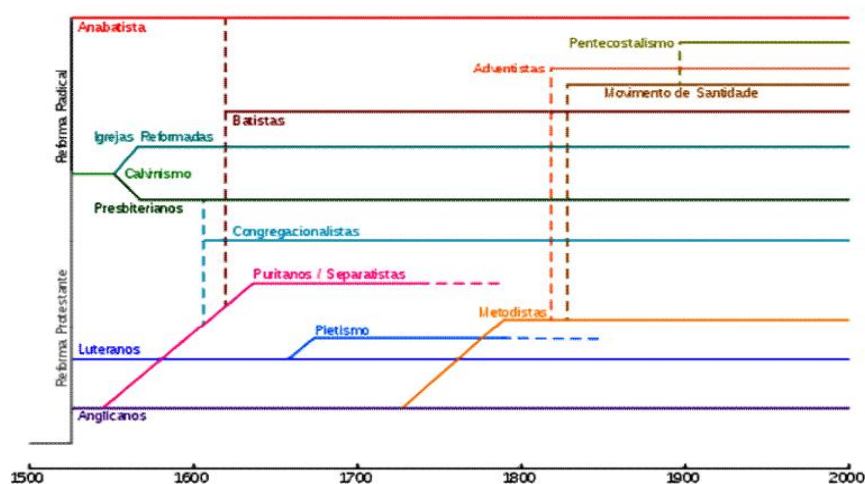


Gráfico 1. Desenvolvimento do Protestantismo (versão traduzida)⁷

Por conta dessa pluralidade no ambiente brasileiro, escolheu-se realizar a pesquisa exclusivamente com missionários oriundos de igrejas protestantes históricas, por essas possuírem tempo maior de existência e,

⁶ Disponível em

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/celular/noticias/2012/03/120229_missionarios_pai.shtml>, acesso em 2013

⁷ Versão original disponível em <www.cominganarchy.com>, acesso em 2013.

consequentemente na atuação em campo missionário e por isso apresentarem uma estrutura de preparo, envio e suporte missionário mais estável o quê foi considerado importante para essa pesquisa.

No ambiente protestante brasileiro, para ser missionário transcultural é necessário ter apoio de alguma igreja e/ou ainda estar afiliado a alguma agência missionária que ofereça suporte em questões referentes à burocracia do trânsito migracional, mas também suporte físico e segurança, visto que a religião cristã deixou de ser a flageladora para se tornar a religião mais perseguida (HURLBUT, 2007). Devido à atuação em países em contextos de guerra civil e, principalmente em conflitos religiosos, muitos seguidores desta religião são vítimas de perseguição, violência física e ameaças de morte (MILHORANZA, 2013).

Envolvimento em lutas sociais, preconceitos e até mesmo as perseguições religiosas que ocorrem em países com expressão e/ou liberdade de culto religioso cerceadas, são situações em que há necessidade de apoio para o enfrentamento destes obstáculos. É importante salientar que cada missionário protestante pode ter uma preparação distinta para atuar como missionário transcultural, pois, as regras e normas de trabalho, o objetivo e país destinatário podem influenciar o tipo de apoio requerido e oferecido pela sua igreja ou agência, em específicos, a estes em campo, conforme pode ser ponderado durante o levantamento destes dados.

1.1. Preparação, envio e suporte financeiro aos missionários

Cursos de capacitação e apoio familiar (MIERMA *et al.*, 2008) são elementos necessários para aqueles que querem atuar em contexto transcultural, sendo necessária a participação em programas de seleção e treinamento que são distintos entre uma agência missionária à outra e, entre as igrejas protestantes históricas, por causa das diferenças de doutrinas e costumes de cada igreja. Resolvemos descrever, à princípio, os elementos necessários, em comum, a todas essas instituições no preparo e envio ao

campo missionário⁸ e, em seguida, indicar as particularidades com a finalidade de ilustrar as formas de seleção e treinamento distintas das igrejas Presbiteriana, Batista, Metodista, Luterana e Congregacional.

Em geral, para se candidatar ao serviço missionário o indivíduo deve: declarar e professar a doutrina cristã, o que é confirmado por meio de batismo ocorrido na infância ou após adolescência, de acordo com a doutrina de cada igreja protestante histórica; ser obreiro, ou seja, ser um membro atuante de sua igreja, participando ao menos de um departamento⁹ ou ainda ser ou ter sido pastor de alguma igreja¹⁰; ter uma carta de recomendação de sua liderança eclesiástica atestando o chamado ministerial do indivíduo candidato; apresentar um currículo com experiências profissionais e religiosas; envio de fotos do candidato e também de sua família, caso seja casado; fotocópias de documentos conforme solicitado por cada agência e, apresentar uma série de avaliações médicas requisitadas. Cada agência solicita outros requisitos imprescindíveis para a formação do indivíduo como missionário e seu processo de envio, conforme descrito a seguir.

A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) possui a Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT¹¹) que desde 2010 requer como requisitos: envio de laudo psicológico do candidato e também de seu cônjuge, se for casado, emitida por meio de um profissional registrado e aprovado pela APMT; cursar um seminário ou instituto bíblico presbiteriano (caso tenha feito em outra instituição será verificado a necessidade de complementação); realizar um curso de formação transcultural no Centro de Treinamento Missiológico da própria agência durante um ano; realizar um curso de implantação de igreja durante 20 dias no Instituto Bíblico Eduardo Lane (IBEL) na cidade de Patrocínio (MG); participar da semana de orientação ao missionário aonde serão tratados informações a respeito do Estatuto, Regimento Interno, Filosofia

⁸ Informações obtidas a partir da leitura de diversos blogs pessoais que podem ser conferida na lista de sites, nas referências bibliográficas deste trabalho e outras informações disponibilizadas por agências missionárias pela internet da qual apontaremos no decorrer da apresentação em rodapés.

⁹ Departamento, como também denominado ministério, é a forma pela qual se qualifica a divisão de atividades em uma igreja protestante histórica. Os departamentos mais comuns são relativos a escola bíblica dominical, grupo de jovens, conjunto de louvor e grupo de intercessão.

¹⁰ Nas igrejas protestantes históricas, missionário não é um cargo eclesiástico adquirido por formação pastoral, mas, uma forma de atuação do qual se requer uma preparação específica a isso.

¹¹ Disponível em < <http://www.apmt.org.br>>, acesso em 2013.

Missionária da IPB, Contrato Missionário e orientação sobre o relacionamento com a base; levantar recursos financeiros para sustento pessoal e, realizar estágio transcultural sob coordenação ou supervisão da própria agência para que assim possa ser avaliada a possibilidade de tornar-se um missionário em campo transcultural.

Ao se tornar um missionário que irá atuar em contexto transcultural, este pode optar dentre as duas formas de atuação: por contrato ou por voluntariado. No sistema de contrato, ele é totalmente sustentado por meio de doações, enquanto no sistema de voluntariado, atua em determinados períodos e locais de missão exclusivamente por meio de recursos próprios e, às vezes com doações pré-estabelecidas. A Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT), categoriza a atividade missionária em cinco tipos, de acordo com a forma de ação escolhida pelo missionário:

- 1) Efetivos: missionários de carreira, nomeados e sustentados integralmente;
- 2) Conveniados: missionários, em parceria com outras agências, instituições e igrejas, estabelecido através do 'Contato de Parceria Institucional' e 'Contrato de Responsabilidades';
- 3) Colaboradores: missionários não vinculados à agência, profissionais liberais e outros, que se envolvem por um curto espaço de tempo;
- 4) Bi-vocacional: atua como missionário e em alguma profissão, mas o sustento é proveniente de ofertas;
- 5) Fazedor de tendas: atua como missionário e em alguma profissão, mas o sustento é proveniente somente da atuação profissional, podendo com exceção receber doações.

A Convenção Batista Brasileira (CBB¹²) reúne todas as igrejas batistas oficiais no Brasil, tendo como agência missionária transcultural a Junta de Missões Mundiais (JMM¹³) que requer do candidato: apresentação de sua biografia; realização de exames médicos e psicológicos e, levantamento de

¹² Disponível em < <http://www.batistas.com>>, acesso em 2013

¹³ Disponível em <<http://www.jmm.org.br>>, acesso em 2013.

recursos financeiros para o seu sustento. Sendo aprovado, o candidato é nomeado como missionário por meio de uma reunião oficializada pelo Conselho Geral da CBB e enviado para o curso de Capacitação Missionária no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB) no Rio de Janeiro (RJ). Neste curso aprendem sobre imersão cultural (costumes, comidas, tradições, cotidiano) do país em que irá atuar, aprofundam seus conhecimentos bíblicos e desenvolvem os conceitos de trabalho em equipe e ter um caráter cristão.

O indivíduo que se torna missionário batista pode ser enviado ao campo de acordo com a categorização do trabalho realizado em sete tipos de acordo com a forma de atuação escolhida por este, sendo:

1. Efetivos: missionários de carreira que vão ao campo com contrato de quatro anos, que pode ser renovado;
2. Temporários: missionários nomeados para um país da América Latina ou África por um período de até dois anos. Após esse período, dependendo da avaliação do desempenho e desejo pessoal, poderá solicitar efetivação em campo;
3. Especiais: missionários enviados ao campo com sustento próprio e por período determinado, para apoiar um obreiro efetivo;
4. Associados: missionários sustentados em convênio com outras agências missionárias ou igrejas;
5. Fazedores de Tendas: missionários enviados ao campo com sustento próprio usando suas habilidades profissionais, independentemente de preparo teológico;
6. Obreiros da terra (autóctones): indivíduos do próprio país escolhido como campo missionário que são selecionados e treinados para trabalhar com o seu próprio povo e,
7. Radical – Voluntários Sem fronteiras: indivíduos que são preparados para atuarem em um novo paradigma missionário, com sustento de suas igrejas ou de outras, para viver em comunidade com outros obreiros.

A Igreja Metodista do Brasil não possui uma agência missionária transcultural, mas por meio da Confederação Metodista de Jovens desenvolveu a Agência Malta¹⁴ com o objetivo de mobilizar jovens para atuação missionária de curto em longo prazo junto às igrejas Metodistas ao redor do mundo, presente em 130 países, tendo atualmente mais de 12 milhões de membros pelo planeta. O objetivo desta agência é criar oportunidades de jovens em uma mão dupla de envio, ou seja, jovens brasileiros para trabalhar em comunidades voltadas para a juventude no exterior assim como jovens estrangeiros metodistas enviados para o Brasil para também trabalhar com os jovens brasileiros.

Em nível institucional, a Igreja Metodista possui um curso de formação missionária destinada a capacitar os membros leigos que queiram atuar em regiões brasileiras aonde não existem uma igreja instituída. Para isso é necessário realizar um curso com carga horária de 400 horas/aula, realizado de forma presencial ou semipresencial no Curso de Formação Missionária¹⁵, dividido em três módulos de aprendizagem:

- 1) Núcleo comum (120 horas/aula) destinada à formação missionária, dos evangelistas, formação de diáconos e diaconisas;
- 2) Núcleo específico (250 horas/aula) destinada ao estudo da História das Missões, Missão e Contexto, Discipulado, Missão e Educação Cristã e Espiritualidade Missionária e,
- 3) Estágio supervisionado (30 horas/aulas) destinada à supervisão pastoral ou episcopal sobre implantação de igrejas.

No que se refere aos missionários no exterior, a Igreja Metodista só faz o envio de indivíduos que se enquadram nos seguintes requisitos: possuir carreira eclesiástica; ter ao menos cinco anos de ordenação presbiteral; ter provas de vocação para o trabalho missionário no exterior, testemunhado por recomendação da igreja local, órgão ou instituição a que tenha servido ou de seu bispo/a; possuir atestado favorável de sanidade física e psicológica e,

¹⁴ Disponível em < <http://juventudemetodista.org.br/malta>>, acesso em 2013.

¹⁵ Disponível em < <http://www.metodista.org.br/documentos-oficiais>>, acesso em 2013.

preencher formulários de seleção¹⁶. Desta forma, percebe-se a particularidade desta igreja que só envia como missionários efetivos, em contexto transcultural, indivíduos que sejam pastores (as) e todos são sustentados pela igreja.

Em relação à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB¹⁷) tem-se que ela realiza parcerias e cooperação com outras igrejas cristãs, organizações eclesiais, entidades e instituições da sociedade civil e com instâncias governamentais a fim de realizar a missão de Deus no mundo e na sociedade. Atualmente a IELB possui missionários na Alemanha, Suíça, Hungria, Ucrânia, Estados Unidos, Canadá, Equador, Argentina e Moçambique sendo sustentados pelo Fundo de Missão no Exterior Irmã Doraci Edinger, nome dado em homenagem a diaconisa que durante atuação em Moçambique foi assassinada em 2004.

Para se tornar um missionário luterano, seja local ou transcultural, é necessário realizar o curso de teologia na Faculdade de Teologia Evangélica (FATEV¹⁸). Para atuar no exterior, o missionário conta com a parceria da Sociedade Missionária Norueguesa que capacita para o trabalho no exterior por meio de dois programas, a saber: *Connect-Noruega* e *U-Crew-Inglaterra*.

A Igreja Evangélica Congregacional do Brasil (IECB¹⁹) disponibiliza pouca informação pública ao que se refere à preparação de missionários, sejam estes locais ou transculturais. Ela possui o Seminário Teológico Evangélico Campinense, atualmente denominado apenas por STEC e presente em algumas cidades brasileiras, tais como Campinas (SP), João Pessoa (RN) e Campina Grande (PB). O seminário oferece Teologia Ministerial com concentração em Missiologia e Básico em Teologia disponibilizando aos formados o apoio da Associação de Missões Transculturais Brasileiras (AMTB) que é um fórum interdenominacional (reunião com objetivo de agregar várias denominações evangélicas) que permite a realização de orientações, congressos e projetos em parceria entre diferentes igrejas e agências.

¹⁶ Disponível em < <http://www.metodista.org.br/documentos-oficiais>>, acesso em 2013

¹⁷ Disponível em < <http://www.luteranos.com.br>>, acesso em 2013.

¹⁸ Disponível em < <http://www.fatev.org/>>, acesso em 2013.

¹⁹ Disponível em < <http://www.iecb.org.br/>>, acesso em 2013.

1.2. A importância da preparação teológica e pessoal

Conforme descrito anteriormente, percebemos que para se tornar missionário é preciso uma preparação não só teológica, mas também pessoal, no que se refere a cuidados físicos e psicológicos, visto a necessidade de se apresentar avaliações e laudos tanto médicos quanto psicológicos como pré-requisito para seleção a cursos de formação missionária.

Programas de formação teológica como os da Universidade Metodista de São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Instituto Betel de Ensino Superior, Instituto Betel Brasileiro oferecem disciplinas relacionadas sobre Antropologia, História das Religiões, Psicologia da Religião, Religião Comparada, Cristianismo e Liberalismo considerando que para garantir seu posicionamento religioso os missionários também precisam adquirir conhecimentos sociais acerca de como os acontecimentos do meio-ambiente estão relacionados aos processos de mudanças políticas e como as diferenças culturais e religiosas podem levar a perseguições religiosas não só voltadas aos cristãos.

Até o século passado existia uma forma de pensamento que os cristãos que atuavam como missionários deveriam sofrer, assim como os primeiros mártires do Cristianismo, por se disporem a falar dos ensinamentos de Jesus Cristo, mesmo diante de lutas, perseguições e até mesmo a morte. Estes deveriam ser inspirados, por exemplo, pela vida de Estevão que morreu apedrejado, de Felipe que foi crucificado, do discípulo Mateus morto com uma lança, do discípulo Marcos que morreu despedaçado em um ritual para a deusa Serapis e pelo apóstolo Paulo que teve o pescoço cortado por uma espada (Fox, 2008).

Os missionários atuais são instruídos a se aprofundarem no estudo teológico para que possam atuar como ministros religiosos e evitem o embate em outros campos do saber (BENDOR-SAMUEL, 2014). Embora recebam informações de outras disciplinas, de acordo com Mierma *et al.* (2008), para fazerem a diferença nos locais em que irão atuar, devem se basear apenas na religião cristã. A preparação é fundada nos ensinamentos de Jesus Cristo, tais como fazer a diferença na vida das pessoas (Livro de

Mateus, capítulo 5, versos 13 a 16), trabalhar sem reclamar (Livro de Filipenses capítulo 2, versos 14 a 16) e atuar para promover mudança na sociedade (Livro de Romanos capítulo 12, versos 1 a 2) que embasam a importância de se preparem e capacitem teologicamente²⁰.

De acordo com as pesquisas realizadas por Wright (2012) e Hiebert (2010) ambos os pesquisadores renomados na área da Missiologia em nível mundial, os missionários cristãos transculturais no mundo contemporâneo, seja por modelos teológicos ou por ideologia pessoal, tem se envolvido com questões sociais e políticas além da transmissão do Cristianismo. E por isso, percebe-se o investimento de agências brasileiras em priorizar o ensino que o ser humano é relacional, mas que o foco do missionário não é político, pois, embora se compreenda o desejo de querer atuar diante de um conflito instalado, o missionário não deve perder o foco de seu objetivo naquele campo missionário em que se encontra.

A pesquisa realizada pela equipe missionária liderada pelo psiquiatra Richard Beggé que teve como participantes missionários atuantes em locais de guerra, com atividade criminal ou em desastres naturais justificou a dificuldade deles para manter um distanciamento das questões locais para além da transmissão bíblica afirmando que: “Deus nos criou para sermos seres sociais. Por natureza, desejamos e precisamos pertencer a um grupo [...] podemos precisar sacrificar essa necessidade de pertencer [...] poderemos estar sozinhos e nos sentir alienados do mundo” (MIERMA *et al.*; 2008, p. 107-108).

Assim visto, os missionários transculturais aprendem durante treinamento e capacitação a evitarem o tornar-se ativista político ao compreender por meio de diferentes disciplinas que deve atuar considerando qualquer indivíduo na sua integralidade: espírito, mente, social, emocional e físico. Para tanto se recomenda (MIERMA, *et al.*, 2008) que o missionário deva agir de seguinte maneira: 1) ser somente ponte entre os grupos de conflito; 2) no meio deste conflito, perceber que deve levar as pessoas a Cristo para que encontrem cura e arrependam-se dos pecados; 3) devem ajudar as pessoas a se arrependerem do mal cometido pela sua própria rede social; 4) diante de

²⁰ Os livros citados são da Bíblia Sagrada na Nova Versão Internacional.

problemas, buscar abertamente a sua solução e 5) celebrar a Cristo e a unidade do corpo de Cristo.

Em relação à preparação pessoal, descrita como aquela relativa à saúde física e psicológica (SALTER, 2010), a preocupação com a saúde mental tem sido motivo de alerta para muitas agências missionárias brasileiras. Após a publicação dos dados da tese realizada pela pesquisadora e missionária Antonia Van Der Meer, doutora em missiologia pela *Asia Graduate School of Theology* nas Filipinas, e principal expoente na área missionária contemporânea no Brasil, que apontou a presença de diversos problemas de saúde, tais como quadros de depressão, estresse, esgotamento físico, solidão e, sentimentos de perda, parece ter aumentado a preocupação com o aspecto psicológico de missionários.

Segundo o antropólogo e missiólogo alemão Paul Hiebert (1932-2007), referência mundial e interdenominacional sobre adaptação cultural de missionários²¹, o estresse vivido pelos missionários seriam resultado de um processo ineficaz de adaptação psicológica.

Hiebert (1999) desenvolveu uma teoria acerca do processamento psicológico que ocorreria em três níveis de desenvolvimento pessoal:

1. Nível cognitivo: relacionado aos conhecimentos associados pelos indivíduos e a maneira pela qual é adquirido pelo missionário
2. Nível afetivo: refere-se à expressão de gostos pessoais e expressão de sentimentos
3. Nível avaliador: ocorre quando os elementos culturais começam a serem julgados e avaliados em uma via de duplo sentido para o missionário. Seria nesta fase o processo real de adaptação cultural do missionário.

Este pesquisador foi quem trouxe o despertar para o cuidado psicológico do missionário à medida que salientou o quanto a cultura influencia os sentimentos das pessoas relacionando-os com as atitudes, noções de beleza, gostos alimentares e forma de se vestir. Assim alguns grupos sociais aprendem

²¹ Disponível em <<http://www.hiebertglobalcenter.org>>, acesso em 2013.

a expressar seu nível de afetividade de diferentes modos, desde uma atitude mais agressiva até o extremo de autocontrole o que se reflete no cotidiano da missão:

As emoções também desempenham uma parte importante nas relações humanas, em nossas noções de etiqueta e amizade. Comunicamos amor, ódio, escárnio e centenas de outras atitudes por meio de expressões faciais, do tom de voz de gestos. Os sentimentos encontram vazão especial dentro da chamada ‘cultura expressiva’ – na arte, literatura, música, dança e no teatro. Não os criamos com objetivos utilitários, mas para o nosso próprio prazer e expressão emocional. (Hiebert, p.33, 2010)

Embora possamos questionar a qualidade e os fundamentos científicos das afirmações de Hiebert (1999) é fundamental compreender que seu trabalho possibilitou a tomada de consciência sobre a necessidade de cuidado psicológico com os missionários transculturais, ressaltando a importância e o papel das emoções em meio a população religiosa reticente aos serviços de psicólogos. Afirma que um indivíduo não deveria receber apenas preparação teológica, visto que é um ser integral “[...] que todo o espírito, alma e corpo de vocês seja conservado irrepreensível na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” (Livro de I Tessalonicenses, capítulo 5, versos 23).

1.3. Dificuldades de ser missionário protestante brasileiro

Segundo os psicólogos Paiva e Debiaggi (2004) uma vivência transcultural exige uma negociação da identidade própria do indivíduo com as identidades grupais, assim como, um questionamento dos valores, convivência com o preconceito, relação familiar (parental e filial) e questões de gênero. No caso de missionário, toda essa vivência cultural precisa passar pelo *background* de cada um, pois, estes possuem como meta a modificação de crenças religiosas que podem alterar alguns valores e forma de relacionamento

interpessoal das pessoas locais de onde irá residir visto que, como afirma (O'DONNEL, 2007, p.8) atuar no contexto religioso “é parecido com fazer malabarismos: você tem de manter no ar todas as bolas; tanto as bolas de seus próprios valores e crenças quanto às bolas da outra crença”.

Ser um missionário não é uma tarefa tranquila, acrescentado a isso o fato de ser brasileiro (etnia), ser homem ou mulher (gênero) e professar a religião cristã que resulta em diversos países em enfrentar perseguições religiosas são temas que também merecem investigação por influenciar a prática do trabalho missionário (HESSELGRAVE, 1996; MÜLLER, 2013; O'DELL, 2001).

Ainda no século XXI a questão de etnia continua correlacionada ao tipo de raça e cor, sendo que seu uso ocasiona alguns problemas quando é visto pelo senso comum como sinônimo entre si. Enquanto a cor está relacionada a uma origem biológica e a raça a propriedades físicas inatas de um determinado grupo de indivíduos, o termo etnia está relacionado mais à questão cultural de um determinado povo que por acaso podem ser de uma mesma cor e raça (REX, 1988). Entretanto, mesmo o mundo vivendo em contexto de globalização ainda existe preconceito com determinadas etnias as quais são impostas diferenças psicológicas e de comportamento com objetivo de classificação de superioridade intelectual (NORONHA ET AL, 1999).

Ser brasileiro é algo difícil de ser explicado para a maioria dos povos, pois, o Brasil não possui uma cor, raça e nem sequer uma etnia única, ele é multirracial e pluriétnico. Mesmo assim, o povo brasileiro é visto (assim como qualquer outro grupo) por meio de estereótipos (FERNANDES, 2005). Um destes que se reflete na vida de missionários brasileiros deve-se a fama de corrupção (LIRA, 2005) e aos problemas decorrentes de líderes religiosos serem considerados ladrões (CARDOSO, 2013) e, produzindo dúvidas nos habitantes locais acerca do caráter dos brasileiros, tal como relatado por alguns missionários²²: dificuldade em alugar moradias, atestado de trabalho, matrícula em escolas e universidades dos filhos dos missionários, abertura para

²² Idem nota 8 (Informações obtidas a partir da leitura de diversos blogs pessoais e informações disponibilizadas por agências missionárias pela internet que podem ser conferida na lista de sites, nas referências bibliográficas deste trabalho.)

recebimento de organizações não-governamentais coligadas a igrejas evangélicas.

Contudo, não é somente a questão étnica que interferem no processo transcultural do brasileiro, a questão de ser homem ou mulher à frente de um trabalho também é gerador de divergências (REBELO, 2012). Neste ponto é preciso lembrar que esta pesquisa de tese de doutorado, que apresentamos foi realizada com missionários cristãos de igrejas protestantes históricas, ou seja, estamos lidando com indivíduos que são seguidores de diferentes denominações entre si, que possuem visões teológicas distintas a respeito do trabalho eclesiástico e de liderança religiosa promovida por homens e mulheres (VICEDOM, 1996).

Na maioria dos estudos a respeito de missionários, encontra-se a vertente do missionário ser um homem e, se casado, sua mulher na maioria das vezes assume o papel de missionária, tendo esta se preparado academicamente ou não para tal função (HESSELGRAVE, 1996; HIEBERT, 2010). Ao se buscar referência sobre homens e mulheres no campo missionário é comum encontrarmos o homem como missionário tendo este como relacionamentos interpessoais os cristãos, não-cristãos, colegas missionários, o conselho a qual está submetido, igrejas emissárias, esposas e filhos (HIEBERT, 2010).

Em relação ao trabalho e recurso interpessoal de mulheres missionárias, observou-se estar inicialmente atrelada à questão de ensino que se iniciou Sociedades Missionárias Femininas do século XIX, que após a Guerra de Secessão ocorrida nos Estados Unidos da América do Norte, resolveu profissionalizar as mulheres no campo missionário educacional. Foi o que ocorreu, por exemplo, com a missionária metodista Marta Watts que veio para evangelizar os brasileiros atuando como educadora no Colégio Piracicabano (SILVA, 2008).

A supervalorização da cultura brasileira por alguns missionários revela a visão etnocêntrica pelo qual o Cristianismo tem sido propagado revelando ser um dos problemas enfrentados na atuação no exterior. Em diversos *blogs* pesquisados pode ser observado a fala de preconceito contra algum dialeto, forma de se vestir, tipos de comidas e formas de expressão musical e artística.

Segundo (GUTIERREZ & BERTRAND, 2005) existem quatro visões de análise sobre o funcionamento mundial realizada por um indivíduo:

1. Etnocêntrico: o mundo é analisado sob o prisma particular da cultura do país de origem de um estrangeiro;
2. Policêntrico: o mundo é analisado sob o prisma particular, mas também considerando a existência de outras culturas;
3. Regiocêntrico: o mundo é analisado sob o prisma de um conjunto de valores culturais de um determinado grupo, tal como América do Norte, Européia ou Asiática, por exemplo e,
4. Geocêntrico: o mundo é analisado sob o prisma global de uma cultura predominante sobre a outra, da maneira que as mulheres se vestem ou brinquedos utilizados por crianças.

O etnocentrismo tem sido um obstáculo na atuação transcultural, visto que de acordo com o pesquisador Hiebert (1999, p. 97) “a raiz do etnocentrismo é a nossa tendência humana de reagir [...] utilizando nossos próprios pressupostos afetivos e reforçar essas respostas com profundos sentimentos de aprovação ou desaprovação”.

Os grupos de missionários treinados no século XXI parecem estar tendo consciência da urgência de adotarem um posicionamento contrário ao etnocentrismo que possibilite o diálogo com pessoas de culturas distintas (WRIGHT, 2012) e, dessa forma conseguir realizar a evangelização do qual foram preparados.

A maior dificuldade e ponto problemático enfrentado pelos missionários brasileiros, tanto homens quanto mulheres, devem-se a perseguição e discriminação religiosa ao Cristianismo que se tornou onipresente e urgente, tanto em ambientes europeus quanto em países dominados, principalmente pelo islamismo, mas, também por outras religiões (TAYLOR & MEER, 2013). De acordo com o relatório emitido pela instituição Portas Abertas²³ em 2008

²³ Disponível em <www.portasabertas.org.br>, acesso em 2013.

havia mais de 200 milhões de cristãos, tanto católicos quanto protestantes, sendo perseguidos, sendo que dentre estes o foco sempre era os missionários e pastores das igrejas cristãs, aos quais é negado o direito de pregar o evangelho, tendo vários deles sofrido agressão física, serem condenados à morte por causa de sua crença religiosa e executados durante atentados.

Entre os especialistas do tema sobre perseguição religiosa (TAYLOR & MEER, 2013) existe o consenso de que o trabalho missionário no exterior envolve três tipos de fases:

1. Desinformação
2. Discriminação
3. Violenta perseguição

A desinformação refere-se às informações que são propagadas pela mídia ou por pessoas formadoras de opinião contrária ao Cristianismo que desenvolvem um ambiente hostil à chegada de qualquer equipe missionária. Já as fases de discriminação e violenta perseguição referem-se a locais aonde o Cristianismo é visto como algo abominável, provavelmente em países contrários a abertura religiosa.

Segundo o relatório da instituição Portas Abertas, os dez países mais hostis ao trabalho missionário são: Somália, Síria, Iraque, Afeganistão, Paquistão, Coreia do Norte, Arábia Saudita, Maldivas e Irã. Como exemplos em geral, tem-se que em 2010, no Afeganistão uma equipe missionária médica foi executada a tiros enquanto fornecia tratamento ocular em uma vila remota; Nas Maldivas, os missionários e os seguidores do Cristianismo são isolados dos demais cidadãos e monitorados constantemente pelas forças federais e, no Laos, missionários e famílias cristãs em Saravan, foram expulsos de suas aldeias e obrigados a morar na floresta dado que se recusaram a negar a fé cristã.

Em relação à perseguição a missionários brasileiros, o caso mais conhecido e recente refere-se ao casal José Dilson e Zeneide Moraes²⁴ que estavam sendo acusados de proselitismo e aliciamento de menores em Dacar,

²⁴Disponível em < <http://www.christianitytoday.com/gleanings/2013/april/brazilian-missionaries-released-from-senegal.html?paging=off>>, acesso em 2013.

capital de Senegal. O casal foi vítima de denúncia do professo da religião islâmica, pai de uma das crianças que era assistida por eles em uma organização não-governamental.

Estes apontamentos indicam como as questões vivenciadas pelos missionários transcendem os domínios da fé religiosa e implicam na convivência social e adaptação à diversidade de modos de ser e de fazer a vida em diferentes culturas, temas que trataremos no próximo capítulo.

2. AJUSTAMENTO CULTURAL E MISSÕES RELIGIOSAS

Este capítulo tem como objetivo discorrer sobre as dificuldades de adaptação cultural dos missionários protestantes brasileiros que atuam no exterior. Durante nossa pesquisa, deparamo-nos com diferentes significados atribuídos às expressões: ajustamento cultural, adaptação cultural e aculturação, termos estes que são atribuídos por pesquisadores que estudam o modo pelo qual ocorre a inserção de um estrangeiro em uma nova cultura. Iremos apresentar a diferença destas conceituações e apontar aquela utilizada para análise nesta pesquisa. Ainda neste capítulo discorreremos a respeito dos recursos de enfrentamento que podem ser utilizados pelos missionários para viver em uma nova cultura, bem como retratar um pouco da vivência destes e sinalizar alguns estudos que investigam o quadro de saúde mental destes.

Os missionários brasileiros, como qualquer expatriado ou emigrante de nosso país, saem de uma sociedade conhecida por elevada demonstração de afetividade no relacionamento interpessoal próximo e, segundo Freitas (1997) que trabalha com a concepção de ajustamento cultural como um produto da inserção em uma nova cultura por estrangeiro, as dificuldades de um brasileiro ocorrem devido a outros problemas nas questões sociais, não somente à demonstração de afeto e emoção exagerados, característica do povo brasileiro.

Os brasileiros vivenciam problemas nas questões sociais (FREITAS, 1997), tais como: habituação a nova localização, ao tipo de transporte, ao acesso livre ou controlado a alguns lugares públicos e privados realizado de forma muito distinta do contexto brasileiro, às questões de horas de trabalho, à atuação profissional, aos problemas com o idioma falado, à forma de pagamento e o seu controle.

Segundo Camargo (2014) e Lordelo (2010) a cultura é produto de qualquer criação humana que tem como função satisfazer as próprias necessidades, transformando-se em normativas de convivência por meio dos hábitos, costumes e rituais. Desse modo podemos considerar que a cultura possui seus próprios mitos e heróis, bem como símbolos, signos e regras sociais que geram certo grau de dificuldade nos relacionamentos interpessoais com pessoas advindas de outros contextos. Parece ser necessário o

ajustamento cultural como sendo o produto final e resultado de uma inserção cultural adequada.

Segundo Horton (2013) a cultura é um código de aprendizado e compartilhamento que se faz por meio da interação interpessoal e, em relação aos missionários em geral, podem existir problemas implícitos relacionados às inferências a respeito de Deus, conceito de humanidade, valores pessoais e experiências. Se essas diferenças não forem percebidas e analisadas com acuidade pelo missionário, a fronteira ultrapassada poderá ocasionar conflitos na sociedade em que estão inseridos.

A entrada de um estrangeiro em uma nova cultura e seu processo de vivência adequada pode ser consequência do processo de adaptação cultural. De acordo com He e Liu (2010) a adaptação cultural refere-se à necessidade de um indivíduo em compartilhar sua experiência pessoal, ao mesmo tempo em que tenta conciliar os níveis de cultura diferenciados, as comunicações interculturais e se adaptar culturalmente, sendo este um processo de ajustamento cultural, visto que se refere à adaptação eficiente de uma pessoa a um ambiente cultural novo.

Investigamos que a expressão de ajustamento cultural pode ser entendida como resultado de um processo de adaptação cultural (CAMARGO, 2014; FREITAS, 1997; LORDELO, 2010) ou como o encadeamento do processo de adaptação cultural (BERRY, 2004; HE & LIU, 2010). Optamos por trabalhar com a concepção de que a vivência de um estrangeiro em uma nova cultura demanda a ocorrência de um processo de adaptação cultural também descrita como processo de aculturação desenvolvido por Tung (1998) no qual um indivíduo, dotado de bagagem cultural própria, deve-se adaptar a uma nova cultura por meio de aprendizado de valores, práticas e signos.

Para o pesquisador Tung (1998) a aculturação é este processo que depende da maneira pela qual ocorre a integração do sujeito ao novo ambiente, ao processo de assimilação cultural, a questão da separação e agregação dos antigos e novos valores assumidos pelo indivíduo e a consequência de se rejeitar as regras de convivência do novo local.

No caso do missionário transcultural, em relação ao processo de aculturação, consideramos que ele pode ser compreendido em parte como um imigrante, por ser um indivíduo *atopos*, ou seja, situar-se num lugar de fronteira

entre um ser e não-ser, um pertencer e não pertencer em parte como expatriado (SAYAD, 1998). Por outro lado afirma que não ser considerado plenamente um cidadão, por não estar em sua terra nativa, nem um estrangeiro, por não estar vivendo apenas por um curto período de tempo, como um turista.

É necessário compreender que a qualidade do processo de aculturação está relacionada ao ajustamento psicológico e sociocultural (VENEZIANO, 2011), devendo ser considerado a motivação e o tempo em que o indivíduo pretende se ausentar de seu país, para assim entender melhor como se processa a adaptação. Em relação a isso, o pesquisador Zambrano (2008) categorizou o processo de saída do país de origem em relação a dois fatores:

1. Direção da imigração:

- Definitiva: sem perspectiva de retorno ao local de origem
- Temporária: perspectiva de saída do destino, mas não de retorno ao local de origem necessariamente

2. Motivação da imigração:

- Espontânea: somente por motivos pessoais
- Forçada: pode ocorrer por motivos sociais, econômicos e educacionais

O autor supracitado identificou que os indivíduos ao decidirem mudar de país, podem fazê-lo por duas convicções: 1) com perspectiva de dentro um tempo específico retornar ao país de origem, por conta de fatores de delimitação pessoal; e, 2) com perspectiva de caso de insucesso no primeiro destino imigrado, ir buscando outros locais alternativos, antes de necessariamente ter de retornar ao país de origem por ter fracassado.

Em relação à motivação, o pesquisador encontrou que a motivação espontânea, refere-se aos indivíduos que resolvem imigrar seria uma categoria registrada somente por motivos pessoais, tais como querer viver em um país mais quente ou mais frio, com mais segurança ou acessos a lazer, por exemplo. Enquanto a motivação forçada estaria relacionada aos indivíduos que

diante de frustrações sociais, econômicas ou educacionais de seu país de origem, resolveram buscar um país com maior infra-estrutura nestas áreas.

É importante analisar a motivação do missionário que resolveu sair de seu local de origem, visto que seus argumentos podem auxiliar ou prejudicar este processo (WRIGHT, 2012). Diante disto, podemos afirmar que, na categoria de motivação, é possível enquadrar o missionário protestante como aquele indivíduo que passa pelo processo de imigração por motivos pessoais, à medida que escolheu por vontade própria - por causa de um chamado divino ou sonho pessoal - ir morar em outro país. No que se refere à direção temporal podemos considerar que esta pode ser tanto definitiva (sem perspectiva de prazo) quanto temporária, dependendo da igreja, do modo de trabalho (contratado ou voluntário) ou ainda, da agência missionária a qual estiver filiado.

O missionário, assim como o imigrante e o expatriado, deve fazer uma releitura de suas crenças básicas e comportamentos para tentar se inserir em uma nova cultura. Nesta perspectiva, podemos afirmar que ao vivenciar um processo de aculturação o missionário integra novos aspectos culturais e define novos contornos que possibilitam a construção de um papel religioso adequado àquela sociedade em que irá atuar.

Durante o processo de aculturação o missionário pode se sentir confuso e ter dificuldades no processo de adaptação (HIEBERT, 2010; SALTER, 2010) sentindo falta de uma rede de apoio. Segundo o psiquiatra argentino Carlos Sluzki a existência de uma rede social é importante porque ela chancela a permanência de uma pessoa frente à sociedade, pois, parte-se da definição que a rede social é “um grupo de pessoas, membros da família, vizinhos, amigos e outras pessoas, com capacidade de aportar uma ajuda e um apoio tão reais como duradouros a um indivíduo ou família” (SPECK, 1989, p. 24). Atualmente trabalham-se com quatro dimensões para essa rede de apoio (SLUZKI, 2006), vide Figura 2.



Gráfico 2. Estrutura e tamanho de redes sociais desenvolvido por Sluzki (2006)

Estando em um país estrangeiro, as redes sociais apontadas como importantes, são inicialmente ausentes (relações de amizade, relações familiares e relações comunitárias) para o missionário, visto que a priori, esse só irá possuir algumas conexões relativas ao trabalho no campo missionário, por conta de contatos com a igreja local onde estará atuando, o que influencia também no processo de ajustamento cultural. Segundo Sluzki (2006) “a rede social pessoal é um sistema dinâmico que evolui com o tempo e as circunstâncias [...] e uma imigração abala e transfigura a rede, gerando progressivamente um novo mapa” (p. 88), ou seja, adaptarem-se a novas práticas, valores e signos demanda grande esforço ao missionário transcultural, assim como para qualquer pessoa que resolveu morar no exterior.

Para Castro (2005) e Falicov (2005) existe a necessidade de os indivíduos realizarem rituais de transição para que possam conscientizar-se da nova, e diferente, vida que terão no país estrangeiro visto que todo o indivíduo que imigra sofre algum tipo de perda que é maior do que uma privação física no que se refere ao processo de ajustamento e rede social, a saber: relações de amizade, relações familiares, idioma natal, costumes e rituais de origem (FALICOV, 2001). Essa vivência de aculturação ocasiona emoções contraditórias por serem perdas incompletas e ambíguas, como no caso de missionários transculturais que ao chegar a uma sociedade diferente da sua de origem, experimenta sentimentos relacionados à alegria e satisfação de realizar um sonho, ao mesmo tempo em que pode sentir sintomas de tristeza e ansiedade por estar longe de sua rede social íntima e de apoio.

Essas perdas foram sistematizadas pelo pesquisador Pauline Boss (1998) ao desenvolver a teoria da perda ambígua que se configura na presença incompleta (uma pessoa pode estar fisicamente ausente mas psicologicamente presente) e parcial (uma pessoa pode estar fisicamente presente, mas psicologicamente ausente).

Os pesquisadores Chartrand & Bargh (1999) apontam que diante de ambientes novos e desconhecidos alguns comportamentos sociais são praticados de forma conscientes (cuidados com expressão vocálica de um idioma e vestes, por exemplo), enquanto outros são realizados de forma não-consciente em dois estágios: percepção espontânea de algo não-intencional e tendência automática comportamental de criar vínculo (CHARTRAND & BARGH, 1999). A tentativa de criar vínculo é uma práxis importante para a adaptação cultural, configurando-se como um ritual espontâneo e necessário, sendo uma prática que auxilia no processo de aprendizado em novas culturas (FALICOV, 2001).

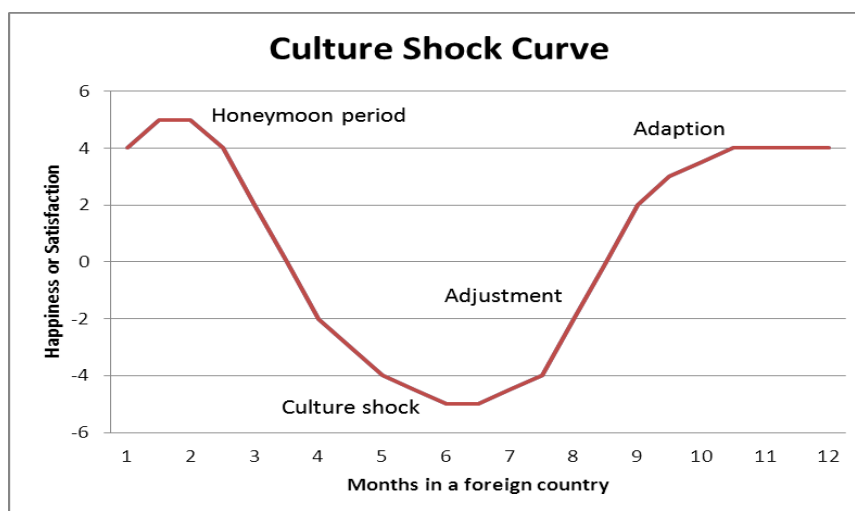
Se os efeitos de perdas e de ganhos não equilibrados psicologicamente pelo indivíduo que resolve morar no exterior - como no caso dos missionários transculturais - não for bem sucedido, pode ser gerado um estado de choque cultural (BERKOWITZ, 1997). Os pesquisadores Furnham e Bochner (1986) desenvolveram uma teoria em que esse estado ocorreria na segunda das quatro fases existentes do processo de adaptação cultural:

1. Primeira fase: é o estágio da 'lua de mel' (*honeymoon period*), dura por volta de duas a três semanas correspondendo a um período de emoção e descobrimento, algo semelhante a uma viagem de férias.
2. Segunda fase: é o estágio do 'choque cultural' (*culture shock*) quando o modo de se comunicar, alimentar, relações sociais, religiosas e o valor da moeda começam a incomodar o indivíduo que está longe, essa fase tende a durar, em média, de quatro a seis meses.
3. Terceira fase: é o estágio do 'ajustamento' (*adjustment*) em que começa a haver o domínio do idioma e uma identificação com o local

que possibilita um retorno do nível de satisfação, durando essa fase em torno de quatro meses

4. Quarta fase: é considerado o estágio final de adequação física e emocional, designado por ‘adaptação’ (*adptation*) que tende a estabilizar após um ano.

O Gráfico 3 ilustra as quatro fases mencionadas anteriormente, sendo possível identificar a fase do ‘choque cultural’ quando ocorrem dificuldades de adaptação, frustrações, tédio, oscilações de humor, processo de isolamento, saudades de casa, dores físicas e dificuldade de concentrar devido ao estresse que causam um declínio acentuado no nível de felicidade/satisfação (*happiness or satisfaction*) decorrente de se estar em uma nova cultura.



(Fonte: [HTTP://lifeinsouthsudan.wordpress.com](http://lifeinsouthsudan.wordpress.com))

Gráfico 3. Curva de Choque Cultural

Não podemos esquecer que o estado de choque cultural foi analisado como um quadro de doença e classificado pelo Catálogo Internacional de Doenças (CID-10) como uma condição de isolamento social, ansiedade e depressão que acontecem devido à dificuldade que uma pessoa tem de se adaptar a uma cultura distinta da sua origem natural. Entretanto, iremos trabalhar o choque cultural como um fenômeno que ocorre durante o processo de adaptação cultural, descrito na teoria de aculturação proposta por Tung (1998).

Pesquisas mais recentes (BERRY, 2004; BLACK E MENDENHALL, 1991), tem revelado que o processo de adaptação final da adequação física e emocional, que ocorre na quarta fase do processo de choque cultural, pode estar também mais relacionado a um processo de assimilação do que à adaptação. Nesse sentido, os autores Caria & Ruiz (2009) investigaram que o estado de choque seria um processo de estresse de aculturação e não de adaptação cultural em si, pois, durante pesquisa realizada com estudantes mexicanos de doutorado na França, os quais, mesmo tendo convivido durante cinco anos, não conseguiram estabelecer e manter o vínculo local após o término do curso, denotando, desta forma, que não teria ocorrido de fato uma adaptação cultural mas uma assimilação necessária para a vivência. Como todo dado de pesquisa, não podemos descartar essa informação, entretanto, acreditamos que deveriam ser realizadas outras investigações para verificar se a teoria de aculturação de Tung (1998) há 16 anos utilizada em pesquisas com estrangeiros pode vir a não ser mais explicação única neste tema de adaptação cultural. Por enquanto a utilizaremos apenas como fonte de informação.

Considerando o processo de adaptação cultural como processo de aculturação, acreditamos que outros fatores podem intervir na curva do choque cultural, tais como as características do próprio indivíduo, no caso de missionário transcultural, como a personalidade (AYREE & CHEN, 2006; KIM & SLOCUM, 2008; SHAFFER *et al.*, 2006), ausência de flexibilidade à abertura para novas experiências (CHURCH, 1982) e o anseio de aprender e vivenciar novidades (BERNAL & RODRIGUEZ, 2012; MÜLLER, 2013).

Além disso, o missionário precisa explicar para sua família de origem, amigos e, até mesmo para sua família conjugal o papel de sua atuação, visto que passa por interrogatórios de pessoas que não conseguem compreender seu “chamado vocacional” para atuar em países, na maioria das vezes, em condições sociais e econômicas piores que as do seu país de origem. Segundo Hesselgrave (p. 536, 1996) a justificativa deveria ser relativa à vocação divina, afirmando:

Quem é um missionário? Essa pergunta deve ser respondida perante os dados bíblicos e antes que o candidato saia do seu país. Ao chegar à cultura receptora (ou até antes disso), ele deve perguntar: 'Quem este povo diz que sou?'. Além de ser embaixador de Cristo, ele então perceberá que tem vários *status*, a saber, de estrangeiro, estranho, intruso, hóspede e homem – isso sem falar dos *status* de marido, pai, amigo, presidente, membro de comissões e assim por diante [...].

Essa fala sinaliza que o missionário vivencia problemas de aceitação pela comunidade e dependendo da ação conjunta deste estresse, com ansiedade e qualidade de autoestima pode desencadear problemas para lidar com os seus próprios sentimentos e emoções (ROMERO, 2011). De acordo com Loss (p.22, 1996):

Estresse e ansiedade são muitas vezes usados como sinônimos, mas eles são realmente diferentes. É útil pensar em estresse como pressão externa sobre o indivíduo. Isso inclui as expectativas impostas pela família, chefes, amigos, sociedade e religião da pessoa. A ansiedade é a tensão interna geralmente resultante de tentar manter-se com estas pressões externas.

Segundo o pesquisador Hiebert (2010), no primeiro ano de trabalho, o missionário passa por mudanças profundas e significativas em sua condição financeira, forma de trabalhar, localização geográfica, formas de lazer e social, hábitos alimentares e principalmente mudanças em seu trabalho eclesial. Além da condição de ser homem ou mulher, solteiro ou casado, com filhos dependentes ou autônomos, morando junto ou no seu país de origem também influenciar no nível de estresse. Por isso a importância de recursos de enfrentamento e estudo acerca da flexibilidade cognitiva como componente necessário no processo de adaptação cultural.

2.1. Recursos de enfrentamento e flexibilidade cognitiva

É necessária a criação de recursos internos e externos para que qualquer indivíduo fora de seu país de origem, seja ele um imigrante seja expatriado, ou no caso desta tese de doutorado, o missionário protestante,

possa ter um quadro de saúde mental adequado durante o seu trabalho. Sendo necessário um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais que demandam estratégias específicas para que este possa construir um modelo de recursos de enfrentamento (FOLKMAN E LAZARUS, 1980).

Em relação aos *recursos internos*, esse conjunto de esforços foi caracterizado pelo pesquisador Beresford (1994) como *coping*, ou seja, é um processo de interação entre o sujeito e o meio ambiente, no qual o indivíduo tem de administrar a função conflituosa e estressante, avaliando o fenômeno vivenciado. Sendo uma tentativa de separar os aspectos fundamentais para a resolução efetiva do problema para que seja atingido o objetivo pretendido (RUDOLPH ET AL, 1995).

No caso dos participantes desta tese de doutorado, pode-se trabalhar também com o conceito de *coping* religioso formulado por Kennedy Pargament (1997) do qual um indivíduo recorre à espiritualidade para fornecer conforto, estimular o crescimento pessoal ou oferecer um sentido para o seu viver. Para esse autor, referência mundial sobre este tema, as pessoas podem usar a religião para combater os problemas enfrentados. Segundo Wong-McDonald e Gorsuch (2000) o *coping* religioso descreveria o modo como os indivíduos utilizam uma fé/religião/crença espiritual para compreender as lutas enfrentadas.

O pesquisador Spiro (1989) formulou, também na década de 90 do século passado, o conceito de flexibilidade cognitiva (SPIRO, 1989). Trata-se de importante ferramenta para o processo de resolução de problemas, pois demanda a capacidade de utilizar o conhecimento adquirido anteriormente, durante enfrentamento de situações novas ou inusitadas (JEHNG, 1990).

Um dos principais fatores facilitadores para o processo de adaptação é a flexibilidade cognitiva (MAGALHÃES, 2008) visto a necessidade de se desenvolver atitudes assertivas e empatia cultural (FORMIGA & SOUZA, 2012) para ter que lidar com o novo, especialmente no que se refere ao idioma falado e tudo que estiver relacionado a nova cultura, tais como a forma e o uso de determinadas vestes, costumes e ritos (CARDOSO, 2008).

A flexibilidade se refere ao processo adaptativo-cognitivo que reúne “diversas perspectivas para fazer face às necessidades particulares de uma dada compreensão e resolução de uma situação ou problema” (NOGUEIRA E

PESSOA, p.115, 1990). A disposição dos indivíduos a serem flexíveis em pensamentos e em atitudes de acordo com Martin & Rubin (1995) não se deve a um comportamento apreendido mas a um recurso interno que o indivíduo necessita desenvolver durante o processo.

Em relação aos *recursos externos*, atualmente, o uso de recursos virtuais tem sido de grande valorização para o processo de enfrentamento, ao que se refere desenvolvimento de adaptação e manutenção, ao proporcionar redes familiares e de amizade com o local de origem. Segundo a pesquisa realizada por Louback (p.79, 2012):

Constatamos em nossa pesquisa que a Internet também foi usada para a promoção da saúde para o imigrante, servindo como ponte para a manutenção do contato com a família e os amigos que residem em outro país, superando distâncias, aproximando geograficamente.

O pesquisador cristão Hiebert (2010) sinaliza a importância de se buscar ajuda terapêutica para o enfrentamento das diferenças culturais, visto que o missionário, assim como qualquer outro agente religioso, pode usar máscaras sociais para esconder um problema que deve ser enfrentado:

“a máscara requer muita energia e gera outros problemas além do medo, tais como irritabilidade, preocupação, ansiedade, fadiga, autoindulgência, acusação aos outros e, não menos freqüentes, mentira e falsidade (...) Os líderes cristãos devem estar prontos para remover primeiro suas próprias máscaras antes de esperar que os outros façam o mesmo. Só quando nós cristãos estivermos prontos para expor nossos pés no barro os outros se sentirão (e talvez só depois) seguros para expor a si e as suas necessidades.” (HIEBERT, p. 74, 2010)

Independentemente da abordagem psicológica percebemos que um aconselhamento psicológico e um processo psicoterapêutico parecem ser de grande valia para ajudar os missionários no processo de ajustamento cultural,

sejam eles presencial ou virtual, durante a fase do choque cultural : “[...] o primeiro caminho para minimizar o choque cultural é reconhecer nossas ansiedades [...] em certo sentido, é o medo de algumas incertezas que enfrentamos em novos ambientes. É essa ansiedade, não os medos específicos, o componente mais perigoso do choque cultural. (HIEBERT, p. 81, 2010)”.

2.2. As dificuldades e mudanças culturais

A dificuldade de missionários brasileiros é semelhantemente vivenciada por aqueles que são imigrantes e expatriados, como por exemplo, com a adaptação alimentar que tem sido tema de diversas pesquisas (BORDIEU, 1972; SAYAD 2000; SILVA, 2002). Visto que a comida se torna um referencial pátrio em que se evocam memórias e lembranças que oferecem um sentimento de pertencimento, mesmo que distante do país de origem, para Mintz (2001, p. 30-32):

Nossas atitudes em relação à comida são normalmente aprendidas cedo e bem; e são, em geral, inculcadas por adultos afetivamente poderosos (...) o peso de o primeiro aprendizado alimentar e algumas das formas sociais aprendidas através dele permanecem, talvez para sempre, em nossa consciência.

Sendo assim relatado com certo grau de dificuldade para os missionários brasileiros, em que é difícil procurar ter o popular arroz-feijão-carne. Segundo o relato de um missionário em seu *blog* “Pastor Peniel” a relação com a alimentação chega a se tornar um empecilho para o trabalho de missão:

Existem comidas bem diferentes do nosso feijão com arroz [...] Não fale mal da comida de ninguém. [sic] Pode ser que não signifique nada para você, mas conheço casos de missionários

serem expulsos de uma comunidade por fazerem “comentários” sobre o modo do povo preparar seus alimentos. (post de 19/12/2012)

A relação com a alimentação não é somente de paladar, ela também invoca um tipo de ritual que muitas vezes são diferentes dos costumes locais. Para os brasileiros é um importante ritual estar com família reunida, nas principais refeições cotidianas. Talvez pelo fato da miscigenação do povo brasileiro que sofreu grande influência das culturas italianas, irlandesas e judaicas que tornou o ato de comer um padrão de definição cultural e de um estilo brasileiro impagável (DAMATTA, 1986; SILVA, 2013).

Além da dificuldade com a comida e os costumes relativos a ela, a questão da moradia e a infraestrutura também é um quesito importante. Os cristãos se apóiam nos textos de passagens bíblicas em que Deus afirma suprir as necessidades básicas para garantir a sobrevivência de seu povo em qualquer lugar (Gn 1.29; Gn 2.8; Lv 25.19; Mt 25.34-40). Entretanto, na prática, não é fácil essa tarefa para os missionários que atuam em contextos transculturais, como por exemplo, relata um missionário (SANTOS, p.75, 2010):

Deixamos o terminal rodoviário e saímos em busca de hospedagem. Acomodei minha família em uma *residência* – uma espécie de pensão [...] e comecei a andar pela cidade à procura de uma casa. Durante cinco dias trilhei sistematicamente as ruas e avenidas de Cúcuta. Pensava na providência de Deus, no entanto estava preocupado. Logo não teria mais dinheiro para permanecer na *residência* e, ainda não havia encontrado uma casa para morar.

Vários missionários têm narrado através de carta, *blog* ou em perfis de redes sociais, as dificuldades relacionadas à moradia. Um destes relatou o seu problema de moradia na página de sua agência missionária (APMT) e outro em uma entrevista para a sua agência (Gideões Missionários da Última Hora - GMUH):

Atualmente estou vivendo numa casa de hospedagem para missionários [...] A razão da mudança para esse local não foi

apenas em função dos desafios que tenho enfrentado com relação à moradia em Maputo, escasso e caro!, [...] (APMT)

[...] para sair da cidade onde estava até meu destino, caminhei trinta quilômetros em sete horas e meia, sem tomar água e nem ter comido nada, quando cheguei [...] desmaiei, e fui amparado. (GMUH)

Dificuldades com saneamento básico é um fator preocupante por afetar a saúde, bem como a condição física e mental dos missionários cristãos que precisam trabalhar em condições precárias, além de ter que lidar com o sofrimento das pessoas locais que vivenciam esta realidade. Em uma entrevista para o site Instituto das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada (IPQMMI, 2011) irmã Giselle relatou essa dificuldade:

Chimoio é uma cidade pobre [...] as poucas empresas existentes trazem mão de obra qualificada de fora, a pobreza reina em toda parte, não existe Serviço Social que atenda as crianças, idosos e pessoas com necessidades especiais, não existe saneamento básico e o tratamento de saúde é precário.

Observa-se por meio destes relatos, outra particularidade no processo de adaptação cultural pelos missionários. Ao contrário dos imigrantes e expatriados que saem de seus países de origem em procura de melhores condições de vida em seus distintos aspectos, os missionários são pessoas cujo destino é traçado por um “chamado vocacional” para falar em países e regiões geralmente são piores do que seu local de origem.

De acordo com os dados do instituto Pew Research Center (2012) a maioria dos missionários transculturais, não só brasileiros, estão em regiões onde 40% da população mundial sobrevive com menos de dois dólares por dia, aonde 115 milhões não vão à escola, 10 milhões de crianças morrem de doenças evitáveis ou curáveis, mais de um milhão de pessoas não tem acesso a água potável e 2.600 milhões não dispõem de saneamento básico segundo informações repassadas pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), situação que mobiliza impotência ao indivíduo que

presença disso, sendo talvez a explicação para o envolvimento de missionários em lutas sociais, além de suas atividades religiosas, por não aceitarem ver pessoas em situação de sofrimento e miséria e ao menos tentarem fazer a diferença enquanto estrangeiros.

Em relação aos hábitos e costumes relativos a cumprimentos, modo de se comportar e vestes atualmente não chegam a ser um grande problema para os missionários que atuam em países em contexto de paz (KOSMINSKY, 2004). Entretanto, em países que possuem guerras civis ou são de orientação religiosa oriental existe uma grande preocupação em não ofender a cultura local. Tal preocupação se refere mais ao aspecto emocional e psicológico da atuação pessoal de cada missionário, pois, o desejo deste de levar o Cristianismo a todos os povos é forte e, a preocupação de falhar na missão constante.

Em uma entrevista disponível no site da igreja portuguesa Deus é amor (IPDA, acesso em 2014), o missionário brasileiro David Michel respondeu que uma das grandes dificuldades sociais é a negação do Cristianismo pela população local da onde trabalha, salientando que “a rejeição das almas, quanto ao evangelho, torna-se um dos obstáculos mais árduos; [...] É muito triste deparar com homens e mulheres que não querem aceitar a Jesus”.

No relato anterior, a respeito do missionário que descreve sentir-se triste por não ver pessoas se convertendo à religião da qual se esforça para proclamar, percebe-se que dificuldades em compreender a cultura nova, pode gerar sensação de fracasso no desenvolvimento do ajustamento cultural resultando em possível desmotivação no trabalho desenvolvido, podendo acarretar indícios de ansiedade e depressão, sintomas estes presentes na vida de muitos missionários segundo Meer (2009).

2.3. Saúde mental dos missionários

A complexidade em lidar com o processo de aculturação, no que se refere à adaptação cultural de costumes próprios e a inserção em uma nova cultura, são problemas que perturbam o bem-estar mental (HIEBERT, 2010; SALTER, 2010), tendo como principais sintomas um conjunto de sentimentos e expressões confusos, como: melancolia, explosões de raiva, choro inexplicável,

tédio, necessidade de dormir mais do que o habitual, alterações de apetite, dores de cabeça, dores de estômago, preocupação excessiva com pequenas dores, perda da capacidade de trabalhar de forma eficaz e dificuldade de concentração:

As conseqüências mais sérias do estresse geralmente são a depressão e o sentimento de fracasso (...) Somos parte de uma comunidade de missionários constituída por estranhos com grande força de vontade, a quem não ousamos admitir nossas fraquezas, e pode não haver ninguém que desempenhe o papel de um pastor quando falharmos.” (HIEBERT, p. 73, 2010).

De acordo com a teoria de Hiebert (1999) quando o indivíduo começa a questionar sua vida e atuação, por conta dos problemas físicos e emocionais que o desgastam, seria o momento em que o missionário percebe que ‘[...] cuidar de outras pessoas pode nos desgastar. Podemos ficar tão ocupados cuidando dos outros que não reservamos tempo para cuidar de nós mesmo’ (p. 79, MIERSMA *et al.*, 2008).

A pesquisadora Meer (2009) apontou que a vivência dos missionários em contexto transcultural está envolta em guerra, violência, problemas sociais, perseguições e ameaça de morte que são fatores estressantes e geradores de conflitos intra e interpessoais. Além destes problemas os missionários tem de lidar com adversidades relativas a conflitos burocráticos, corrupção, guerra de egos que resultam em problemas de saúde mental, tais como transtornos de humor, distúrbios de aprendizagem e distúrbios alimentais (DOTY, 2007).

Por meio de pesquisa bibliográfica pelo banco de dados da *American Psychological Association* (APA) identificamos 900 publicações, dentre artigos e capítulos de livro, entre 1980 e 2014, a respeito do cuidado da saúde mental de missionários transculturais. Os sintomas mais comuns apresentados em campo missionários são: sentir-se irado ou triste o tempo inteiro, sentir-se cansado e irritado, não dormir bem, ter problemas nos relacionamentos, questionar a verdade sobre a fé professada, questionar a bondade e o poder de Deus, ficar doente ou sofrer muitos acidentes e ressentir-se das pessoas que precisam da

sua ajuda (FERNANDO, 2002; FOYLE, 2001; HICKS, 2002; MIERSMA *et al.*, 2008; WICKSTROM, 1998).

Muitos missionários apresentam quadros depressivos. O pesquisador Koteskey (2011) sugere a necessidade de recorrer primeiro ao pastor responsável para verificar se os sintomas depressivos seriam problemas espirituais ou problemas de ordem emocional. Se constatada pelo líder religioso espiritual a necessidade de ajuda médica, é indicada em segundo lugar, a procura de um médico psiquiatra pelo fato de a depressão ser oriunda de um desequilíbrio químico na serotonina e, por fim, um tratamento psicológico da abordagem da terapia cognitivo-comportamental, visto que a depressão pode ser catalisada pela maneira de um indivíduo pensar sobre o mundo ao seu redor.

Outros pesquisadores (DAVIS, BAZEMORE & CERVO, 2010; DOODS, 2002; IRVIN, 2008; IRVANE, 2006; PASCOE, 2006) revelaram que os quadros depressivos atuam como um fator delimitador da atuação de missionários em contextos transculturais por apresentarem fadiga, esgotamento mental, dificuldade de concentração e de relacionamentos. Ainda outras pesquisas revelaram dados de que a depressão seria causada pelo choque cultural (CAMPBELL, 2003; KEIDEL, 1996; PATTERSON, 2003; SCHUBERT, 2002) e até mesmo quadros graves de esgotamento físico e mental levando missionários à síndrome de *Burnout* (FERNANDO, 1999; FOYLE, 1986; SCHUBERT, 1993; WADDELL, 2008).

Entretanto a ansiedade é o transtorno emocional mais vivenciado pelos missionários (BACON, 2011; CARR, 2010; KIMBER, 2012; O'KEEFE, 2002; WILLIAMS, 2010) devido ao alto estresse vivenciado no trabalho de campo faz com que muitos deles questionem o fazer religioso, pois, passam a trabalhar tendo que lidar com insatisfações burocráticas e sofrendo com decepções nesse ambiente.

Outras dificuldades estão relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos agressivos (AUGSBURGER, 1986; HICKS, 1999; TAYLOR, 1983); amargura (CARR, 1997; SCHUBERT, 2001); desânimo (DIASO, 2010; IRVIN, 2008; VAN OCHS, 2001); solidão (DEVALVE, 2008; STEPHENSON, 2008) e problemas conjugais (EENIGENBURG, 2008; ROSIK, 2008; SHELLING, 2008) também aparecem como disparadores de problemas de

saúde. Além de problemas com pornografia (HODGE, 2003; LO, 2003; WILLIAMS, 2002), suicídio (Pirolo, 2002; Schubert, 1989) e psicopatologias (Bagley, 2003; Barnett, 2005; Parks, 2010) também estão presentes na vivência de alguns missionários transculturais.

Diante destes dados, apontamos a urgência de rever a forma pela qual as igrejas e agências missionárias estão selecionando os indivíduos, visto que o modelo brasileiro necessita de laudo psicológico e médico, mas deve seguir orientação internacional de modelos de recrutamento, por revelar falhas que precisam ser trabalhadas. A proposta desta tese, diante da não identificação de estudo realizado com missionários brasileiros em contexto transcultural, é justamente a de investigar os quadros de saúde mental e o processo de adaptação cultural a fim de colaborar e oferecer subsídios para os programas de capacitação e preparação missionária.

3. OBJETIVO

Tendo em vista que o trabalho missionário não é uma profissão regulamentada para a qual as pessoas desejam prestar vestibular para exercerem; tendo em vista que o missionário pode trabalhar em distintos contextos sociopolíticos, nos quais se exija adequada adaptação cultural que implica em domínio de idioma, enfrentamento de diferenças no modo de viver (flexibilidade cognitiva e aculturação) e tendo em visto que o missionário tem sido descrito como um indivíduo com problemas emocionais, o objetivo do presente trabalho é:

- a) realizar um retrato dos missionários que atuam em contexto transcultural;
- b) identificar a temática sobre ser missionário e suas significações para o próprio indivíduo, família de origem, família conjugal, igreja/agência apoiadora e população do local em que desenvolve o papel missionário;
- c) identificar o nível de adaptação cultural dos missionários, bem como a flexibilidade cognitiva que é um recurso interno de enfrentamento para as dificuldades do processo de adaptação;
- d) identificar se há comprometimento de saúde mental entre missionários no que se refere a quadros ansiosos e depressivos;
- e) mapear as variáveis contextuais, interpessoais e de adaptação cultural correlacionadas.

Tendo por base a revisão de literatura atrás apresentada, propõem-se as seguintes hipóteses:

- 1) dada a diferença cultural do povo brasileiro e da estrutura do idioma português ser diferente, os participantes da amostra encontrem alto nível de problemas com adaptação cultural;
- 2) a flexibilidade cognitiva pode ser um recurso de apoio importante para o missionário que, estando ausente, denote baixa adaptação cultural, havendo correlação significativa entre nível de adaptação cultural e flexibilidade;

- 3) a crença na qual o participante acredita e que é o embasamento para sua escolha de ser missionário, pode estar relacionada ao processo de adaptação cultural;
- 4) o nível de adaptação afeta o quadro de saúde mental, no que se refere a sintomas ansiosos;
- 5) o nível de adaptação cultural afeta o quadro de saúde mental, no que se refere a sintomas depressivos.

4. MÉTODO

Realizamos uma pesquisa quanti-quali por meio de uma estratégia *on-line* de coleta de dados, respeitando-se a resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde do Brasil. Tratou-se de uma pesquisa quanti-quali, à medida que se utilizaram análises estatísticas de variáveis externas cujos resultados podem ser generalizados para uma determinada população, assim como se analisaram qualitativamente perguntas de caráter exploratório que estimulavam os participantes a escrever de forma direta, sem mediação de opções com respostas pré-concebidas, aspectos subjetivos de sua experiência ou expectativa pessoal (COZBY, 2003).

A estratégia *on-line* ocorreu em função de o acesso aos participantes ser possível quase que exclusivamente por mediação virtual, visto que, sendo os participantes, missionários transculturais, seria difícil o contato presencial, pois moram atualmente no exterior (MANN & STEWART, 2000; MENDES, 2009).

4.1 Participantes

Para a escolha dos participantes foram considerados os seguintes critérios de inclusão: ter acima de 18 anos de idade; ser missionário protestante em contexto transcultural, estando em campo de trabalho ou ter passado por tal experiência há menos de um ano; ter preparação para atuação como missionário e estar vinculado a ou apoiado por alguma agência missionária.. Sexo e estado civil não foram critérios de exclusão, e como o participante podia abandonar a pesquisa se assim desejasse, o não preenchimento total do instrumento implicou na rejeição das respostas²⁵.

²⁵ Por meio da análise dos protocolos de pesquisa, percebemos que a desistência ocorreu em lugares onde o acesso à internet era precário devido à falta de infraestrutura do país.

Participaram deste estudo (49 missionários, 20 homens e 29 mulheres com idade entre 21 e 62 anos, brasileiros, vivendo atualmente em 22 países (África do Sul, Brasil, Moçambique, Romênia, Uruguai, Estados Unidos, Angola, Burkina Fasso, Guiné, Gabão, Timor Leste, Peru, Cabo Verde, Bolívia, Guine-Bissau, Venezuela, Coreia, Holanda, Inglaterra, Nepal, Argentina e um país não identificado). Apresentaremos o retrato completo dos participantes na seção de Resultados e Discussão.

4.2. Procedimento

A pesquisa foi realizada via mediação virtual conforme já foi mencionado, com os instrumentos disponibilizados por meio do domínio da pesquisadora (www.projetobamboo.com), em link específico criado após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) sob número CAAE 27736614.0.0000.5482.

Os primeiros voluntários da pesquisa, missionários protestantes em contexto transcultural, foram convidados pela pesquisadora e, em seguida, utilizou-se o recurso da coleta de dados por meio da amostragem do tipo bola de neve, cuja técnica realista e adaptativa permite que os próprios voluntários indiquem potenciais pessoas que possam envolver-se no projeto. Essa ação foi alcançada por meio de convites com o endereço eletrônico virtual divulgado por meio das redes sociais da pesquisadora (Facebook e Google +), e correio eletrônico.

Cada participante, ao acessar o site da pesquisa, se deparava com uma página inicial que esclarecia o objetivo do trabalho com o qual estaria disposto a colaborar. Na página seguinte, caso resolvesse participar, deveria aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1) no qual constavam o objetivo e as explicações da realização da pesquisa. Somente após a aceitação era possível iniciar o processo de respostas às questões. O procedimento poderia ser abandonado em qualquer tempo pelo participante.

4.3. Instrumentos e Análise de Dados

Elaboramos um conjunto de instrumentos (Anexo 2) constituído por um questionário demográfico (Q1. Informação Geral) e questões específicas com respostas em aberto; uma escala de adaptação sociocultural (Q2. Escala de Adaptação Sociocultural Revisada (SCAS-R) de Wilson (2013); uma escala de componentes interpessoais (Q4. Escala de Flexibilidade Cognitiva) de Martin & Rubin (1995); e uma escala para investigar a presença de sintomas ansiosos e depressivos (Q3. BAI; Q5. BDI) de Beck (2001).

O questionário geral (Q1) foi composto por 25 questões de resposta direta, de múltipla escolha e abertas com limite de 500 caracteres, nas quais havia itens demográficos (idade, sexo, estado civil, local de residência e exercício profissional). Para sua correção observamos a frequência simples de cada resposta obtida para questão fechada. Constavam ainda perguntas cujas respostas referiam-se ao entendimento que os missionários possuem acerca de seu trabalho e sobre como acreditam nas pessoas do local de trabalho, do país de origem e como os familiares consideram sua atividade, sendo que para essas questões optamos por realizar uma tematização das respostas para melhor análise e compreensão das respostas obtidas (EZZY, 2002).

Para avaliar a adaptação cultural selecionamos a Escala de Adaptação Sociocultural Revisada - SCAS-R (Q2) de Wilson (2013). Trata-se de um conjunto de vinte e uma questões relacionadas ao aprendizado de novas habilidades e comportamentos diante da vivência de uma nova cultura. Essa escala foi elaborada durante o doutorado daquele pesquisador na *Victoria University of Wellington* com a finalidade de compreender o processo de adaptação de imigrantes asiáticos e orientais nos Estados Unidos que trabalhavam nos pequenos comércios locais.

A escala avalia o processo de adaptação diante de um novo ambiente cultural, considerando cinco fatores cujos indicadores de competência do processo adaptativo são: 1) comunicação interpessoal; 2) o rendimento laboral e/ou acadêmico; 3): o envolvimento com a comunidade e interesses pessoais; 4) ambientação local e, 5) proficiência no idioma local. Essa escala foi construída pelo autor, obedecendo aos parâmetros da escala *Likert*, a validade de conteúdo e construto, bem como confiabilidade e alta consistência interna

que apresentou $\alpha=.92$, significando ser uma escala que realmente avalia o que se propõe a investigar. No nosso caso investiga se um indivíduo encontra-se adaptado ou não, diante de uma sociedade distinta da sua.

Como a finalidade da pesquisa era investigar os quadros de saúde mental dos missionários, atrelada à temática de adaptação cultural, procuramos por uma escala consistente como a SCAS-R. Por se tratar de uma escala intercultural, foi somente traduzida com a ajuda de um especialista na área de tradução e intérprete, visto que o processo de validação não seria viável devido à dificuldade em se encontrar pessoas em um período de tempo no qual fosse possível realizar os passos necessários para a validação brasileira, a saber: tradução, tradução reversa, adaptação, pré-teste, validade de conteúdo e construto, análise de consistência interna, confiabilidade e conferência dos parâmetros da escala *Likert* (DEVILLIS, 1991).

A escala SCAS-R devia ser respondida dentro de um sistema *likert* de cinco pontos, tendo como primeira opção assinalar o número 1 que consiste na afirmação de ser “nada competente” até a pontuação máxima, com número 5, correspondendo a “extremamente competente”. O instrumento foi traduzido da língua inglesa pela pesquisadora, revisado por um especialista em traduções e pré-testado com um grupo de colegas de curso da PUCSP. Sua correção contou com a ajuda de um especialista em estatística, que utilizou o programa de análise em estatística SPSS para verificar se os participantes que responderam à escala apresentavam competência ou não no processo de adaptação cultural.

A escala de Flexibilidade Cognitiva (Q4) de Martin & Rubin (1995) é composta por 12 questões por meio das quais é avaliado o comportamento adaptativo, nomeado como ‘flexibilidade cognitiva’, que é um componente de competência comportamental-cognitiva. Possuir competência neste domínio refere-se à capacidade de estar apto a mudanças e ter possibilidade de procurar alternativas para a resolução de problemas.

A escala de Flexibilidade Cognitiva foi desenvolvida pelos autores Martin & Rubin (1995) diante da constatação de que estrangeiros, morando nos Estados Unidos, reclamavam de não terem uma razão ou motivação para conseguirem se adaptar à cultura estadunidense. Por meio de pesquisas feitas com temáticas de flexibilidade na comunicação e inquéritos a respeito de

atitudes rígidas diante uma nova cultura, Martin & Rubin perceberam que, na realidade, faltava flexibilidade cognitiva a estes estrangeiros. Para tanto desenvolveram a Escala de Flexibilidade Cognitiva tendo-a aplicada em 2.275 participantes para validarem a hipótese de que estava realmente correta. As questões estão relacionadas ao processo de adaptação e intolerância a pensamentos e ideias, sendo um tipo de enfrentamento e solução de problemas e devem ser respondidas em um sistema *likert* de seis pontos, no qual o número mínimo, um, consiste em 'discordar fortemente' e o número máximo, seis, em 'concordar fortemente'.

Assim como fizemos com a SCAS-R, essa escala também foi traduzida somente com a ajuda de um especialista na área de tradução e intérprete, devido o processo de validação em língua portuguesa necessitar do mesmo tempo que seria possível obtermos, por conta da dificuldade de encontrar missionários para a realização desta validação.

Para avaliar essa escala, era necessário realizar a soma das respostas obtidas, de um total máximo de 72 pontos e assim, considerados baixa flexibilidade (0 a 24 pontos), flexibilidade cognitiva esperada por qualquer indivíduo (25 a 48 pontos) e alta competência em flexibilidade (acima de 49 pontos). Segundo esta escala, o participante da pesquisa era considerado competente se apresentasse escore acima de 49 pontos.

Para avaliarmos o quadro de saúde mental, escolhemos o Inventário de Ansiedade de Beck - BAI (Q3) e o Inventário de Depressão de Beck - BDI (Q5) que são escalas traduzidas e validadas para a língua portuguesa – versão brasileira pelo Conselho Federal de Psicologia (Beck, 2001). O BAI é uma escala de alta consistência interna com $\alpha=.92$, composto por 21 questões, avalia a presença e a intensidade de sintomas de ansiedade enquanto o BDI, composto por 21 questões de múltipla escolha, avalia a presença e grau de sintomas depressivos. Ambas as escalas deviam ser respondidas em um sistema *likert* de quatro pontos e foram escolhidas como instrumento de análise da identificação da qualidade da saúde mental dos missionários, por serem os instrumentos mais utilizados na investigação de quadros de ansiedade e depressão (PIOTROWSKI, 1999).

Para a correção do inventário de ansiedade (BAI), realizamos a soma das pontuações de acordo com as respostas dos participantes, podendo estar

entre 0 e 63 pontos no total. Assim: grau mínimo de ansiedade (0-7 pontos), ansiedade leve (8-15 pontos), ansiedade moderada (16-25 pontos) e ansiedade severa (26-63 pontos). De acordo com a correção do inventário, podemos considerar a presença de ansiedade a partir do quadro de ansiedade leve.

Em relação à correção do inventário de depressão (BDI) somamos as pontuações, seguindo as respostas dos participantes, que poderiam estar entre 0 e 63 pontos no total. Consideramos que o indivíduo não estaria depressivo, se pontuasse entre 0 a 9; acima disso já podemos considerar possível um quadro de depressão leve a moderada (10-18 pontos), depressão moderada a severa (19-29 pontos) e depressão severa (30-63 pontos).

Como a pesquisa foi realizada virtualmente, pensamos em uma distribuição das escalas de maneira que não cansasse a leitura dos participantes, por isso optamos pela seguinte ordem de apresentação de perguntas: em primeiro lugar o Questionário Geral, seguido pela Escala de Adaptação Sociocultural Revisada (SCAS-R), Inventário de Ansiedade de Beck (BAI), Escala de Flexibilidade Cognitiva e, por fim, Inventário de Depressão de Beck.

4.4. Considerações éticas

Devido à metodologia da pesquisa de campo vir a ser realizada por mediação virtual, a pesquisadora se comprometeu a seguir as orientações éticas de estudo realizado nesse meio, seguindo as orientações da *Association of Internet Researchers* (Ess, 2002; Markham & Buchanan, 2012) que pontua a obrigação de informar de maneira clara e objetiva a sua finalidade aos participantes, além de respeitar a vida particular e familiar de cada um deles e garantir a confidencialidade dentro dos limites estabelecidos para uma pesquisa.

5. Resultados e Discussão

Conforme observado durante a revisão de literatura, não encontramos estudos brasileiros a respeito do processo de adaptação cultural de missionários protestantes atrelados às questões de saúde mental, tais como quadros de ansiedade e depressão conforme relatado por estudos internacionais. Os missionários são descritos por diversos estudos como indivíduos que passam por dificuldades de adaptação (CAMPBELL, 2003; KEIDEL, 1996; PATTERSON, 2003; SCHUBERT, 2002), bem como sofrem diversos problemas relacionados à saúde mental, principalmente ansiedade (BACON, 2011; CARR, 2010; KIMBER, 2012; O'KEEFE, 2002; WILLIAMS, 2010) e depressão (DAVIS, BAZEMORE, CERVO, 2010; DOODS, 2002; IRVIN, 2008; IRVANE, 2006; PASCOE, 2006, MEER, 2009).

Dado que as características gerais dos participantes só puderam ser obtidas após o preenchimento do procedimento, iniciamos a apresentação com um retrato dos mesmos no que se refere às características demográficas, em geral. Além disso, embora o foco de interesse central seja verificar a presença de respostas e quadros de ansiedade e depressão, identificando as variáveis associadas, optamos por apresentar a descrição geral do significado do trabalho de missionários e os apoios sociais como um todo, dada a importância qualitativa destas informações para compreender o trabalho missionário. Os resultados de adaptação cultural e competência em flexibilidade cognitiva também serão destacados na medida em que facilitariam a apresentação de sua relação com o tema central de saúde mental.

5.1 Retrato dos participantes

Inicialmente serão apresentadas informações relativas aos voluntários da pesquisa que só foram obtidas mediante a análise das respostas do questionário geral (Q1). Utilizamos o número bruto e a porcentagem no texto, porém, para melhor visualização gráfica, optamos pelo percentual dos dados.

Tratou-se de uma amostra equilibrada quanto ao sexo, 20 homens (41%) e 29 mulheres (59%). Interessante notar que ao contrário do que foi

descrito por Hesselgrave (1996) e Hiebert (2010) (HESSELGRAVE, 1996; HIEBERT, 2010) encontramos tanto mais homens quanto mulheres atuando no campo missionário transcultural. Em relação à idade, a média obtida foi de 36,57, tendo o participante mais novo 21 anos e o mais idoso 62 anos; do total 17 (35%) tinham entre 20 e 30 anos, 20 (41%) entre 31 e 40 anos, quatro (8%) entre 41 e 50 anos, seis (12%) entre 51 e 60 anos e dois (4%) acima de 61 anos. O Gráfico 4, a seguir, apresenta a distribuição etária dos participantes, permitindo-nos a observação de tratar-se de uma população com maior concentração no início da vida adulta, mas com representantes de todo este período.

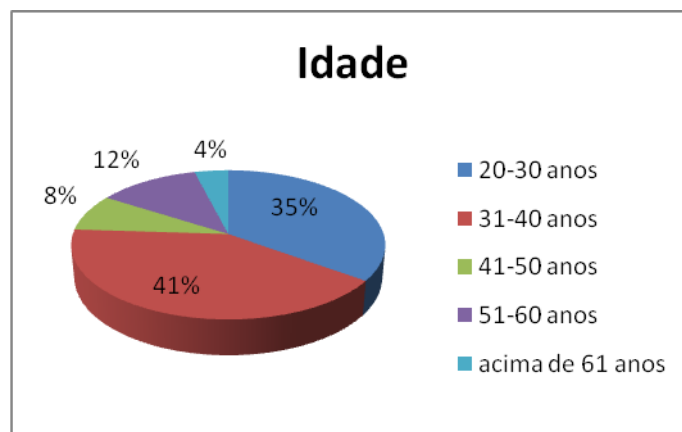


Gráfico 4. Idade dos participantes

Em relação ao estado civil, 30 participantes (61%) estavam casados e 19 (39%) eram solteiros, o que seria previsível pela faixa etária dos respondentes. Dentre os casados, os cônjuges estavam na mesma faixa etária e 16 (54%) dos participantes afirmaram que o(s) filho(s) também morava(m) no campo missionário. Podemos identificar que 41% dos participantes entre 31-40 anos possuíam filhos pequenos e em idade escolar.

Em relação à escolaridade, tratou-se de uma amostra em que quase a metade, 23 (48%), apresentava formação em graduação completa. Dos demais participantes, dois (4%) tinham fundamental completo, 10 (20%) ensino médio completo, quatro (8%) graduação incompleta, cinco (10%) pós-graduação completa e cinco (10%) pós-graduação incompleta, conforme pode ser observado no Gráfico 5 a seguir:

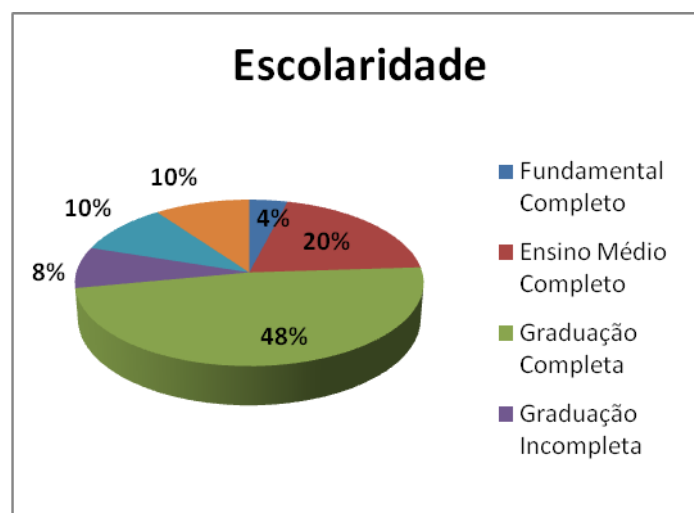


Gráfico 5. Nível de escolaridade dos participantes

Em relação à condição financeira, obteve-se que a maioria, 19 (39%) dos participantes afirmaram ser ótima e 14 (29%) responderam como indiferente, o que pode ser analisado como uma condição em que não há falta nem abundância de recursos financeiros. Sobre a condição física, um pouco mais da metade dos participantes se encontra entre um estado ótimo e bom de saúde, visto que 12 (25%) afirmaram ter boa condição, 10 (20%) terem ótima saúde e quatro (8%) de saúde 'muito boa'. Os dados podem ser visualizados no Gráfico 6.

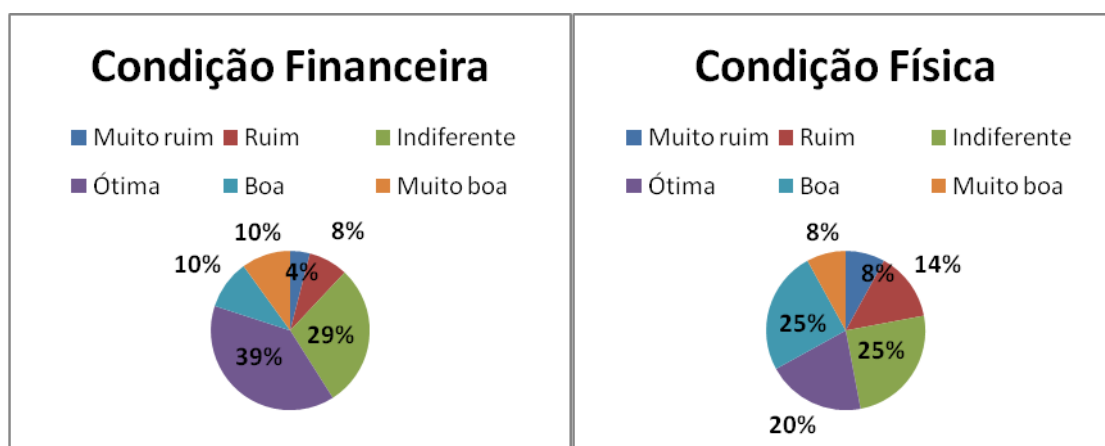


Gráfico 6. Condição financeira e física dos missionários voluntários da pesquisa

Conforme podemos visualizar no Gráfico 7 a seguir, dentre os participantes, 13 (27%) estavam atuando como missionários fora do Brasil pela primeira vez e 36 (74%) já estavam atuando no exterior há mais de seis anos

talvez sendo por isso que os participantes considerem sua condição financeira e física, em geral, como positiva, visto que podem ter se tornado mais experientes e menos fantasiosos em relação ao local aonde vivem compreendendo melhor a forma de se viver em certos lugares de acordo com os recursos oferecidos (FURNHAM & BOCHNER; 1986) NORONHA ET AL, 1999). Em relação ao tempo de atuação dos participantes, em geral, observamos que 13 (26%) estavam entre um e cinco anos fora do Brasil, 18 (37%) entre seis e 10 anos, 13 (27%) entre 11 e 15 anos e cinco (10%) há mais de 16 anos. Os dados podem ser visualizados no Gráfico 7:

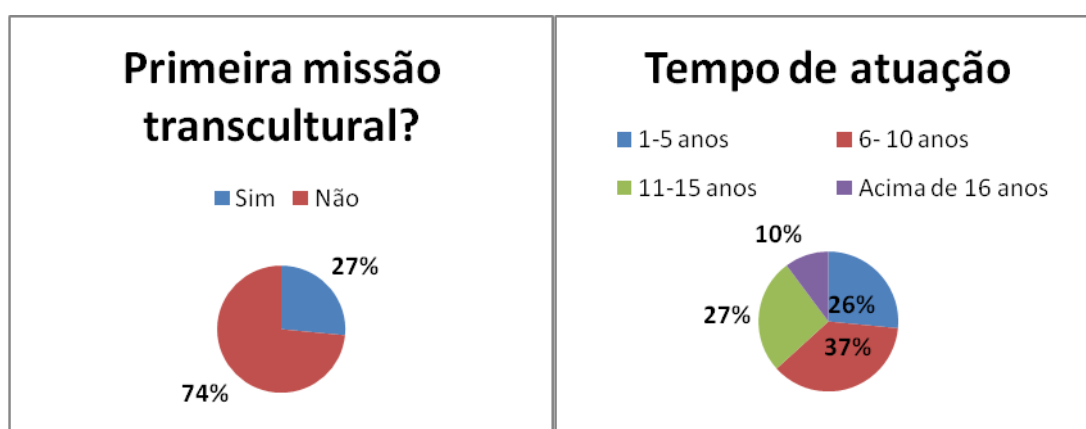


Gráfico 7. Sobre atuação e tempo em missão transcultural

Em relação à agência de envio desses missionários, a maior parte 25 (51%) eram missionários pela agência batista Junta Mundial de Missões (JMM), nove (19%) eram pela Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT), cinco (10%) pela agência internacional e interdenominacional Jovens com uma Missão (JOCUM- YWAM), três (6%) pela agência Missão GP Brasil e sete (14%) eram missionários subsidiados por diversas igrejas, cujos dados podem ser visualizados a seguir (Gráfico 8):

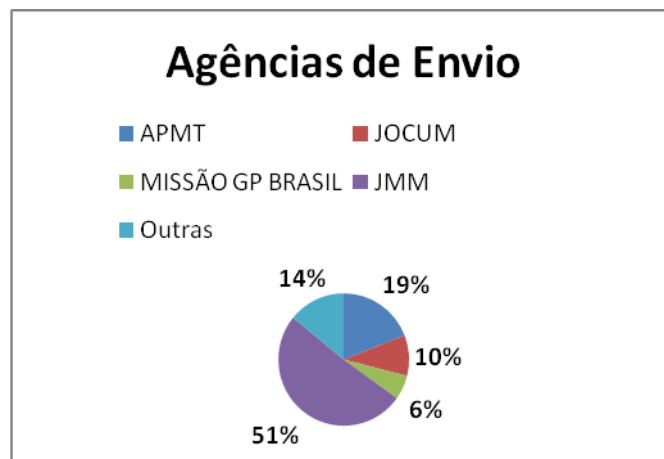


Gráfico 8. Sobre as agências de envio de missionários transculturais

Em relação ao país de atuação, 48 (98%) estavam em trabalho de missão transcultural à época que participaram e aqueles que estavam pela primeira vez se encontravam em países africanos e europeus. No geral, atuavam em 22 países distintos, espalhados entre os continentes: africano (África do Sul, Angola, Burkina Faso, Cabo Verde, Gabão, Guiné-Bissau, Moçambique), europeu (Holanda, Inglaterra, Romênia,) asiático (Coreia do Sul, Nepal, Timor Leste) e americano (Argentina, Bolívia, Brasil, Estados Unidos, Peru, Uruguai, Venezuela) e um país não identificado por um participante por questões de segurança pessoal.

Quanto à ocupação profissional 15 (30,6%) eram missionários de carreira e nove (18,4%), pastores (as). Os demais possuíam outras ocupações, a saber: assistente social, psicólogo, enfermeiro, pedagogo, jornalista, designer, balconista, do lar, hoteleiro, programador, estudante e bancário. Entretanto, quanto à atividade missionária remunerada observou-se que de toda a amostra, 43 (88%) não exerciam qualquer atividade profissional, senão relacionada ao trabalho no campo missionário e a média de horas trabalhadas era de 45,8 horas/semanais enquanto que os demais participantes, seis, (12%) atuavam em atividades além da missão, embora não remuneradas, apresentavam 72,6 horas/semanais de trabalho.

Observamos que estes dados podem revelar uma possível relação com a ansiedade, visto que quanto menos horas trabalhadas em atividades extramissionárias, parece favorecer maior dedicação e provavelmente ocasionar menos estresse ao missionário. Do contrário, ter de realizar outras

tarefas pode fazer com que o missionário tenha de lidar com mais responsabilidades e diante do escasso tempo para organizar e executá-las pode sofrer estresse ou até mesmo sofre esgotamento tanto físico quanto mental.

Segundo informações obtidas e descritas no capítulo 1 desta tese, tem-se que com exceção da Igreja Metodista, todos os demais indivíduos que queiram ser missionários, podem ser indivíduos tanto com carreira eclesiástica (pastor, reverendo), podendo-se dedicar exclusivamente ao trabalho em campo missionário transcultural, como pessoa com profissão não-religiosa (GONZÁLES & ORLANDI, 2010). Tais dados foram por nós observados, vista a presença de missionários que se dedicam exclusivamente ao trabalho religioso e outros que precisam desenvolver outras tarefas diversas conforme descrito anteriormente.

Quando questionados sobre como avaliam a sua condição missionária, obteve-se que de modo geral eles a avaliaram de forma positiva, visto que a maioria 17 (35%) deles respondeu como ótima, 15 (30%), boa e quatro (8%) muito boa. Apenas um (2%) respondeu como ruim e 12 (25%), como indiferente, conforme pode se observar na Figura 9:

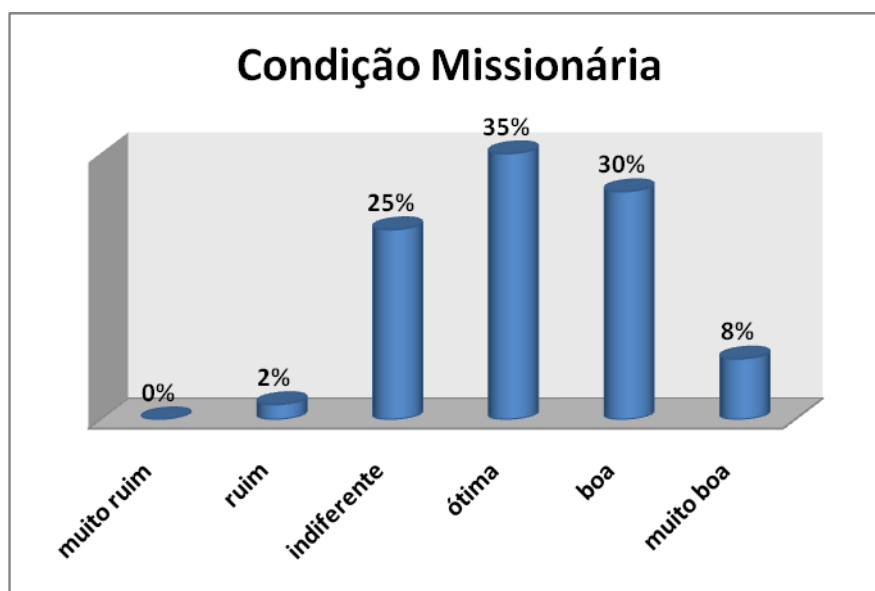


Gráfico 9. Sobre a condição missionária dos participantes

A partir da figura acima percebemos que, mesmo havendo missionários em países com pouca infraestrutura nas áreas educacional, saúde e social, incluindo aqueles que precisam executar tarefas além da atuação missionária,

sinaliza-se que os centros e cursos de treinamento para atuação missionária estão preparando-os para compreender a situação do local onde estão; talvez eles tenham o pensamento de que embora estejam em difícil situação, deveria ser o esperado e por isso, percepção positiva de sua própria condição visto que nenhum participante respondeu estar em situação muito ruim e apenas um (2%) tenha admitido estar em condição missionária ruim, talvez por ser o participante que não pode revelar o seu país de atuação.

Essa percepção positiva pode estar atrelada ao apoio social, seja este familiar, institucional, local e conjugal que tem auxiliado os participantes a enfrentarem as dificuldades de atuação em campo missionário que envolve o enfrentamento de perdas, o deslocamento e o próprio processo de adaptação cultural. Por isso a importância de se investigar a rede social de nossos participantes.

Temos uma amostra adulta, equilibrada em relação ao sexo, uma parcela significativa 20 (41%) entre 31 e 40 anos de idade; sendo que a maioria, 30 (61%) dos participantes eram casados. Os missionários apresentam alta escolaridade, 23 (48%) dentre eles com graduação completa; condição financeira ótima e condição física percebida como indiferente por um quarto da amostra. A maioria, 36 (74%) já estavam atuando como missionários transculturais à época da pesquisa, sendo que 18 (37%), há 6 e 10 anos, no exterior. A amostra se compõe de maioria de missionários agenciados pela Junta Mundial de Missões 25 (51%); apenas um participante não pôde revelar o seu local de atuação, mas, obtivemos que era uma amostra dispersa presente em 21 países dos continentes africano, europeu, asiático e americano. Dentre os missionários, 49% desenvolveram essa atividade como carreira; 43 (88%) não exerciam atividades extrarreligiosas; possuíam em média, 45,8 horas/semanais em campo missionário. Em geral, consideravam sua condição de atuação missionária positiva e um quarto dentre eles respondeu como indiferente tal condição para o desenvolvimento de seu trabalho.

5.2. Apoio social, ser missionário e suas significações.

Nesta secção iremos apresentar a percepção e avaliação que o participante possui em relação ao seu trabalho enquanto missionário e o tipo de apoio recebido da sua instituição, de sua família de origem, e de sua família conjugal dado que o apoio social tem sido descrito como fundamental para a adaptação em contextos transculturais. Particularmente, quando se trata de missionários, Mierma *et al.* (2008) ressaltam que o apoio dado pela família de origem e conjugal influenciam a qualidade do trabalho desenvolvido à medida em que oferecem suporte afetivo para compartilhar aspirações e dificuldades no campo de atuação em um local desconhecido.

Foi realizada uma análise qualitativa das respostas abertas obtidas no Questionário Q1 identificando-se os temas (EZZY, 2002) em cada apoio a ser analisado (familiar e social) bem como no que se refere ao significado do trabalho missionário.

Trabalhando com o conteúdo da pergunta aberta “O que significa ser missionário para você?” obtivemos quatro tipos de respostas: enviado para testemunhar, chamado vocacional, realização de um sonho e estilo de vida (renúncia). Sobre ser *enviado para testemunhar*, 13 (26,5%) participantes responderam que o significado de ser missionário estava relacionado a ser um agente religioso a fim de propagar os ensinamentos dados por Jesus Cristo, sendo esta atitude conhecida no meio protestante como ‘testemunhas’²⁶. Destacaram-se as seguintes falas²⁷:

“Todo cristão é testemunha, mas o missionário é enviado por sua igreja para testemunhar dentro de uma estratégia maior de evangelização, acompanhado pela igreja.”

“Significa ser enviado por Deus através de uma ou mais igreja (comunidade) local ou concílio para testemunhar por meio de palavras e ações da salvação e em Cristo Jesus.”

²⁶ No sentido religioso testemunha é o indivíduo que anda pelo mundo falando de sua experiência com Jesus Cristo e sobre os ensinamentos bíblicos, de acordo com o texto bíblico de Livro de Atos capítulo 1 verso 8: “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”.

²⁷ Com a finalidade de preservar os participantes da pesquisa, não serão revelados quaisquer dados de identificação.

Em relação ao *chamado vocacional*, 18 (36,7%) responderam que ser missionário seria algo além do desejo pessoal, tratando-se de uma vocação imputada por Deus em pessoas específicas. As seguintes falas ilustram esta resposta:

“É servir a Deus com os talentos e dons que Ele me deu, para um povo sedento de Deus e de oportunidades para ser alguém melhor.”

“Aquele que foi chamado por Deus para uma tarefa a longo prazo e integral, largando tudo para traz, levando o reino de Deus aos lugares onde ainda não foi estabelecido, buscando proclamar as boas novas, onde ira se estabelecer a justiça e amor de Deus, trazendo mudanças no local.”

“Alguém cuja vocação é levar a mensagem de boas novas do evangelho de Cristo, ajudando na transformação social, emocional e espiritual de indivíduos que precisam da graça de Deus.”

Ser missionário como *realização de um sonho pessoal* também foi a resposta dada por oito (16,3%) deles que consideram seu trabalho como algo que foi conquistado com esforço:

"Sou suspeita, pois sou apaixonada por tudo o que vivo. Ser missionária pra mim é a realização de um sonho de criança. A idealização de projeto feito desde sempre. Não há como dissociar o ser missionária e viver a missão."

“É a resposta de um coração agradecido por tudo que Jesus fez! Eu não poderia fazer outra coisa senão entregar toda a minha vida ao Senhor para que Ele use como e onde Ele quiser!”

Outras respostas dadas se encontraram no tema *um estilo de vida*, dado que alguns (10, correspondendo a 20,5%) responderam que ser missionário é renunciar a bens materiais e sonhos pessoais em prol do trabalho de levar os ensinamentos de Jesus Cristo a outras pessoas.

“Ser missionário é um estilo de vida, em que compartilhar o amor de Jesus para as pessoas de outras culturas, a nossa vida dedicada ao serviço de Deus”

“Deixar a zona de conforto e Servir a Deus em um país diferente do seu e se privando de diversas coisas mas com a plena certeza de estar sendo cuidada e amada por Ele.”

“Ser totalmente entregue a vontade daquele que me chamou sem olhar pra trás ou titubear. Significa na integral, pega a cruz de Cristo e segui-lo. Servir ao próximo sem olhar sua condição social, cultural ou religiosa.”

O Gráfico 10 apresenta a distribuição das respostas.



Gráfico 10. Sobre o significado de ser missionário

Como demonstrado no Gráfico 10 acima, percebemos que alguns consideram a tradição de levar o Cristianismo para todas as pessoas como obrigação e assim assumem-se como enviados para testemunhar os conceitos e princípios cristãos. Os demais acreditam ser vocacionados para atuação missionária, e esta realização é considerada, por alguns, como um estilo de vida, sendo necessária a renúncia a bens materiais, empregos, estudos, família e uma condição de vida estável. Ou ainda, podendo ser a realização de um sonho, como se missionário fosse a profissão que desde pequeno alguém desejou ter. Baseada nisso podemos perceber que as variáveis convergem no mesmo tema, a religião servindo como suporte

A análise dos resultados dos significados atribuídos permitiu-nos identificar que as respostas dadas são similares, com gradações diferentes, mas todas têm em comum a mensagem que ser missionário é uma vida de dedicação exclusiva que implica em renúncia ao conforto físico e emocional em

prol da pregação do evangelho de Deus. As nuances de significado permitiu-nos entender que os princípios religiosos foram internalizados e parece serem usados como apoio, o que pode ajudar no enfrentamento de dificuldades que possam advir. De fato, a religião cristã protestante apregoa a seus fieis a necessidade de divulgar os conceitos e princípios do Cristianismo a todos os povos, seguindo a tradição religiosa da ‘Grande Comissão’, em que alguns resolvem abrir as portas de sua casa para cultos domiciliares, outros resolvem ser voluntários em alguma igreja e aqueles, no caso de nossos participantes, que dedicam sua vida a realizar a evangelização por meio de uma carreira eclesiástica (HESSELGRAVE, 1994) que pode ser vivenciada de modos específicos provavelmente dada a história de vida da pessoa em questão.

No que se refere ao apoio de uma rede social, devemos destacar que é importante visto que possibilita acolhimento e transformação de diversas experiências, atuando como um instrumento de resgate e valorização de um indivíduo, possibilitando a criação de um sentimento de pertencimento a um grupo, validando assim sua existência em um local.

Quanto ao apoio da família de origem tematizamos a questão que investigava como o missionário acreditava que sua mãe/pai/irmãos avaliavam seu trabalho tendo-se obtido cinco possibilidades de resposta: enviado para testemunhar, chamado vocacional, realização de um sonho, estilo de vida (renúncia) e, longe da família. Sobre ser *enviado para testemunhar* apenas dois (4,1%) disseram que a família acreditava que eles eram pessoas escolhidas por Deus para falar do evangelho de Jesus Cristo:

“eles gostam daquilo que faço em prol do Evangelho”

“eles acham que sou alguém especial”

Quatro (8,2%) disseram que a família acreditava que estavam *realizando um sonho* pessoal sem ter relação alguma com o chamado da parte de Deus, enquanto nove (18,4%) responderam que a família acreditava que eles estavam vivendo um chamado vocacional:

“Uma escolha para ajudar o próximo.” (*realização de um sonho*)

“Sempre reconheceram meu desejo” (*realização de um sonho*)

“Eles vêem como uma vocação, um chamado de Deus que não há como negar.” (*chamado vocacional*)

“Eles compreendem que Deus me chamou e me incentivam a desenvolver o trabalho.” (*chamado vocacional*)

Para 14 (28,6%) deles, a família os percebia como pessoas que resolveram ter *um estilo de vida* baseado em renúncias a desejos próprios e bens materiais. Quase metade dos participantes, 20 (40,8%) respondeu que a família considerava o seu trabalho missionário como algo desnecessário da forma pela qual é realizado, caracterizando a temática de *estar longe da família* como a resposta mais afirmada.

“Eles também tem orgulho, mas reconhecem nossas dificuldades (*estilo de vida*)”

“No princípio não tinham certeza, uma insegurança quanto ao sustento. Hoje reconhecem e respeitam integralmente” (*estilo de vida*)

“existe a satisfação de estar engajada em causas sociais mas que não sobrepõe do desejo deles e sua preferência por eu estar no mercado de trabalho e apenas ser Cristã aos domingos.” (*longe da família*)

“Meu pai e meus irmãos sentem minha falta e prefeririam que eu ficasse mais próximo deles.” (*longe da família*)

O resumo das respostas pode ser observação no Gráfico 11 a seguir.

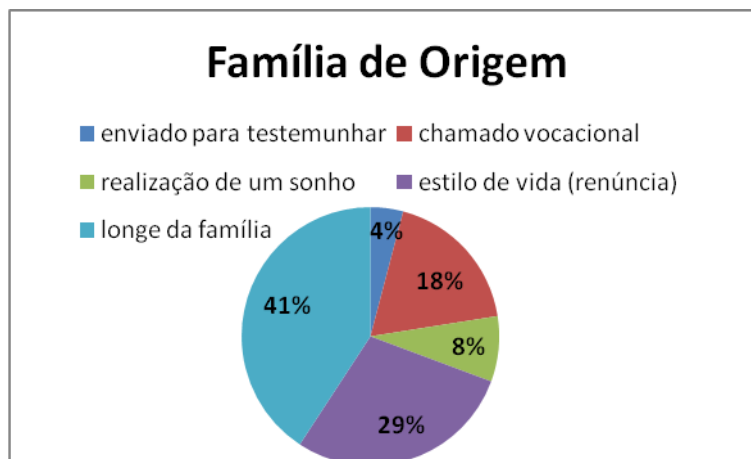


Gráfico 11. Família de origem do missionário

A necessidade de cuidar da relação entre o missionário e sua família, tanto de origem quanto familiar, foi sugerida por alguns estudos (IRVIN, 2008; SAUTER, 2010) que revelaram a influência que essas bases de apoio possuem sobre a qualidade do trabalho missionário. Segundo Irvin (2008) os missionários que necessitam de cuidados emocionais e físicos são aqueles que não possuem apoio integral de seus pais, recebendo cartas com pedidos envolvendo chantagens emocionais, tais como: a mãe estar passando por dificuldades de saúde e se estivesse presente ela ficaria melhor ou o pai precisar de ajuda financeira para manter o lar e se estivesse no país poderia trabalhar com a sua profissão e ajudar no sustento da casa.

No que se refere a nossos participantes, guardadas as limitações de uma amostra de conveniência, observamos uma preponderância da percepção da compreensão e apoio positivo da família que pode servir como segurança para o engajamento nas atividades realizadas como também foi sinalizado em alguns estudos (HIEBERT, 2010; MIERMA *et al.*, 2008, SALTER, 2010). Tais estudos apontam que o suporte emocional e o apoio oferecido pela família ajudariam os missionários a enfrentarem os problemas cotidianos de sua atuação.

Acreditamos que o apoio da família de origem seja um importante recurso de enfrentamento e sirva como rede de apoio, assim como já assinalado pelo pesquisador Sluzki (2006); as relações familiares são essenciais devido às alianças feitas entre seus membros, os pactos de apoio e

sigilo que são imprescindíveis para lidar com os sentimentos de angústias, apreensões e medos diante de um ambiente desconhecido.

Em relação a como a família conjugal do missionário avalia seu papel, embora fosse uma pergunta aberta, os participantes responderam de forma positiva ou negativa, obtendo-se o seguinte resultado: 44 (89,8%) afirmaram que o apoio era positivo e apenas cinco (10,2%) responderam que a família não lhes dava apoio. Dentre aqueles que explicaram os motivos negativos, temos que se referiam aos casados, que apontaram a necessidade de estar mais junto do cônjuge, por este reclamar da qualidade de tempo passado juntos. Dentre os motivos positivos – quando descritos – referiam a satisfação da família em vê-los realizados e contentes com o seu trabalho em contexto transcultural.

É justamente a família conjugal que sofre o peso maior do processo de adaptação cultural quando se trata de expatriação (SOUZA, 2009) sendo o mesmo observado por Harvey (1995) no caso dos missionários. Dodds (2002) em seu trabalho sobre os cuidados intensivos oferecido ao missionário revela que a família conjugal deve ser também deva ser objeto de cuidado, visto que é o missionário quem possui atividades para realizar e, por isso consegue construir diversos relacionamentos interpessoais, ao contrário de sua família, que nem sempre domina o idioma do local e não sabe muito bem como se relacionar na comunidade instalada.

A partir dos resultados podemos pensar que a insatisfação da família conjugal exige do missionário equilibrar sua preocupação com o trabalho e também com os familiares, podendo transformar-se em fonte de conflito e estresse o que foi descrito por alguns autores no que se refere ao desenvolvimento de problemas de saúde mental (DAVIS, BAZEMORE & CERVO, 2010; IRVIN, 2008).

Quanto ao apoio local, tematizamos o conteúdo da questão “*Como você acha que a população local avalia o seu trabalho como missionário?*” Os participantes responderam com as palavras: ‘positivo’, 39 (79,6%) e, ‘negativo’, 10 (20,4%), às quais alguns acrescentaram os motivos. Dentre os motivos positivos as respostas se concentravam na atuação deles em obras de ação social, educacional e na área da saúde. Podemos perceber por meio dos argumentos oferecidos que, ao se envolverem na rede social do local onde se

encontram, eles sentem-se valorizados e, conseqüentemente, parece valorizarem o *feedback* recebido da população local.

Dentre os motivos negativos, referiam-se à avaliação de eles serem julgados como pessoas especiais ou como heróis de um local e essas expectativas serem vistas de forma negativa, por ser uma visão idealizada que atrapalharia a atuação missionária. Por ser uma resposta de autorrelato pode-se pensar que essa percepção resultaria de uma superestimação desenvolvida pelo participante ou um perfil de personalidade desses participantes (AYREE & CHEN, 2006). Precisaríamos investigar melhor essa temática em futuras pesquisas, entretanto, deixamos sinalizado que os missionários necessitam de apoio e cuidado psicológico, visto que diante de um ambiente com poucos recursos físicos e humanos, a população local atendida tende a projetar neles a resposta que tantos esperavam por mudanças.

Em relação à avaliação da igreja/agência a respeito da atuação missionária, obtivemos que 10 (20,4%) afirmaram como negativa e 39 (79,6%), como positiva. Os argumentos da avaliação negativa referem-se à igreja/agência discordar do modo de atuação desenvolvido pelo missionário, enquanto os argumentos positivos referiam-se a serem tratados com respeito e consideração diante de problemas. Interessante pontuar que nesta questão, 12 (25%) dos participantes interpretaram como sendo um questionamento do modo pelo qual a sua atuação enquanto missionário é atestada, sendo que todos afirmaram não haver avaliação sistemática sobre resultados e metas, embora, haja cobrança por crescimento e plantação de igrejas²⁸.

Tais participantes reclamaram que durante os cursos de preparação aprenderam que deveriam ter como único foco pregar os conceitos do Cristianismo. Entretanto, afirmam que são avaliados de forma periódica no que se refere a ter conseguido aumentar o número de fiéis convertidos ou construído alguma igreja, mesmo que na casa de alguma pessoa, tendo sua competência atrelada à manutenção física e econômica do projeto missionário onde estavam.

²⁸ Plantação de igreja é uma expressão utilizada durante o processo de evangelização da qual permite a construção e manutenção de uma igreja fundada em um local onde não havia nenhuma da mesma denominação.

Ao investigarmos a importância que o participante deu a sua atuação como missionário em contexto transcultural, obtivemos: ser a *resposta à um pedido de Deus para atuar no exterior* afirmada pela maioria dos participantes (28 – 57%), outros consideraram ser uma atividade de muita *responsabilidade* (37%); e três (6,1%) referiram-se a *um sonho conquistado*. O Gráfico 12 apresenta a distribuição.



Gráfico 12. Importância de ser missionário transcultural

Em relação a ouvir um chamado de Deus as seguintes falas ilustram este tema:

“Em primeiro lugar, creio que não é uma missão para todos. O missionário tem que ter chamado para o trabalho transcultural e muito preparo linguístico e antropológico para desenvolver seu trabalho entre outra(s) cultura(s). Sensibilidade, maleabilidade e resiliência são fundamentais para que o missionário perceba o seu papel e desenvolva seu ministério integralmente no campo transcultural.”

“Ser missionário no contexto transcultural é importante para mim porque me dá a certeza de que estou andando em obediência ao chamado de Deus para minha vida. É importante porque estou dando a minha contribuição para que o Evangelho alcance outros povos.”

Para 18 (36,7%) participantes, atuar como missionário transcultural seria a mesma coisa se comparado a um missionário local; a diferença está na *responsabilidade* por adentrar em uma cultura distinta, saber respeitar a

população local e fazer o seu trabalho de levar os ensinamentos bíblicos, como podemos observar nas falas transcritas a seguir:

“o ponto importante de estar em outra cultura na minha ótica, é saber que Jesus precisa ser levado a todos os povos independentemente da sua cultura. Sabemos que Ele pagou o preço por todo o mundo e é nossa responsabilidade ir por todo o mundo.”

“Não há diferença em ser missionário em São Paulo ou na Amazônia ou na Índia, o que muda é o preparo para alcançar o determinado local em questão”

“Não há diferença em ser missionário em sua cultura ou fora dela, a importância de ser missionário local ou em outro contexto é o mesmo partindo do ponto de vista do chamado dado por Deus”

Para aqueles que responderam ser *um sonho conquistado* trabalhar como missionário transcultural refere-se não só a um privilégio, o de poder atuar em contexto fora do Brasil, mas também tratar-se de um ambiente com dificuldades a serem enfrentadas no campo de adaptação cultural:

“é um privilégio conhecer novas culturas, compartilhar da Palavra de Deus e ver vidas restauradas pelo evangelho, apesar das dificuldades enfrentadas na adaptação”

“vejo que é elo entre culturas, um abrir mão da própria cultura para amar uma cultura muito diferente, é algo extraordinário para mim, mesmo sendo difícil”

“Acredito importante, mas com dificuldade, pela problemática da adaptação. Acredito que o trabalho missionário transcultural deve ser apenas para apoio e o desenvolvimento para que os naturais da terra possam ter força para sustentarem a obra onde estamos.”

Ser missionário fora do Brasil demanda tanto uma resposta a um pedido da parte de Deus como um grande senso de responsabilidade, de acordo com o questionamento sobre a importância de ser um missionário transcultural. O conhecimento que o missionário detém aparenta ter a capacidade de mudar a vida das pessoas, e diante disso, precisa ser disseminado com critério.

Schubert (2002) aponta a necessidade de trabalhar a expectativa dos missionários que ao atuarem em locais com baixas condições financeiras e uma população carente emocionalmente, tende-se a envolverem em assuntos não pertinentes ao trabalho religioso e podem ser tratados como um mártir, confundido assim o seu papel dentro da comunidade e isso influenciar no trabalho desenvolvido por ele próprio.

Talvez seja o senso de responsabilidade que identificamos entre nossos participantes que os faça superestimar a atuação, fenômeno que não era esperado segundo o relato de alguns deles. Os que afirmaram que são vistos como pessoas especiais ou como heróis, de fato, podem acreditar passar essa imagem à medida que sustentam uma ideologia totalizante capaz de resolver qualquer tipo de dificuldade e questionamento. Entretanto, talvez não esteja claro para esses missionários a distinção que deve existir entre o discurso e a prática de alguns deles, visto que a religião é um discurso que se propõe a equilibrar as diversas crenças que um ser humano carrega (O'DONNEL, 2007).

5.3. Adaptação cultural e flexibilidade cognitiva

Os temas trabalhados anteriormente corroboram a forma pela qual conduzimos o nosso estudo para ressaltar que a adaptação cultural de missionários protestantes, transculturais, pouco estudada, deve ser investigada. Podemos perceber o peso da cobrança sobre os missionários, o estar longe da família e ter de lidar com as insatisfações da família conjugal, serem-lhe temáticas impactantes assim como apontadas na literatura (FOYLE, 2001; HICKS, 2002), bem como a percepção provavelmente idealizada da sociedade local. Alguns estudos usam o termo 'feridas emocionais' para explicar o quadro de comprometimento de saúde mental ocasionado pelas dificuldades advindas do processo de adaptação cultural no que se refere ao lidar com a família conjugal e distanciamento das redes de apoios (KEIDEL, 1996; SCHUBERT, 1993; WICKSTROM, 1998)

É importante sinalizar que a adaptação cultural é um processo que para melhor entendimento é dividido, pedagogicamente, em quatro fases (BERRY,

2004; BLACK E MENDENHALL, 1991) sendo a fase, denominada de choque cultural, considerada a mais difícil para qualquer indivíduo que resolve morar no exterior. Para trabalharmos de forma mais sintética a questão da adaptação cultural, juntamente com a flexibilidade cognitiva que é uma ferramenta de recurso interno de enfrentamento para a adaptação (FORMIGA & SOUZA, 2012, MAGALHÃES, 2008) escolhemos a escala da adaptação cultural (SCARS-R) e a escala de flexibilidade cognitiva na qual nos deteremos.

Com o uso da SCARS²⁹ obtivemos que 29 (60%) dos participantes não estavam adaptados, enquanto outros 20 (40%) apresentavam adaptação positiva aos locais onde estavam inseridos.

Em nossa amostra os participantes apresentaram maior dificuldade de adaptação em três itens: ‘interpretar com precisão e responder adequadamente aos gestos e expressões’, ‘adaptar-me ao nível de agitação do meu bairro/cidade’ e, principalmente ‘manter meus hobbies e interesses’.

Esses resultados revelam justamente as perdas acometidas que acontecem durante o processo de adaptação cultural. Considerando que nossa amostra é composta por indivíduos que não saem do Brasil com a finalidade de obter melhores recursos financeiros e qualidade de vida, estes se direcionam a locais, em sua maioria, com baixas e precárias condições de vida oferecidas à própria população local. E, mesmo que estejam em locais, como em algumas cidades européias, o elevado custo de vida associado a poucos recursos financeiros também não possibilita uma vida semelhante a que estes missionários possuíam no Brasil, pelo fato de o poder de compra e de divertimento ser praticamente inexistente e não possibilitar o desenvolvimento de atividades sociais e de lazer.

Dentre aqueles itens em que os participantes mostraram mais adaptação estão: ‘interagir em eventos sociais’, ‘trabalhar produtivamente com os outros alunos/colegas de trabalho’ e ‘compreender e me comunicar na língua do lugar onde estou’ o que, neste caso, vai à mesma direção de Wilson (2013), que refere a tendência de o controle da língua ser elemento positivo na adaptação. Provavelmente a adaptação melhor relacionada a esses elementos é produto dos cursos de treinamento e dos estágios transculturais que os participantes

²⁹ As respostas eram de 1 a 5, em formato *likert* na qual 1 correspondia ‘não competente’ e 5 ‘extremamente competente’

são obrigados a realizar, visto que a imersão em uma cultura nova na qual se pretende viver possibilita o treinamento e o aperfeiçoamento das habilidades sociais que serão requeridas por estes ao começarem a atuar sozinhos.

A adaptação cultural é um processo que está relacionado à aquisição de competências sociais para se estabelecer relações interpessoais adequadas, o que denota habilidade para agir dentro de uma nova sociedade, resolvendo diversos problemas do cotidiano. Mesmo que haja cursos de capacitação para favorecer a adaptação, percebemos que as habilidades necessárias para um processo saudável implicam em recursos internos de cada indivíduo, muito mais complexos de serem adquiridos.

No que se refere aos recursos internos escolhemos analisar a flexibilidade cognitiva que consideramos uma competência utilizada por qualquer indivíduo para enfrentar situações novas e desconhecidas (JEHNG, 1990). Ela é um recurso importante para os missionários transculturais em adaptação cultural, por ser uma ferramenta no processo de resolução de problemas (SPIRO, 1989). Utilizamos a Escala de Flexibilidade Cognitiva (EFC³⁰) desenvolvida por Martin & Rubin (1995) para investigar esse recurso de enfrentamento.

Segundo os critérios de avaliação da EFC a partir de uma pontuação máxima de 72 pontos, o indivíduo possuirá baixa flexibilidade quando seu resultado for entre 0 e 24 pontos, mediana quando atingir entre 25 e 48 pontos e alta, acima de 49 pontos e o respondente só será considerado competente se apresentar pontuação acima de 49 pontos. Em nossa amostra obtivemos que 21 (42,9%), apresentaram o resultado desejável de alta flexibilidade cognitiva; os entre os demais, 24 (49%) apresentaram recursos medianos e 4 (8,2%) baixa competência nesse item conforme pode ser visualizado no Gráfico 13.

³⁰ As respostas eram de 1 a 6, em formato *likert* sendo que 1 correspondia a 'discordo totalmente' e 5, 'concordo totalmente'.

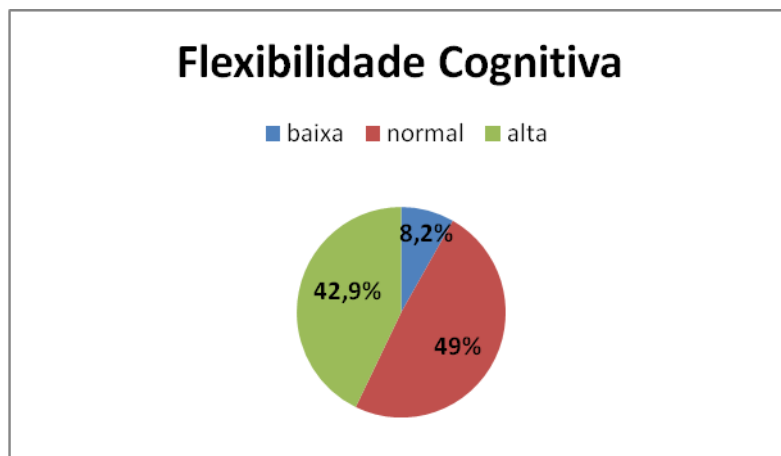


Gráfico 13. Flexibilidade cognitiva

Diante desses dados, percebemos que menos da metade da amostra possui a flexibilidade cognitiva desejável o que pode comprometer sua adaptação cultural. Quando consideramos que todos os missionários passam por um estágio de treinamento no exterior, e que identificamos um nível alto de desadaptação, talvez seja útil um tipo de acompanhamento psicológico que favoreça aos missionários a mensurar as dificuldades vivenciadas no campo e a quê estas se referem, visto que estamos diante de uma amostra que mora há muitos anos fora do Brasil e ainda sofre com problemas relacionados ao processo de adaptação, podendo estar relacionado recursos internos como por exemplo a flexibilidade cognitiva ou a problemas de personalidade ou outros tipos de transtornos psicológicos, conforme evidenciado na literatura (AYREE & CHEN, 2006; KIM & SLOCUM, 2008; SHAFFER *et al.*, 2006).

Analisando a resposta aos itens da EFC observamos que os participantes apresentaram flexibilidade maior em: 'estou disposto a trabalhar em soluções criativas para problemas', 'estou disposto a ouvir e considerar alternativas para tratar um problema' e 'sou capaz de comunicar minha idéia de muitas maneiras diferentes'. Dentre os três itens com mais dificuldade obtivemos: 'tenho dificuldade em usar meus conhecimentos em situações concretas da vida real', 'eu evito situações novas e incomuns' e 'eu me sinto como se nunca conseguisse tomar decisões'.

Este resultado ajuda a compreender o baixo índice de adaptação cultural encontrado nessa amostra visto que os itens com mais dificuldade, apresentados pelos participantes, referiram-se a atitudes requeridas e exigidas do emigrante, tais como, utilizar seus conhecimentos para enfrentar uma nova

realidade. Embora não possamos esquecer que a adaptação é um processo e acontece no ritmo e tempo de cada indivíduo, o fato de eles apresentarem dificuldades em tomar decisões e evitar as situações novas e incomuns pode reforçar a nossa hipótese de que a capacitação e estágio transcultural não excluem o acompanhamento e apoio psicológico ao longo da missão.

Sendo a amostra pequena, os dados obtidos da flexibilidade foram recodificados para que fosse possível realizar o teste qui-quadrado de Pearson, mas não obtivemos relação significativa entre as duas variáveis (nível de significância igual a 5% com p-value igual a 0, 883) o que exigirá maiores estudos sobre esta relação.

Também podemos pensar que em uma amostra composta por participantes que possuam provavelmente o *coping* religioso como recurso de enfrentamento apresentar competência no quesito de flexibilidade cognitiva, não seja realmente importante, visto que a religião parece ser a explicação totalizante para muitas situações vividas pelos religiosos.

Em termos gerais, a partir da análise realizada, ressaltamos a importância que o processo de adaptação cultural deve ter durante os cursos de preparação e treinamento para atuação como missionário transcultural. Observamos as perdas que os missionários vivenciam de modo semelhante a qualquer outro indivíduo que escolhe morar fora de seu país o que deve ser considerado no processo de preparação, dado que o *coping* religioso não é o mais adequado para o enfrentamento destas questões.

Também devemos indicar que é possível que a escala de flexibilidade por nós escolhida não tenha sido a melhor opção visto que ela não possibilitou a investigação de itens relacionados a crença religiosa como um fator de enfrentamento, não sendo o seu uso indicado para o trabalho com população específica de religiosos, ou ainda, a flexibilidade cognitiva pode estar atrelada a outros fatores que nossa pesquisa não possibilitou a verificação. Para futuras pesquisas indicamos uma investigação mais profunda para compreender a quais variáveis a flexibilidade cognitiva pode estar atrelada, visto que é um recurso interno de enfrentamento apontado por diversas pesquisas no que se refere ao processo de adaptação cultural (CHURCH, 1982; SPIRO, 1989; MAGALHÃES, 2008).

5.4. Saúde mental do missionário transcultural

5.4.1 Ansiedade

Segundo a literatura, a ansiedade é um quadro de comprometimento de saúde mental que tem alta prevalência entre os missionários que atuam em contextos transculturais (BACON, 2011; CARR, 2010; KIMBER, 2012; O'KEEFE, 2002; WILLIAMS, 2010). Para avaliar a ansiedade, utilizamos o Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) que distribui as respostas em: grau mínimo de ansiedade (0 a 7 pontos), ansiedade leve (8 a 15 pontos), ansiedade moderada (16 a 25 pontos) e ansiedade severa (26 a 63 pontos).

Em nossa amostra, obtivemos que dos 49 missionários, 14 (28,6%) apresentaram nível leve de ansiedade, 29 (59,2%), nível moderado e seis (12,2%), nível severo conforme pode ser visto na Figura 13. O resultado médio esperado para a população mundial e brasileira é de ansiedade leve, porém, 35 (62,4%) dos participantes estão acima dessa média, significando que em nossa amostra existe um número expressivo de indivíduos em sofrimento mental decorrente de ansiedade.

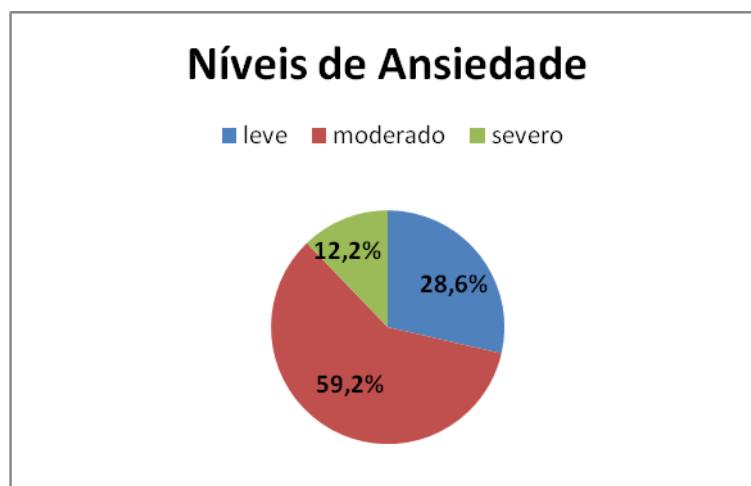


Gráfico 14. Níveis de ansiedade

A revisão da literatura aponta a presença de elevado nível de sintomas de ansiedade entre missionários que atuam em contexto transcultural (CARR, 2010; KIMBER, 2012) relacionadas às seguintes variáveis demográficas: nível de escolaridade, estado civil e tempo de trabalho. Considerando que os

sintomas de ansiedade são refletidos de forma fisiológica e estão relacionados ao processamento cognitivo, afetivo e forma de se relacionar, optamos por expandir a busca de explicações para este alto nível de comprometimento. Optamos por cruzar o nível de ansiedade com todas as variáveis demográficas, com os tipos de apoio, adaptação cultural e os significados atribuídos em ser missionário. Realizamos cruzamentos com as seguintes variáveis do questionário geral (Q1):

- Idade
- Sexo
- Estado Civil
- Idade do cônjuge
- Presença de filhos
- Nível de Escolaridade
- Profissão
- Profissão do cônjuge
- Tempo de atuação como missionário transcultural
- Agência/igreja pela qual trabalham enquanto missionários
- Horas de trabalho em campo missionário
- Horas de trabalho extrarreligiosos
- Condição financeira
- Condição de saúde física
- Redes de apoio (família de origem; família conjugal, igreja que enviou; população da comunidade local de trabalho)
- Significação da atuação missionária
- Importância de atuar em contexto transcultural

Dentre estes cruzamentos, obtivemos correlação de Spearman somente em cinco itens: 'Como você acha que sua família conjugal (esposa/marido/filhos) identifica o seu papel de missionário?', 'Você desenvolve atividade não missionária remunerada?', 'Como você avalia sua situação financeira atual?', 'Escolaridade' e 'Como você avalia sua condição física comparada a de outras pessoas de sua idade?'.

Corroborando os resultados de Carr (2010) e Kimber (2012) e expandido-os, verificamos associações positivas entre ansiedade (correlação = 0,359) e a maneira pela qual a família conjugal que convive com ele, avalia o seu papel de missionário. Ou seja, significa que quanto mais apoio positivo da família, o nível de ansiedade apresentado pelo indivíduo se eleva, figurando, talvez, o aumento de responsabilidade que sente investido em cumprir a expectativa depositada. Também verificamos relação significativa entre o fato de exercer atividades remuneradas, além de suas funções religiosas (correlação = 0,296), significando que a não dedicação exclusiva ao seu papel de missionário interfere na saúde mental, elevando o nível de ansiedade.

Também observamos correlação significativa da ansiedade com a situação financeira, escolaridade e condição física do participante, sendo essas associações negativas, ou seja, obteve-se que quanto melhor a situação financeira, menor o nível de ansiedade (correlação = - 0,302), quanto maior o nível de escolaridade, menor o nível de ansiedade (correlação = - 0,382) e quanto melhor a sua condição física, menor seu nível de ansiedade (correlação = - 0,406) conforme pode ser visualizado na Tabela 5. Dessa forma temos que se o participante possui uma boa condição financeira decorrente de seu salário enquanto missionário, não se vê obrigado a procurar outras atividades extra-religiosas para complementar a sua renda, não estando assim passível de se estressar com outras demandas e sofrer com sintomas de ansiedade para dar conta de todos os seus compromissos.

Como mencionado anteriormente, nossa amostra é constituída por indivíduos moram, em sua maioria, em locais com pouca infraestrutura de atuação e de moradia, dessa forma a dificuldade financeira e a obrigação de dar uma condição digna de vida à família, ou a sua própria – no caso de missionários solteiros – impõe a obrigação de procurar outras atividades para complementar à renda financeira. Diante disso podemos apontar, que assim como revelado pelos próprios participantes, a necessidade do missionário possuir como objetivo somente a dedicação exclusiva ao serviço missionário, não tendo nem que lidar com questões burocráticas que não o forcem a buscar outras atividades para conseguirem um relatório de avaliação satisfatório e nem pela dificuldade de se manter e por isso ter que procurar outras atividades para sua subsistência.

Tabela 1. Correlação de *Spearman* entre o nível de ansiedade e variáveis do Questionário geral (Q1)

	Spearman's rho
Como você acha que sua família (esposo/marido/filhos) avalia o seu papel de missionário?	,359*
Você desenvolve atividades não missionária remunerada ?	,296*
Como você avalia sua situação financeira atual?	-,302*
Escolaridade	-,382**
Como você avalia sua condição física comparada a de outras pessoas de sua idade?	-,406**
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).	
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).	

Em relação à adaptação cultural, verificamos uma correlação negativa de *Spearman* (- 0,377) entre o nível de ansiedade e adaptação, ou seja, quanto maior o nível de ansiedade, menos adaptado encontra-se o participante da nossa pesquisa na cultura em que se encontra inserido (Tabela 5, Boxplot 1, Gráfico 15). E como hipotetizamos, o processo de adaptação cultural interfere no nível de ansiedade dos missionários e daqueles que resolvem sair de seus países (HIEBERT, 2010; SALTER, 2010), sendo este o quadro de saúde mental mais descrito em estudos internacionais sobre a adaptação de missionários em contexto transcultural (BACON, 2011; CARR, 2010; KIMBER, 2012; O'KEEFE, 2002; WILLIAMS, 2010).

Tabela 2. Correlação de *Spearman* entre ansiedade e adaptação cultural

Report			
SCAS-R			
Ansiedade	Mean	N	Deviation
nível leve	3,7	14	0,6
nível moderado	3,4	29	0,4
nível severo	3,1	6	0,4
Total	3,5	48	0,5

Boxplot 1

Hypothesis Test Summary

Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
The distribution of SCAS-R is the same across categories of Ansiedade.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,035	Reject the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.

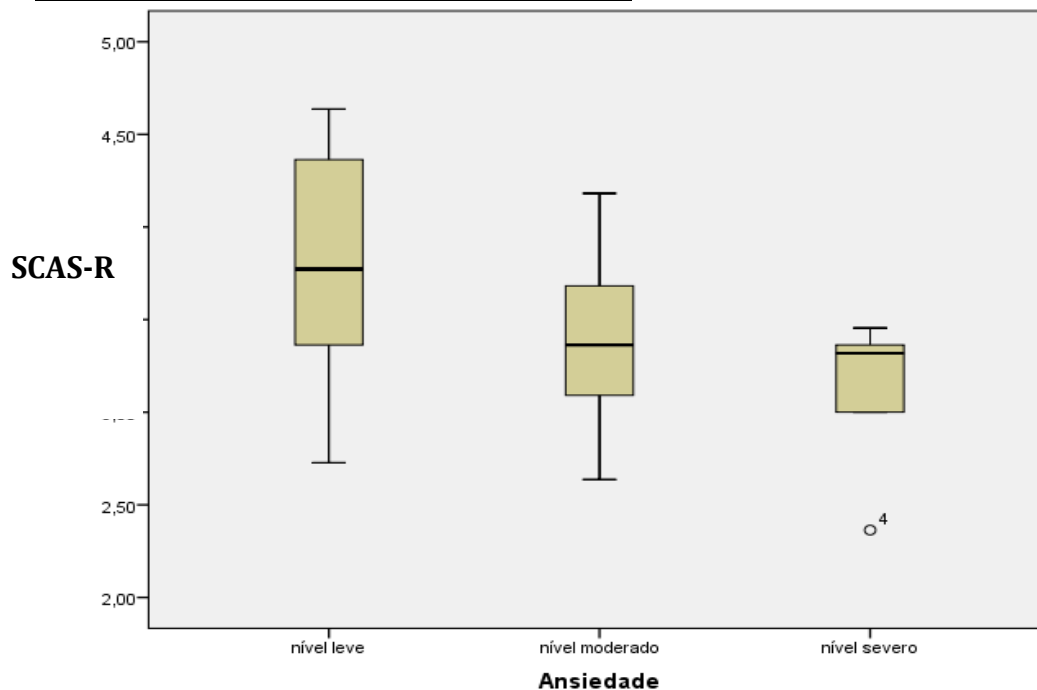


Gráfico 15. Níveis de ansiedade e SCAS-R

Também realizamos o teste de Kruskal-Wallis, por ser um instrumento de avaliação não paramétrico e mais indicado, por não colocar nenhuma restrição entre as variáveis de comparação, ao contrário da análise de variância do teste F do Anova que parte do pressuposto das variáveis de comparação serem independentes. Comparando as médias obtidas pela escala de adaptação cultural (estar adaptado ou não) pelos três níveis de ansiedade (leve, moderado e severo), verificamos por meio da hipótese nula do teste Kruskal-Wallis, cujas médias dos três grupos eram iguais, em nível de 5% de significância, que existe diferença significativa (0,035), confirmando a correlação entre o nível de ansiedade e o processo de adaptação cultural, ou seja, havendo comprometimento do quadro de saúde mental em que a

ansiedade aparece como o sintoma mais forte, também haverá dificuldade no processo de adaptação cultural ou vice-versa.

Como os dados das variáveis de ansiedade e da adaptação cultural são quantitativas, realizamos uma análise de regressão linear com as variáveis do questionário geral (Q1) através do método *STEPWISE* e obtivemos relação significativa com a variável 'Você é missionário há quanto tempo' sendo a única variável relevante ao modelo do SCAS-R com coeficiente negativo (-1,341). Além disso, há o coeficiente linear 9,033. O modelo tem um $R^2 = 0,677$, ou seja, o 67,7% da variação do nível de ansiedade é explicada pelo modelo.

Abaixo, a fórmula :

$$\text{ANSIEDADE} = 9,033 - 1,341 * (\text{SCAR-S}) - 0,618 * (\text{Você é missionário/a há quanto tempo?})$$

TABELA 3. Regressão linear de Ansiedade
Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
2 (Constant)	9,033	1,287		7,017	,000
SCAR-S	-1,341	,294	-,880	-4,558	,002
Você é missionário/a há quanto tempo	-,618	,204	-,585	-3,029	,016

a. Dependent Variable: Ansiedade

Tal resultado revela que além da correlação com o nível de adaptação cultural, o nível de ansiedade também está condicionado ao tempo em que o participante estava atuando (0,016), ou seja, havendo a presença de sintomas ansiosos, além da dificuldade de adaptação cultural presente, também estará atrelado o tempo de anos trabalhados como missionário no exterior.

Analisando a relação entre o nível de ansiedade e a flexibilidade cognitiva, por meio da correlação de *Spearman*, existe (uma) correlação estatística quase nula, ou seja, observamos não haver influência da flexibilidade cognitiva em relação à ansiedade. Desta forma, podemos afirmar que não há relação entre nível de ansiedade e flexibilidade cognitiva, ou porque a escala utilizada por nós não foi o suficiente para investigarmos todas as competências sociais

requeridas por um missionário em um contexto transcultural ou porque esta variável pode estar correlacionada a outras que não foram investigadas nessa pesquisa.

Como analisado anteriormente, na ausência de relação significativa entre adaptação cultural e flexibilidade, era esperado que não houvesse relação também com o nível de ansiedade, visto que a variável de flexibilidade deve estar atrelada a outros fatores distintos, não investigados nessa pesquisa.

De modo a favorecer a compreensão do impacto da ansiedade sobre os missionários optamos por indicar uma comparação qualitativa reagrupando-os em baixa ansiedade (escore leve) e alta ansiedade (escore moderado e severo de ansiedade) conforme pode ser visualizado na Tabela 8.

TABELA 4. Retrato qualitativo dos participantes quanto à ansiedade

Variáveis	Baixa ansiedade	Alta ansiedade
Casados	5	15
Filhos	6	11
Filhos moram juntos	4	12
Filhos de outro casamento	não	sim
Há quanto tempo é missionário	< 10 anos	> 11 anos
Primeira missão	sim	Não
Horário de trabalho	< 50 horas/semanais	> 50 horas/semanais
Atividades extras	não	sim

Podemos perceber que os participantes com maior nível de ansiedade são aqueles que possuem filhos e de outro casamento, são missionários há mais de 11 anos e não estavam em sua primeira missão transcultural. Também são os indivíduos que trabalham mais de 50 horas semanais no campo missionário e aqueles que assinalaram executar outras atividades, além das religiosas designadas.

Em resumo tivemos uma amostra muito ansiosa, com 35 (62,4%) dos participantes acima da média mundial esperada no Inventário de Ansiedade de Beck (BAI). Houve uma relação positiva entre ansiedade e a avaliação da família conjugal sobre o papel do missionário e em relação a ele exercer

atividade não missionária remunerada, assim como observamos que quanto maior o nível de escolaridade, de condição física e financeira, menor é o nível de ansiedade. Também foi possível observar que o alto escore de sintomas ansiosos está correlacionado significativamente com escore baixo de adaptação cultural e com o tempo de atuação do participante como missionário.

Embora a revisão de literatura já tivesse apontado a ansiedade como um comprometimento de saúde mental presente em missionários transculturais (BACON, 2011; KIMBER, 2012) o resultado obtido nesta amostra, nos conduz a afirmação que os missionários devem receber acompanhamento psicológico, haja vista a dificuldade em seu processo de adaptação cultural e os altos níveis de ansiedade obtidos em nossa amostra.

Alguns estudos associam a presença elevada de sintomas de ansiedade a graves conflitos com a burocracia e problemas de corrupção enfrentados por missionários que ao irem ao campo, confrontavam-se com a realidade distinta daquela apreendida nos centros de preparação e treinamento (DIASO, 2010; KEIDEL, 1996; TAYLOR, 1983), mas não foi o que identificamos.

Segundo Diaso (2010) os líderes religiosos sofrem com a pressão constante de construírem templos como local de reunião em que os novos membros convertidos possam se encontrar, entretanto, muitos deles precisam de recursos financeiros para construir e manterem tais igrejas. Vivem em dificuldades devido às burocracias de suas igrejas de origem que não repassam o montante financeiro necessário para a construção, assim como questionam o uso do dinheiro durante a implantação da igreja. Embora alguns missionários tenham reclamado da forma pela qual são avaliados estar relacionado com a manutenção financeira da igreja, não observamos correspondência de nossos dados aos estudos supracitados.

No que se refere ao estado civil dos nossos participantes, não investigamos temas específicos a respeito da vivência conjugal e nem a vida de solteiros em nossa pesquisa, embora haja correlação entre tais temáticas e nível de comprometimento de saúde mental. Segundo Stephenson (2008) os líderes religiosos que são solteiros e não estão em nenhum relacionamento amoroso tendem a lidar melhor com os conflitos de gestões eclesiais, por escolherem investir na sua igreja com o seu próprio salário e buscar

atividades extrarreligiosas para não dependerem da burocracia de suas igrejas de origem. Alguns destes tendem a desenvolverem problemas com pornografia via Internet e se envolverem com prostituição (HODGE, 2003; LO, 2003; WILLIAMS, 2002), não tendo sido identificado nenhuma resposta nessa direção pelos participantes.

Percebemos dessa forma a necessidade das agências/igrejas oferecerem suporte psicológico visto que as dificuldades no processo de adaptação cultural não podem ser somente o único foco de concentração destas, visto que além do quadro de ansiedade presente na amostra dessa pesquisa, existem também outros temas que podem comprometer a saúde mental dos missionários, visto que são indivíduos que renunciam a si mesmos em prol do cuidado de outras pessoas (CHENG, 2001; STAHL & CALIGIURI, 2005) e que também necessitam de cuidado.

5.4.2 Depressão

Por meio da revisão de literatura, identificamos a presença de quadros depressivos entre missionários atuando em contextos transculturais. (DAVIS, BAZEMORE, CERVO, 2010; DOODS, 2002; IRVIN, 2008; IRVANE, 2006; PASCOE, 2006). Esses artigos apontam como sintomas de depressão a presença de fadiga, esgotamento mental, falta de concentração, dificuldade em se relacionar com a população local, com colegas de trabalho e também com a família.

Alguns quadros de esgotamento físico foram investigados como sendo relativos à síndrome de *Burnout* em que uma pessoa mesmo estando em um ambiente profissional que lhe agrada, sofre com as demandas de trabalho que parecem exigir além da sua capacidade em realizá-lo. (FERNANDO, 1999; FOYLE, 1986; SCHUBERT, 1993; WADDELL, 2008).

Em nossa pesquisa utilizamos o Inventário de Depressão de Beck (BDI) para avaliar depressão. Segundo o inventário considera-se grau mínimo de depressão respostas de 0 a 11 pontos, depressão leve de 12 a 19 pontos, depressão moderada de 20 a 35 pontos e ansiedade severa de 36 a 63 pontos.

Em nossa amostra de 49 participantes, 34 (69,4%) deles apresentaram sintomas de depressão mínima, oito (16,3%) apresentaram depressão em nível leve e sete (14,3%) em nível moderado conforme pode ser visto no Gráfico 16. O resultado médio esperado por essa escala para a população mundial e brasileira é o de depressão mínima ou leve, ou seja, apenas sete (14,3%) dos missionários avaliados estão acima dessa média, os demais se encontram dentro da faixa de prevalência (CUNHA, 2001).

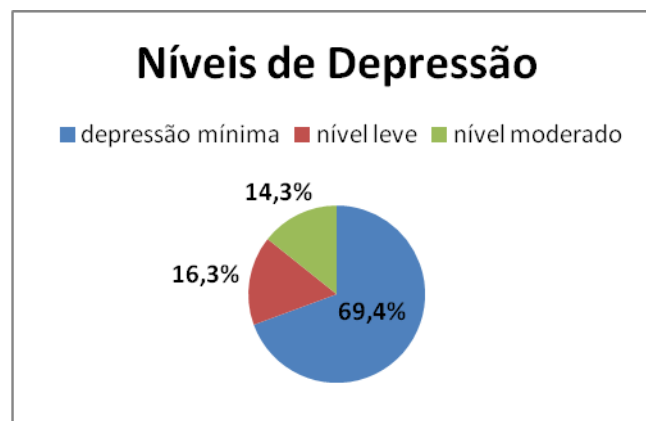


Gráfico 16. Níveis de depressão

Os resultados demonstram provavelmente uma sobreposição com o nível de depressão leve com a ansiedade moderada, o que foi apontado por Cunha (2001) que indicou haver em pacientes com ansiedade e superposição de sintomas de depressão. Devido a amostra ser pequena, não foi possível mensurar de forma estatística a sobreposição. Tais dados revelam que os participantes dessa pesquisa são suscetíveis a alterações de humor, dificuldade em relacionamento interpessoal mesmo que seja um comprometimento dentro do esperado, não sendo considerado um quadro de depressão clínica.

A fim de verificar se a presença de sintomas depressivos estava relacionada a variáveis específicas do questionário geral (Q1), realizamos os seguintes cruzamentos:

- Idade
- Sexo
- Estado Civil

- Idade do cônjuge
- Presença de filhos
- Nível de Escolaridade
- Profissão
- Profissão do cônjuge
- Tempo de atuação como missionário transcultural
- Agência/igreja pela qual trabalham enquanto missionários
- Horas de trabalho em campo missionário
- Horas de trabalho extrarreligiosos
- Condição financeira
- Condição de saúde física
- Redes de apoio (família de origem; família conjugal, igreja que enviou; população da comunidade local de trabalho)
- Significação da atuação missionária
- Importância de atuar em contexto transcultural

Dentre estes cruzamentos, por meio da correlação de *Spearman* não encontramos nenhuma variável que tivesse uma associação significativa com o nível de depressão, mesmo aquelas variáveis de suporte social que, segundo a literatura, influenciariam a presença de sintomas depressivos (HIEBERT, 2010; SALTER, 2010; WRIGHT, 2012).

Embora saibamos que o inventário utilizado seja um instrumento de autorrelato, que consiste em avaliar o grau de negatividade da tríade cognitiva (pensamento sobre si, do mundo e do futuro), a ausência de correlação significativa pode estar relacionado ao processamento cognitivo dessa amostra que, sendo religiosa, pode ter um modelo de *coping* religioso (PARGAMENT, 1997) de modo que, mesmo passando por dificuldades, ficando doentes e até mesmo questionando a presença de Deus (FOYLE, 2001; HICKS, 2002; MIERSMA *et al.*, 2008; WICKSTROM, 1998) não conseguem visualizar o mundo de forma negativa.

Algumas pesquisas (KEIDEL, 1996; PATTERSON, 2003; SCHUBERT, 2002) revelaram dados de que a depressão estaria associada à adaptação cultural e seria o resultado de uma má adaptação relativa ao processo de

choque cultural vivenciado (CAMPBELL, 2003). O nível de depressão associado à adaptação cultural encontrado por meio da correlação de *Spearman* foi de 0,071, ou seja, uma associação quase nula entre as variáveis (Tabela 5, Boxplot 2).

TABELA 5. Correlação de *Spearman* entre depressão e adaptação cultural

Report SCAS-R			
Depressao	Mean	N	Std. Deviation
nível mínimo	3,44	34	0,47
nível leve	3,43	8	0,54
nível moderado	3,56	7	0,52
Total	3,46	48	0,48

Boxplot 2

Hypothesis Test Summary			
Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
The distribution of SCAR-S is the same across categories of 1 Depressao.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,098	Retain the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.

Analisando a relação entre o nível de ansiedade e a flexibilidade cognitiva, por meio da correlação de *Spearman*, existe uma correlação estatística quase nula, ou seja, observamos não haver influência da flexibilidade cognitiva, assim como no quadro de ansiedade, também se repetindo com a depressão.

Como no caso da ansiedade optamos por realizar uma descrição qualitativa dos participantes no que se refere aos níveis de depressão encontrados, Para uma melhor descrição reagrupamos baixa depressão (escore mínimo e leve) e depressão moderada. A comparação aparece na Tabela 6.

TABELA 6. Retrato qualitativo dos participantes quanto à ansiedade

<u>Variáveis</u>	<u>Baixa depressão</u>	<u>Depressão</u>
Casados	16	3
Filhos	15	2
Filhos moram juntos	14	2
Filhos de outro casamento	sim	não
Há quanto tempo é missionário	> 11 anos	< 10 anos
Primeira missão	não	sim
Horário de trabalho	< 50 horas/semanais	> 50 horas/semanais
Atividades extras	não	sim

Diante de uma amostra predominantemente ansiosa não era de esperar que fosse encontrado um alto índice de depressão. Podemos perceber que os participantes com baixa depressão são aqueles que mais possuem representantes casados, com filhos e, estes morando juntos, além de terem filhos de outros relacionamentos. São os missionários que estão em contexto transcultural há mais tempo (> 11 anos), com jornada de trabalho menor que 50 horas/semanais e não realizam atividades além de seus afazeres, no campo religioso, o que conduz a percepção de uma vida familiar e social mais estável.

Não observamos em nossa amostra, entretanto a literatura indica que missionários casados, cujo cônjuge também não exerça atividade religiosa, tendem a ter conflitos conjugais e sofrerem com o processo de adaptação cultural, desenvolvendo problemas com depressão (EENIGENBURG, 2008; SHELLING, 2008). Sendo também tema para futuras pesquisas que envolvam missionários transculturais casados ou que se casam durante o trabalho, investigando a relação destes fatores também com a presença de sintomas depressivos.

A presença de alguns missionários com comprometimento depressivo, alerta para a necessidade de uma melhor compreensão de quais as variáveis individuais, familiares e sociais, responsáveis pelo quadro e às quais não tivemos acesso por limitação de tamanho de amostra tanto quanto de procedimento, mas também deve ser expressada a demanda de melhor processo de acompanhamento e avaliação inicial antes da missão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da década de 1980, as igrejas brasileiras começaram a receber diversos pregadores que revelavam a situação difícil das pessoas ao redor do mundo, associando as dificuldades vividas por esses à falta do Deus – do Cristianismo - no coração e que precisavam conhecer os ensinamentos bíblicos de Jesus Cristo.

O Cristianismo desde os seus primórdios tem como característica principal a divulgação dos preceitos bíblicos não só pelos seus líderes religiosos, mas por todos os seus membros, devido à tradição da “Grande Comissão” que incentiva aos fiéis a evangelizar todas as pessoas.

A própria história da igreja protestante brasileira está relacionada à ideia de evangelização, considerando que os puritanos foram os primeiros a chegar às terras do Rio de Janeiro no século XVII. Desta forma, todas as igrejas brasileiras tiveram sua origem no processo de evangelização realizado por diversos cristãos estrangeiros que vinham para o Brasil e estabeleciam moradia fixa, não retornando mais para os seus países de origem.

Atualmente, o Cristianismo continua a ser a religião mais divulgada e cada vez mais possui representantes espalhados pelo mundo. Estes são denominados como missionários transculturais e, com poucas exceções, não saem mais de seus países para se estabelecer em um local determinado.

Os missionários são pessoas que respondem ao chamado de evangelizar as pessoas pelo mundo. De modo semelhante a vivência de um diplomata ou cônsul que trabalham em um país estrangeiro, designado por certo período de tempo, não têm expectativa de criar raízes próprias no local, mas no caso do missionário, espera que sua fé frutifique.

Os missionários são preparados para viver em um país estrangeiro, cientes de o que farão por um determinado período de tempo em decorrência de diversos fatores, tais como: relatório de avaliação da igreja/agência apoiadora; enquanto tiver recursos financeiros e patrocinadores de seu trabalho missionário e, se for designado para países em situação de guerra, enquanto o nível de conflito existente permitir.

Os missionários têm atuado em diversos contextos, podendo ser vítimas de perseguição, violência física e ameaças de morte por estarem divulgado a

religião Cristã. Ou seja, o Cristianismo passou de uma religião que mais perseguia para ser atualmente a que mais sofre perseguição, principalmente nos países de regime fechado política ou religiosamente.

Além dessas dificuldades, as igrejas têm discursado que os missionários podem ser ansiosos ou deprimidos associando estas dificuldades à burocracia, diferenças culturais e falta de apoio da igreja em desenvolver projetos que o missionário tenta realizar. A literatura psicológica por outro lado, tem identificado de modo expressivo a presença de quadros de ansiedade e de depressão associados a variáveis pessoais e interpessoais.

Em nosso percurso profissional como psicóloga clínica atendemos muitos missionários em sofrimento psicológico que estavam de passagem pelo Brasil, ou realizando algum curso de reciclagem exigido por sua agência. Nosso interesse por sua experiência de vida foi crescendo à medida que era necessário compreender em maior profundidade quais os sustentáculos de suas dificuldades, para encontrar recursos que favorecessem um bom nível de saúde mental.

Tendo em vista este interesse pessoal e o confronto com as informações das duas diferentes interpretações da literatura (religiosa e psi), organizamos uma pesquisa quali-quantitativa para investigar o quadro de saúde mental, no que se refere a presença de sintomas de ansiedade e depressão e mapear se variáveis demográficas, tipos de apoio e processo de adaptação cultural que poderiam estar correlacionadas com o grau de comprometimento mental, caso este fosse de fato confirmado.

Por conta de a amostra ser constituída por missionários que estavam morando fora do Brasil, o uso da estratégia *on-line* de participação foi de suma importância para a realização desta pesquisa. Tratou-se de uma amostra de conveniência cujos participantes iniciais eram da rede social da pesquisadora e por isso tratar-se de um recorte específico, com indivíduos com nível de escolaridade e condição financeira um tanto parecidos.

Evidenciou-se em nossa pesquisa como previsto pela literatura muitos missionários com alto nível de ansiedade e alguns com sintomas depressivos. Em relação à ansiedade 35 (62,4%) apresentaram escore do BAI (Inventário de Ansiedade de Beck) maior que o esperado para a população mundial e brasileira. Obteve-se que a ansiedade estava correlacionada com as seguintes

variáveis: apoio da família conjugal; dedicação exclusiva ao trabalho missionário; nível de escolaridade; situação financeira e condição física; nível de adaptação cultural e tempo de trabalho semanal da atividade missionária.

Embora houvesse a previsão, causou-nos surpresa o número de indivíduos cuja vida pode estar comprometida por nível alto de ansiedade, revelando-se a urgência em aprofundar em estudos e pesquisas qualitativas que permitam a compreensão dessa dinâmica e seja possível investigar esse quadro de ansiedade mais de perto, visto que como apontado pela literatura, o grau de comprometimento de saúde interfere no trabalho missionário, mas, a preocupação é com o adoecimento físico e mental desses indivíduos.

Estes dados também indicam a necessidade de atenção por parte das igrejas e das agências no que se refere aos cuidados de saúde mental aos missionários que estejam em campo de atuação, pois, assim como também apontado pela literatura, encontramos sete (14,3%) participantes com nível de depressão acima do esperado para a população mundial de acordo com BDI (Inventário de Depressão de Beck). Por termos uma amostra predominantemente ansiosa, era de esperar um número baixo de depressão, entretanto, isso pode servir de alerta para a invisibilidade deste sofrimento, pois, os dados obtidos sinalizam que os missionários também são suscetíveis de ficarem deprimidos e desenvolverem um quadro depressivo, o que é preocupante devido à probabilidade de indivíduos nesse sofrimento mental e sem apoio, sofrerem acidentes ou mesmo tentarem suicídio.

Destaca-se que a demanda e o processo de adaptação cultural não são frequentemente considerados na literatura sobre missionários, tendo-se encontrado referências apenas a dificuldades relacionados à burocracia ou hábitos culturais. Entretanto, em nossa amostra verificou-se que 29 (60%) participantes não estavam adaptados culturalmente e, embora, seja uma amostra em que a maioria dos participantes estivessem morando há mais de seis anos fora do Brasil, pode-se pensar em como muitos deles quando estão adaptados a um local são transferidos não só de cidade, mas de país, implicando em um novo processo de adaptação cultural e exigindo seu preço em saúde mental.

Pensamos que a flexibilidade cognitiva poderia ser um recurso interno de enfrentamento para o missionário, em que estando ausente corresponderia

a baixa adaptação cultural, mas não encontramos correlação significativa entre as respostas obtidas da escala de flexibilidade cognitiva e de adaptação cultural utilizadas. É provável, como discutido anteriormente, que por ser a amostra composta por indivíduos que provavelmente utilizavam o *coping* religioso como forma de resposta diante das dificuldades de infraestrutura dos locais de atuação e das perdas somente percebidas quando vivenciadas no campo de atuação, a maior inflexibilidade das crenças religiosas, seja mais efetiva para eles do que a flexibilidade cognitiva em geral, o que também deve ser investigado por futuros pesquisadores.

Indicando algumas das limitações da pesquisa quantitativa em não ser possível o aprofundamento em algumas questões, é importante ressaltar suas vantagens no que se refere à possibilidade de convencer com maior facilidade os prováveis religiosos reticentes, bem como facilitar o desenvolvimento de ações.

Visto que parte da pesquisa foi correlacional, só pode ser afirmado a presença de variáveis que acontecem junto, como pode ser visto no caso dos sintomas de ansiedade que se associam à temática de adaptação cultural que deve ser trabalho de modo mais intensivo na preparação dos missionários, focalizando os aspectos de perda envolvidos, tanto quanto as diferenças de hábitos e costumes, presentes nos treinamentos.

Mas, mesmo considerando as limitações decorrentes de trabalhar qualitativamente por meio de questionários mais restritos ou escalas via *online*, ressaltando ainda os limites de acesso aos missionários que têm uso restrito de *Internet*, devemos ressaltar que esta pesquisa só foi possível por meio de seu uso e que este meio também pode ser desenvolvido para um acompanhamento psicológico a estes indivíduos.

Para finalizar é importante destacar que a família do missionário – quando casado – também precisa ser cuidada e não excluída durante o processo de capacitação e treinamento, bem como durante a atuação deste. Se não foi possível obter muito material no que se refere à saúde mental dos missionários, foi praticamente nula a presença de material psicológico no que se refere à família desses missionários, mas esta aparece como um dos estressores de sua vida.

Na presente Tese procuramos contribuir para a compreensão psicológica de missionários brasileiros protestantes em contextos transculturais visto o escasso material no campo da psicologia no Brasil. Tendo-se obtido que os participantes apresentam nível de ansiedade e depressão acima do esperado, em comparação com a média nacional e internacional, assim como índice baixo de adaptação cultural, considera-se de suma importância o desenvolvimento de programas de preparação, suporte e cuidado psicológico constante aos missionários que atuam em contexto transcultural e maiores investimentos em cursos de capacitação com a finalidade de proporcionar um processo saudável de adaptação cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J.F. DE. **Bíblia de Estudos na Nova Versão Internacional**. São Paulo, Editora Vida, 2013.

ARAUJO, B.F. B. **Adaptação de expatriados organizacionais e voluntários: similaridades e diferenças no contexto brasileiro**. Rev. Adm. São Paulo, v. 47, n. 4, 2012.

AUGSBURGER, D. **Pastoral counseling across cultures**. Westminster, 1986.

AYREE, S.; CHEN, Z. X. Leader-Member Exchange In: **A Chinese Context: Antecedents, The Mediating Role Of Psychological Empowerment And Outcomes**. Journal Of Business Research, 59, 793-801, 2006.

BACON, D. **What is a God-given assignment?** Evangelical missions quarterly, vol 47, p. 60-66, 2001.

BARGH, J.; CHARTRAND T. **The Unbearable Automaticity of Being**. American Psychologist, vol.54. n.7, 462-479, 1999

BENDOR-SAMUEL, P.A. **A missão invertida: a igreja local e as idas e vindas dos missionários** Editora Ultimato, 2014.

BERESFORD, B.A. **Resources and strategies: how parents cope with the care of a disabled child**. Journal of Child Psychology and Psychiatry, 35, 171-209, 1994.

BERKOWITZ, L. **Advances in Social Cognition**, Vol.10, 83-94, 1997.

BERRY, J.W. Migração, aculturação e adaptação. In: **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. DEBIAGGI, S.D. & PAIVA, G.J. (Org). pp. 29-46. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BERNAL, G; RODRÍGUEZ, M.M.D. **Cultural Adaptations: tools for evidence-based practice with diverse populations**, United States of America, 2012.

BERTRAND, H.; GUTIERREZ, M. **COPPEAD**. Estudos em Negócios IV, Org. Mauad Editora Ltda, 2005.

BLACK, J. S. **Work Role Transitions: A Study of American Expatriate Managers in Japan**. Journal of International Business Studies, 19, 277-294, 1988.

BLACK, J. S.; MENDENHALL, Mark. The U-Curve adjustment hypothesis revisited: A review and theoretical framework. Journal of International Business Studies, 22(2), 225-247, 1991

BLAUW, J. **A natureza missionária da igreja**. São Paulo: Editora Aste, 1966.

BORDIEU, P. **Esquisse d'une theorie de La pratique**. Genève, Ed.Droz. 1972.

BOSS, P. A perda ambígua. Em WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. (orgs). **Morte na família: sobrevivendo às perdas**. P. 187-198, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRUCE, F.F. **O cânon das escrituras**. Como os livros da Bíblia vieram a ser reconhecidos como Escrituras Sagradas? São Paulo: Hagnos. 2011.

BURNS, B. **Contextualização missionária: Desafios, questões e diretrizes**. Editora Vida Nova, 2011.

BURNS, B., AZEVEDO, D., CARMINATI, P.B.F. **Costumes e Cultura: Uma introdução a antropologia missionária**. Editora Vida Nova, 1996.

CAMARGO, O. **Brasil sociológico**, 2014.

CAMPBELL, M. **Frontline women: negotiating crosscultural issues in ministry**, p. 31-55, Pasadena, CA: William Carey Library, 2003.

CARR, K. **Trauma and traumatic stress in cross-cultural missions: how to promote resilience**. Evangelical missions quarterly, vol 46, p. 278-285, 2010.

CARDOSO, A.P.S. **O processo de ajustamento intercultural de expatriados brasileiros**. Dissertação de Mestrado. PUC/MG e Fundação Dom Cabral, 2008.

CARIA, M.; RUIZ, S.S. **Comunicação científica intercultural: olhares cruzados sobre os processos psicológicos e comunicacionais**. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 14, número especial, p. 201-212, 2009.

CARPENTER, S. **Battling the overseas blues**. Monitor on psychology. Vol 32 (7), 2001.

CARRIKER, C.T. **Missões na Bíblia. Princípios gerais**. São Paulo: Vida Nova, 1992.

CASTRO, A.L. **A dimensão simbólica no processo da migração familiar**. Jung & Corpo, ano 6, n.6, pp.85-100, 2006.

CENTRO PARA O ESTUDO DO CRISTIANISMO GLOBAL. **Relatório Mundial de 2010**. Estados Unidos, 2010.

CLASSIFICAÇÃO ESTATÍSTICA INTERNACIONAL DE DOENÇAS E PROBLEMAS RELACIONADOS À SAÚDE – CID-10.

CLEVELAND, H.; MANGONE, G.J. & ADAMS, J.C. **The overseas Americans**. New York: Wiley, 1960.

CLEMENGER, B. **Evangelical of Canada**, Religious Liberty Commission, 2002.

CHARTRAND, T. L., & BARGH, J. A. **The chameleon effect: The perception-behavior link and social interaction**. Journal of Personality and Social Psychology, 1999

CHENG, C. **Assessing coping flexibility in real-life and laboratory setting: a multimethod approach**. Journal of personality and social psychology, vol 80, n. 05, 814-833, 2001.

CHURCH, A. T. **So Journey Adjustment**. Psychological Bulletin, 91, 540-572, 1982.

COMFORT, P.W. **A origem da Bíblia**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.

CUNHA, J. **Manual em português das Escalas Beck**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DAMATTA, R. Sobre comida e mulheres. In: **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986.

DAVIS, P.; BAZEMORE, T.; CERVO, J.. **Evaluating impacto f transition seminars on missionary kid's depression, anxiety, stress and well-being**. Journal of Psychology and Theology, vol 38, p. 186-194, 2010.

DEBIAGGI, S.D. Famílias brasileiras em um novo contexto cultural. In: **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**: São Paulo: Paz e Terra, 2005.

DEL PRETTE, Z.A.P.; DEL PRETTE, A. **Habilidades sociais cristãs: desafios para uma nova sociedade**. Editora Vozes, 2003.

DEVILLIS, R.F. **Scale development: theory and applications**. Newbury Park: Sage Publications, 1991.

DICIONÁRIO INTERNACIONAL DO NOVO TESTAMENTO. Editora Vida Nova, 2000.

DIASO, D.A. **Preventing discouragement and keeping church planters productive on the field**. Evangelical missions quarterly, 2010.

DOODS, L.A. **Intensive care community: moving beyond surviving to thriving**. Enhancing missionary vitality: mental health professions serving global mission, p. 415-422, 2002.

DREGER, R.M. **Research design for evaluating the effectiveness of several predictors of acceptance for and success in the Christian missionary enterprise.** An unpublished manuscript, Louisiana State University, July, 1967.

EENINGENBURG, S. **Preparing missionary couples for cultural stress.** Evangelical missions quarterly, vol 44, p. 422-429, 2008.

FALICOV, C.J. **Migración, perdida ambigua y rituals** Perspectivas Sistêmicas. Disponível em <WWW.redsistemica.com.ar/migracion.zhtm>, 2001.

_____. **Working with transnational immigrants:** expanding meaning of family, community, and culture. Family process, 46: 157, 2005

FERNANDES, J.R. **O ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidades.** Cad. Cedes, Campinas, vol 25, n. 67, p. 378-388, 2005.

FERNANDO, A. **Joy and sacrifice in the Lord.** Doing member care well: perspectives and practices from around the world, p. 223-236, Pasadena, CA: William Carey Library, 2002.

_____. **Some thoughts on missionary burnout.** 1999

FOLKMAN, S; LAZARUS, R.S. **An analysis of coping in a middle-aged community sample.** Journal of Health and Social Behavior, 21, 219-239, 1980.

FORMIGA, N; SOUZA, M. **Tipo de orientação cultural e empatia em brasileiros: verificação de um modelo teórico.** Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v.3, n.2., p. 139-161, 2012.

FOYLE, M. **Honourably wounded: stress among Christian workers.** London, 2001.

_____. **Burnout or brownout?**, 1986.

FOX, J. **O livro dos mártires.** 2008. Disponível em <<http://www.youblisher.com/p/644164-O-Livro-dos-Martires-John-Foxe>>. Acesso em 20 nov. 2013.

FREITAS, A. **Traços brasileiros para uma análise organizacional.** Cultura Organizacional e Cultura Brasileira, São Paulo, Atlas, 1997.

FURNHAM, A.; BOCHNER, S. **Culture Shock:** Psychological Reaction to Unfamiliar environments, 1986

GELFAND, M. **Multinational collaborations in culture and psychology. Psychology International.** Newsletter (march), 2013. Disponível em <<http://www.apa.org/international/pi/2013/03/collaborate.aspx>>. Acesso em 12 jan. 2014.

GOMES, A. M. A. (ORG). **Psicologia Social da conversão religiosa**. São Paulo: Editora Reflexão, 2013.

GONZÁLES, J.L., ORLANDI, C.C. **História do movimento missionário**. Editora Hagnos, São Paulo, SP, 2010.

GUNDERSON, E.K. & KAPFER, E.L. **The predictive validity of clinical ratings for a extreme environment**. British Journal of Psychiatry, 112 (485), 1966.

HARVEY, M. **The impact of dual career families on international relocations**. Human Resource Management Review, vol.5, n.3, p. 223-244, 1995.

HAMILTON, A. **New research explores how policy affects immigrants**. Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology. Vol 44 (8), p.12, 2013.

HANFMANN, E. Projective techniques in the assessment program of the Office of Strategic Services. In: A. Anastasi (Ed), **Testing problems in perspective**. Washington, D.C. : American Council on Education, 1966.

HAWTHORNE, S.C. (EDS.) **Missões transculturais**. 4 vols: Perspectiva bíblica, Perspectiva histórica, Perspectiva estratégica e Perspectiva cultural. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

HE, R.; LIU, J. **Barriers of cross cultural communication in multinational firms**. Halmstad School of Business and Engineering, Halmstad., 2010.

HESSELGRAVE, D. **A comunicação transcultural do evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

HICKS, R. **Doing member care in red zones: examples from the middle east**. Doing member care well, 2002.

_____. **Aggression against depression**. 1999.

HIEBERT, P. G. **O Evangelho e a diversidade das culturas**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

_____. **O Evangelho e a diversidade das culturas: um guia de antropologia missionária**. Editora Vida Nova, 2010.

HORTON, D. **Curso para formação de líderes e obreiros**. Editora Vida Nova, São Paulo, 2013.

HOUSTON, T. **Mobilizing a church of the move**. South Hamilton: ICWE, 1998.

HURBUT, J.L. **História da igreja cristã**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

IRVIN, S.M. **Reflexion on missionary redeployment: Caring for the emotional needs of the missionary.** Evangelical Missions Quarterly, vol 44, p. 186-191, 2008.

IRVINE, J.; ARMENTROUT, DP.; MINER, L.A. **Traumatic stress in a missionary population: dimensions and impact.** Journal of Psychology and Theology, vol 34, p. 327-336, 2006.

JANDT, E.E. **Intercultural communication:** introduction, 3ª Ed, 2000.

JEHNG, J. C. Cognitive flexibility and hypertext: theory and technology for the nonlinear and multidimensional traversal of complex subject matter. In; NIX, D.; SPIRO, R. J. (Ed.). **Cognition, education, and multimedia: Cognition, education, and multimedia exploring ideas in high technology.** Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1990

JONES, R.R. The predictive validity of background and training assessments in **Peace Corps selection.** Paper presented at the meeting of the American Psychological Association, Washington, D.C., 1967.

KEIDEL, L.. **Conflict or connections: interpersonal relationships in cross-cultural settings.** Evangelical missions information service, 1996.

KIM, K; SLOCUM, J. W. **Individual Differences And Expatriate Assignment Effectiveness: The Case of U.S. Based Korean Expatriates.** Journal of World Business, 43, 109-126, 2008.

KIMBER, T. **Healthy reentry: the shared responsibility of missionary care.** Evangelical missions quarterly, vol 48, p. 332-338, 2012.

KIVITZ, E.R. **O livro mais mal humorado da Bíblia.** São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

KOSMINSKY, E. **Questões de gênero em estudo comparativos de imigração:** mulheres judias em São Paulo e em Nova York. Cadernos Pagu (23), pp. 279-328, 2004.

KOTESKEY, R.L. **What missionaries ought to know about depression.** Disponível em <www.missionarycare.com>, 2011.

LIDORIO, R. **Plantando igrejas.** Editora Cultura Cristão, 2008.

LIRA, F.J. **Corrupção e pobreza no Brasil.** Maceió: EdUFAL, 2005.

LOSS, M. **Choque transcultural.** Unilit. Santa Fé (Argentina), 1996.

LO, J. **The missionary and porn.** Evangelical missions quarterly, vol 39, n.1, p. 61-64. 2003.

LORDELO, E.R. **A Psicologia Evolucionista e o conceito de cultura.** Estudos de Psicologia, 15(1), Janeiro-Abril/2010, 55-62, 2010.

LOUBACK, C.T.S. **A conjugalidade intercultural de brasileiras: uma análise sistêmicas de posts em blogs.** Dissertação de Mestrado. PUC/SP, 2012.

MALBRY, H.P. **Career change and continuity:** Some social and orientative correlates among active and terminated Methodist missionaries, 1946-1967. An unpublished dissertation, Boston University, 1969.

MAGALHÃES, L.R.G. **Na senda do capital: a expatriação dos executivos brasileiros e suas respectivas famílias: 1956-2005.** São Paulo, 2008

MANN, C.; STEWART, F. **Internet Communication and qualitative research: a handbook for researching online** London: Sage Publications, 2000.

MARTIN, M.M.; RUBIN, R.B. **A new measure of cognitive flexibility. Interpersonal communication competence.** Psychological Reports, 76, 623-626, 1995.

MEER, A. L. **Eu, um missionário? Quando o jovem cristão leva a sério o seu chamado.** Editora Ultimato, 2006.

_____. **Missionário feridos. Como cuidar dos que servem.** Editora Ultimato, Viçosa, MG, 2009.

MENDES, C.M. **Pesquisa on-line: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual.** Hipertextus. Revista Digital, vol 2., 2009.

MILHORANZA, A. **A perseguição religiosa como elemento formativo da igreja cristã e sua teologia.** Azesa, Revista de Estudos Pentecostais, 2013.

MINTZ, S.W. **Comida e Antropologia: uma breve revisão.** Revista brasileira de Ciências Sociais da ANPOCS, São Paulo, v.16, n.47, outubro, 2001.

MISCHEL, W. **Predicting the success of Peace Corps Volunteers in Nigeria.** Journal of Personality and Social Psychology, pp.510-517, 1965.

MOULTON, H. K. **The analytical greek lexicon revised.** Grand rapids, Michigan: zondervan, 1977.

MORE, C.L. **As redes pessoais significativas como instrumento de intervenção psicológica no contexto comunitário.** Paideia, 15 (31), p. 287-297, 2005.

MÜLLER, W.K. **A consciência na cultura e na religião.** Vergonha e culpa como fenômeno empírico do superego/eu ideal. Manual de elêntica. Curitiba: Editora Esperança, 2013.

NASCIMENTO, E.F. VILLAS-BÔAS. **Os missionários da educação e o Instituto Ponte Nova da Bahia.** Revista Lusófona de Educação, n.5, 2005.

NEGRÃO, H. **Limites da Adaptação do missionário**. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/39252940/Limites-da-adaptacao-do-missionario-Heber-Negrao>>

NOCK, A.D. **Conversion: the old and the new in religion from Alexander of Hippo**, London, Oxford University Press, 1933.

NORONHA et AL. **Violência, etnia e cor: um estudo dos diferenciais na região metropolitana de Salvador, Bahia, Brasil**. Ver. Pan. Salud Publica/5, 1999.
OIT. **Relatório da Unicef** “ The State of the world’s children, 2000.

O’KEEFE, P. **Surviving war as a caregiver: a personal account**. Doing member care well, 2002.

OLIVEIRA, A.L.; INOCENTE, N.J.; PAIVA, M.P.V. **Gestão Intercultural: a importância das habilidades sociais e interculturais no contato entre profissionais de diferentes culturas**. VIII Congresso Nacional de Excelência em gestão, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial de 2001**. Suíça, 2001.

ORTA, A. **Conversion: the old and the new in religion from Alexander oh Hippo**. London, Oxford University Press, 2002.

OTTO. R. **O Sagrado**. Lisboa. Edições 70, 1992.

PAIVA, G.J, DEBIAGGI, S.D. **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 29-46, 2004.

PALEARI, G. **As missionárias e os missionários brasileiros além-fronteira**. Rede Ecumênica Latino-Americana de Missiólogos, 2001.

PARGAMENT, K.I. **The many methods of religious coping: development and initial validation of the RCOPE**. Journal of Clinical Psychology, vol. 56, issue 4, p. 519-543, 2000.

PASCOE, R.. **Raising global nomads: parenting abroad in an on-demand world**. Vancouver: Expatriate Press, 2006.

PATTERSON, F. **Missionary trauma on the front lines: bridging the gap between Christian counseling and global missions**. Christian Counseling Today, 11, n. 3, p.18-22, 2003.

PEW RESEARCH CENTER. Disponível em < <http://www.pewresearch.org/>>, 2012

PIOTROWSKI, C. **The status of the Beck Anxiety Inventory**. Psychol Rep 85 (1): 261-2, 1999.

POMPA, C. **Profetas e santidades selvagens**: missionários e caraíbas no Brasil colonial. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, n.40, 2011.

PRICE, M. **Access to care is scarce for immigrants, yet needs are acute**. Monitor on Psychology, vol 38 (9), p. 71, 2007.

REX, J. **Raça e Etnia**. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.

RICHARDSON, D. **O fator Melquisedeque**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

RICOEUR, P. **Ensaio sobre a interpretação bíblica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

ROMERO, C.P. Choque Transcultural. Espanha, 2011.

RUDOLPH, K.D. et al. **Determinants and consequences of children's coping in the medical setting conceptualization, review, and critique**. Psychological Bulletin, 1180, 328-357, 1995.

SANTOS, J.S. **Missão em Cúcuta**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2010.

SAUTER, K. **Culture shock! Successfully navigating the transition phase of ministry**. Evangelical Missions Quarterly, vol 46, p 142-149, 2010.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. **O retorno**: elemento constitutivo da condição do imigrante. Travessia: revista do Migrante. Publicação do CEM – Ano II, número especial, jan, 2000.

SCHUBERT, E. **Missionaries and moods**. Enhancing missionary vitality: mental health professions serving global mission, p. 287-292, 2002.

_____. **What missionaries need to know about burnout and depression**, 1993

SEGUNDO, J. L. **O dogma que liberta**. Editora Paulinas, 1991.

SERVINDO PASTORES E LÍDERES (SEPAL). **RELATÓRIO NACIONAL DE 2010**. Brasil, 2010

SHAFFER, M. A.; HARRISON, D. A.; GREGERSEN, H.; BLACK, J. S.; FERZANDI, L.A. **You Can Take It With You**: Individual Differences And Expatriate Effectiveness. Journal Of Applied Psychology, 91, 109-125, 2006

SHELLING, G. **In Love but worlds apart: insights, questions and tips for the intercultural couple**. Boomington, 2008.

SILVA, E.M. **Gênero, religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e início do XX.** Mandrágora, .14, 2008.

SILVA, M.C.G. DA. **A alimentação e a Culinária de Imigração Italiana no Vale do Itajaí.** Travessia: Revista do Migrante, n.42, jan/abr, pp.29-35, 2002.

_____. **Mistura, Identidade e memória na alimentação de imigrantes brasileiros em Barcelona.** Habitus, v.11, n.1, pp. 65-76, jan/jun. Goiânia, 2013.

SLUZKI, C.E. **A rede social na prática sistêmica:** alternativa terapêutica. São Paulo: A casa do Psicólogo, 2006.

SOUZA, A.A.M. **“Trailing Spouse”: estudo sobre a vivência da cônjuge do executivo expatriado**. Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009

SPECK, V. R. La intervención en red social: Las terapias de red, teoría y desarrollo. **Em La práctica de la terapia de red.** Barcelona: Gedisa, 1989.

SPIRO, R. J. et al. Multiple analogies for complex concepts: antidotes for analogy ñ induced misconceptions in advanced knowledge acquisition. In: VOSNIADOU, S.; ORTONY, A. (Ed.). **Similarity and analogical reasoning. Easoning.** Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 498-531.
SPROUL, R.C. **A alma em busca de Deus.** São Paulo: Ecclesia, 1998.

STAHL, G.; CALIGIURI, P. **The effectiveness of expatriate coping strategies:** the moderating role of cultural distance, position level and time on the internatonl assignment. Journal of Applied Psychology, vol 90, n.04, 603-615, 2005.

Stephenson, J.L. **By one & by twos: building successful relationships between marrieds and singles in ministry.** ABWE, 2008.

STOTT, J. **Crer também é pensar.** São Paulo: ABU Editora, 2012.

TAYLOR, B.C. **Preferred means of hostility expression among missionaries: an exploratory study.** Journal of Psychology and Theology, vol 11, p. 218-225, 1983.

TAYLOR, W., MEER, A. V.D. **Sorrow and blood: Christian mission in contexts of suffering, persecution and martyrdom.** Paperback, 2013.

TUCKER, R. **Até os Confins da Terra.** Vida Nova, 2010

TUNG, R.L. **American expatriates abroad:** from neophytes to cosmopolitans. Journal of Word Business, 33, pp. 125-144, 1998.

VAN OCHS, B. **10 challenges that may make going home look attractive: some of them are real doozies!** Evangelical missions quarterly, 2001.

VENEZIANO, P.S. **Filhos da globalização:** a vivência dos filhos de pais expatriados. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2011

VICEDOM, G. **A missão como obra de Deus – Introdução à teologia da missão.** São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1996.

ZAMBRANO, L. **Brasileiros, ‘brasiguaios’:** história e fatos condicionantes da emigração brasileira para o Paraguai a partir dos anos de 1970. Memorial de qualificação para tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2008.

WACKELKE, J.F.R.; Andrade, A.L. **Influência do recrutamento de participantes em sítios temáticos e comunidades virtuais nos resultados de medidas psicológicas aplicadas pela Internet.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, jul-set, 25 (3), p.357-355, 2009.

WADDEL, G.S. **Missionary bournout: ‘who is adequate for these things?’** Evangelical missions quarterly, vol 44, p; 304-309, 2008.

WICKSTROM, D.L. **Brushing: when things go wrong.** Raising resilientes MKS, 1998.

WILLIAMS, G.R. **All stressed up and everywhere to go! Solution to De-Stressing your life and recovering your sanity.** Colorado Springs, CO: Relationship Resouces, 2010.

WILLIAMS, K. **Sexual purity in missions.** Doing member care well, 2002.

WILSON, J. **Exploring the past, present and future of cultural competency research.** The revision and a expansion of the sociocultural adaptation construct. Unpublished doctoral dissertation. Vicotira University of Wellington, 2013.

WRIGHT, C.J.H. **A missão do povo de Deus:** uma teologia bíblica da missão da igreja. Editora Vida Nova, 2012.

ANEXOS

Anexo 1



Análise psicossociocultural de missionários transculturais

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Os missionários têm realizado um trabalho fundamental para a expansão do Cristianismo.

No entanto, muitos missionários enfrentam dificuldades que não se referem a sua crença em Deus, mas ao pouco apoio local, das igrejas ou ainda, no ato de se relacionar com as pessoas no campo de atuação.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar problemas, fontes de estresse e dificuldades emocionais que o missionário pode viver em sua missão, com a finalidade de elaborar procedimentos de apoio e suporte psicológico.

Caso você se disponha a contribuir deverá estar atuando fora do Brasil ou ter passado por essa experiência recentemente .

Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela Cintia Vilani como parte de sua Tese de Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa tem como objetivo identificar problemas, fontes de estresse e dificuldades emocionais que o missionário pode viver em sua missão, com a finalidade de elaborar procedimentos de apoio e suporte psicológico. Foi desenvolvida pela Cíntia Gemmo Vilani, psicóloga e doutoranda do Programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob orientação da Prof^a Dr^a Rosane Mantilla de Souza.

A pesquisa consiste em 5 questionários que tratam sobre informações gerais e específicas, adaptação cultural, flexibilidade cognitiva e sintomas de ansiedade e depressão.

O tempo máximo de resposta tem sido 30 minutos.

Os dados serão utilizados de maneira confidencial, ficando protegidos por senha de acesso limitado às pesquisadoras. Quando a pesquisa for publicada não haverá possibilidade de identificação dos participantes.

Esta pesquisa atende à resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde do Brasil.

Qualquer dúvida que você tiver durante ou após ter terminado de responder, entre em contato pelo email cgvilani@uol.com.br e responderemos assim que possível.

Fui suficientemente informado a respeito do objetivo e procedimento desta pesquisa.

Compreendo que minha participação é voluntária, que não receberei compensação financeira e poderei solicitar apoio em caso de desconforto produzido por minhas respostas. Estou ciente de que irei responder a um conjunto de questionários via Internet (on-line) e autorizo a divulgação dos resultados obtidos no meio científico, sabendo que minha identidade não será revelada. *



Li e concordo voluntariamente em participar deste estudo.



Não quero participar

Pesquisa de Tese de Doutorado: Análise psicossociocultural de missionários transculturais

1) Sexo *

- ☐ masculino
- ☐ feminino

2) Idade *

3) Profissão *

4. Idade do cônjuge (se for casado)

5. Idade do cônjuge (se for casado)

6. Possui filhos?

- ☒ sim
- ☐ não

7. Os filhos estão morando junto com você?

- ☒ sim
- ☐ não

8) Número de filhos do casamento anterior:



Pesquisa de Tese de Doutorado: Análise psicossociocultural de missionários transculturais

9) Em relação à escolaridade, você possui? *

- ☒ ensino fundamental completo
- ☐ ensino fundamental incompleto
- ☒ ensino médio completo
- ☐ ensino médio incompleto
- ☒ graduação completa
- ☐ graduação incompleta
- ☒ curso de pós graduação completo
- ☐ curso de pós graduação incompleto

10) Você é missionário/a há quanto tempo? *

11) Por qual igreja e/ou agência?

12) Está é a sua primeira missão? *

- ☒ sim
- ☐ não

13) Se sim e, caso possa falar, em qual país você está? Deixe em branco se não quiser responder

14) Caso contrário, em quais países você já esteve e o tempo em que ficou em cada um deles?

15) Você desenvolve atividade missionária, em média quantas horas por semana?

16) Você desenvolve atividades não missionária remuneradas? Se sim, qual (quais) atividade(s) e quantas horas por semana?

17) Como você avalia sua situação financeira atual?

0 1 2 3 4 5

ruim ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ muito boa

18) Como você avalia sua condição física comparada a de outras pessoas de sua idade?

0 1 2 3 4 5

ruim ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ muito boa

19) Como você avalia sua situação missionária atual?

0 1 2 3 4 5

ruim ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ muito boa

20) O que significa ser missionário para você? *

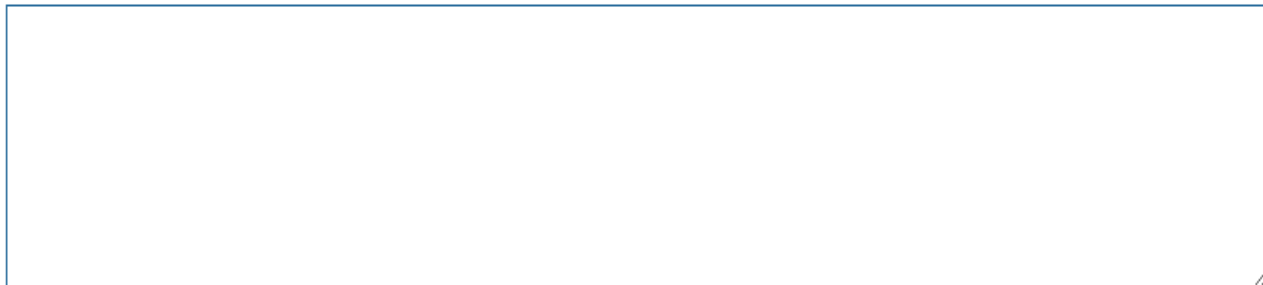
21) Como você acha que a população local avalia o seu trabalho como missionário? *



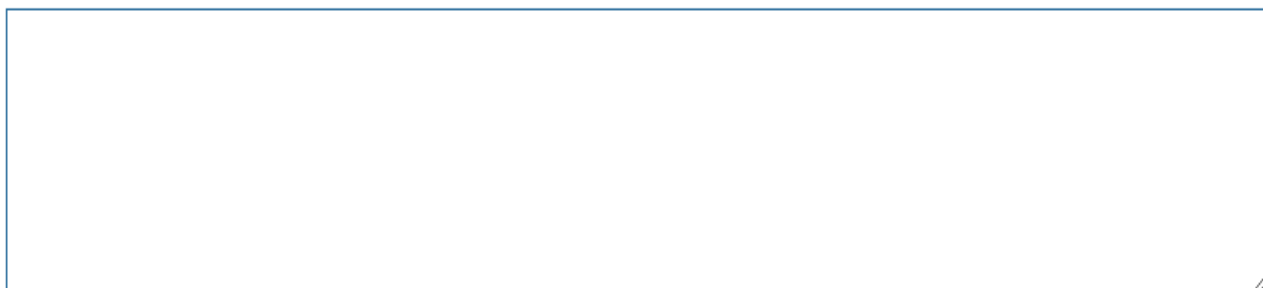
Pesquisa de Tese de Doutorado: Análise psicossociocultural de missionários transculturais

40 %

22) Como você acha que a sua igreja avalia o seu papel de missionário? *



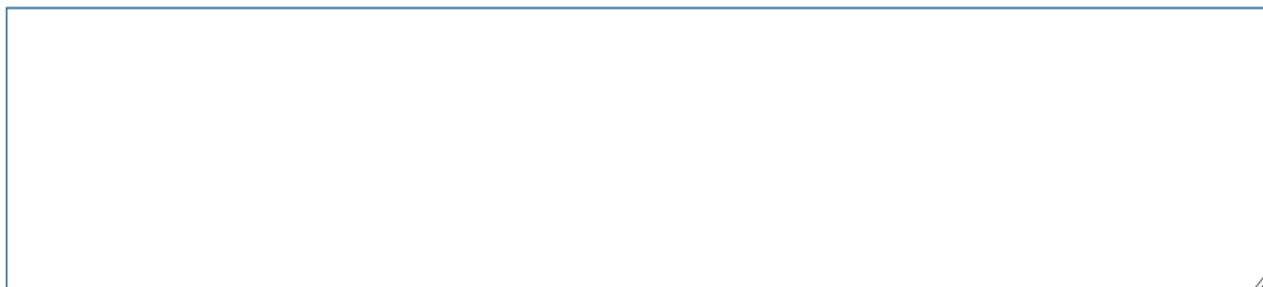
23) Como você acha que sua família (esposo/marido/filhos) avalia o seu papel de missionário? *



24) Como você acha que sua família de origem (mãe/pai/irmãos) identifica o seu papel de missionário? *



25) Para você, qual a importância de ser missionário em contexto transcultural? *



Q2. SCAS-R

Instruções: Viver em culturas diferentes frequentemente envolve o aprendizado e novas habilidades e comportamentos.

Considerando a sua vida em país(es) estrangeiro(s), por favor, avalie sua competência para cada um dos seguintes comportamentos.

(1= não competente, 5= extremamente competente)

1. Construir e manter relacionamentos	☐	☐	☐	☐	☐
2. Gerenciar minhas responsabilidades acadêmicas ou do trabalho	☐	☐	☐	☐	☐
3. Interagir em eventos sociais	☐	☐	☐	☐	☐
4. Manter meus hobbies e interesses	☐	☐	☐	☐	☐
5. Adaptar-me ao nível de agitação do meu bairro/cidade	☐	☐	☐	☐	☐
6. Interpretar com precisão e responder adequadamente aos gestos e expressões	☐	☐	☐	☐	☐
7. Reconhecer expressões faciais de outras pessoas	☐	☐	☐	☐	☐
8. Trabalhar produtivamente com os outros alunos/colegas de trabalho	☐	☒	☐	☐	☐
9. Conseguir os serviços comunitários que preciso	☐	☐	☐	☐	☐
10. Adaptar-me a densidade populacional do local onde estou	☐	☐	☐	☐	☐
11. Compreender e me comunicar na língua do lugar onde estou	☐	☐	☐	☐	☐
12. Obter comentários de outros alunos/colegas de trabalho sobre meu desempenho para melhorá-lo	☐	☐	☐	☐	☐
13. Interpretar corretamente as reações emocionais das pessoas e reagir de forma apropriada	☐	☐	☐	☐	☐
14. participar de atividades da comunidade ou comparecer a elas	☐	☐	☐	☐	☐

15. reconhecer os locais e chegar onde desejo

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

16. interagir com pessoas do sexo oposto

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

17. expressar minhas ideias para outros alunos/colegas de trabalho de maneira adequada à cultura

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

18. lidar com a burocracia

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

19. me adaptar ao ritmo de vida

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

20. ler e escrever (na língua local)

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

21. adequar meu comportamento às normas sociais, regras, atitudes, crenças e costumes (locais)

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

Q3. BAI

Instruções: Abaixo temos uma lista de sintomas comuns à ansiedade.
Favor assinalar cada item da lista cuidadosamente.
Indique agora os sintomas que você apresentou durante a última semana, incluindo hoje.

Assinale o espaço correspondente a cada sintoma:

0= ausente

1= suave

2= moderado, é desagradável mas consigo suportar

3= severo, quase não consigo suportar

1. Dormência ou formigamento

☐ ☐ ☐ ☐

2. Sensação de calor

☐ ☐ ☐ ☐

3. Tremores nas pernas

☐ ☐ ☐ ☐

4. Incapaz de relaxar

☐ ☐ ☐ ☐

5. Medo que aconteça o pior

☐ ☐ ☐ ☐

6. Atordoado ou tonto

☐ ☐ ☐ ☐

7. Palpitação ou aceleração do coração

☐ ☐ ☐ ☐

8. Sem equilíbrio

☐ ☐ ☐ ☐

9. Aterrorizado

☐ ☐ ☐ ☐

10. Nervoso



11. Sensação de sufocamento

Q4. EFC

Instruções: As seguintes afirmações se referem às suas crenças e sentimentos a respeito do seu próprio comportamento.

Leia cada afirmação e responda considerando o número que melhor representa sua concordância com cada afirmação.

(1= discordo totalmente; 6= concordo totalmente)

1 . Sou capaz de comunicar uma ideia de muitas maneiras diferentes

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

2. Eu evito situações novas e incomuns

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

3. Eu me sinto como se nunca conseguisse tomar decisões

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

4. Eu consigo encontrar uma solução viável para problemas aparentemente insolúveis

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

5. Eu raramente tenho dúvidas ao decidir como me comportar

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

6. Estou disposto a trabalhar em soluções criativas para problemas

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

7. Sou capaz de agir de forma adequada em qualquer situação

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

8. Meu comportamento é resultado de minhas decisões conscientes

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

9. Sou capaz de me comportar de diferentes maneiras em uma determinada situação

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

10. Tenho dificuldade em usar meus conhecimentos em situações concretas da vida real

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

11. Estou disposto a ouvir e considerar alternativas para tratar um problema



12. Tenho a autoconfiança necessária para tentar maneiras diferentes de me comportar

Q5. BDI

Instruções: Neste questionário existem grupos de afirmativas.

Por favor, leia com atenção a cada uma delas e selecione a afirmativa que melhor descreve como você se sentiu na semana que passou, incluindo o dia de hoje.

Assinale no quadrado ao lado da afirmativa que você selecionou.

Certifique-se de ter lido todas as afirmativas antes de fazer sua escolha.

1 *

- ☐ Não me sinto triste
- ☐ Eu me sinto triste
- ☐ Estou sempre triste e não consigo suportar
- ☐ Estou tão triste ou infeliz que não consigo suportar

2 *

- ☐ Não estou especialmente desanimado quanto ao futuro
- ☐ Eu me sinto desanimado quanto ao futuro
- ☐ Acho que nada tenho a esperar
- ☐ Acho o futuro sem esperança e tenho a impressão de que as coisas não podem melhorar

3 *

- ☐ Não me sinto um fracasso
- ☐ Acho que fracassei mais do que uma pessoa comum
- ☐ Quando olho para trás, na minha vida, tudo o que posso ver é um monte de fracassos
- ☐ Acho que, como pessoa, sou um completo fracasso

4 *

- ☐ Tenho tanto prazer em tudo como antes
- ☐ Não sinto mais prazer nas coisas como antes
- ☐ Não encontro um prazer real em mais nada
- ☐ Estou insatisfeito ou aborrecido com tudo

5 *

- ☐ Não me sinto especialmente culpado
- ☐ Eu me sinto culpado grande parte do tempo
- ☐ Eu me sinto culpado na maior parte do tempo
- ☐ Eu me sinto sempre culpado

6 *

- ☐ Não acho que esteja sendo punido
- ☐ Acho que posso ser punido
- ☐ Creio que vou ser punido
- ☐ Acho que estou sendo punido

7 *

- ☐ Não me sinto decepcionado comigo mesmo
- ☐ Estou decepcionado comigo mesmo
- ☐ Estou enojado de mim
- ☐ Eu me odeio

8 *

- ☐ Não me sinto de qualquer modo pior que os outros
- ☐ Sou crítico em relação a mim por minhas fraquezas ou erros
- ☐ Eu me culpo sempre por minhas falhas
- ☐ Eu me culpo por tudo de mal que acontece

9 *

- ☐ Não tenho quaisquer ideia de me matar
- ☐ Tenho ideia de me matar, mas não as executaria
- ☐ Gostaria de me matar
- ☐ Eu me mataria se tivesse oportunidade

10 *

- ☐ Não choro mais que o habitual
- ☐ Choro mais agora do que costumava
- ☐ Agora, choro o tempo todo
- ☐ Costumava ser capaz de chorar, mas agora não consigo, mesmo que o queira

11 *

- ☐ Não sou mais irritado agora do que já fui
- ☐ Fico aborrecido ou irritado mais facilmente do que costumava
- ☐ Agora, eu me sinto irritado o tempo todo
- ☐ Não me irrito mais com coisas que costumavam me irritar



Pesquisa de Tese de Doutorado: Análise psicossociocultural de missionários transculturais

90 %

12 *

- ☐ Não perdi o interesse pelas outras pessoas
- ☐ Estou menos interessado pelas outras pessoas do que costumava estar
- ☐ Perdi a maior parte do meu interesse pelas outras pessoas
- ☐ Perdi todo o interesse pelas outras pessoas

13 *

- ☐ Tomo decisões tão bem quanto antes
- ☐ Adio as tomadas de decisões mais do que costumava
- ☐ Tenho mais dificuldade de tomar decisões do que antes
- ☐ Absolutamente não consigo mais tomar decisões

14 *

- ☐ Não acho que de qualquer modo pareço pior do que antes
- ☐ Estou preocupado em estar parecendo velho ou sem atrativo
- ☐ Acho que há mudanças permanentes na minha aparência, que me fazem parecer sem atrativo
- ☐ Acredito que pareço feio

15 *

- ☐ Posso trabalhar tão bem quanto antes
- ☐ É preciso algum esforço extra para fazer alguma coisa
- ☐ Tenho que me esforçar muito para fazer alguma coisa
- ☐ Não consigo mais fazer qualquer trabalho

16 *

- ☐ Consigo dormir tão bem como o habitual
- ☐ Não durmo tão bem como costumava
- ☐ Acordo de 1 a 2 horas mais cedo que habitualmente e acho difícil voltar a dormir
- ☐ Acordo várias horas mais cedo do que costumava e não consigo voltar a dormir

17 *

- ☐ Não fico mais cansado do que o habitual
- ☐ Fico cansado mais facilmente do que costumava
- ☐ Fico cansado em fazer qualquer coisa
- ☐ Estou cansado demais para fazer qualquer coisa

18 *

- ☐ O meu apetite não está pior do que o habitual
- ☐ Meu apetite não é tão bom como costumava ser
- ☐ Meu apetite é muito pior agora
- ☐ Absolutamente não tenho mais apetite

19 *

- ☐ Não tenho perdido muito peso se é que perdi algum recentemente
- ☐ Perdi mais do que 2 quilos e meio
- ☐ Perdi mais do que 5 quilos
- ☐ Perdi mais do que 7 quilos
- ☐ Estou tentando perder peso de propósito, comendo menos
- ☐

20 *

- ☐ Não estou mais preocupado com minha saúde do que o habitual
- ☐ Estou preocupado com problemas físicos, tais como dores, indisposição do estômago ou constipação
- ☐ Estou muito preocupado com problemas físicos e é difícil pensar em outra coisa
- ☐ Estou tão preocupado com meus problemas físicos que não consigo pensar em qualquer outra coisa

21 *

- ☐ Não notei qualquer mudança recente no meu interesse por sexo
- ☐ Estou menos interessado por sexo do que costumava
- ☐ Estou menos interessado por sexo agora
- ☐ Perdi completamente o interesse por sexo

